



Isabela Cristina Martins Gonçalves Sena

**Sistemas de cuidados de mães e babás
na família contemporânea**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Orientadora: Prof.^a Luciana Fontes Pessôa

Rio de Janeiro

Janeiro de 2020



Isabela Cristina Martins Gonçalves Sena

**Sistemas de cuidados de mães e babás
na família contemporânea**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Profa. Luciana Fontes Pessôa

Orientadora

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Rebeca Nonato Machado

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Deise Maria Leal Fernandes Mendes

Instituto de Psicologia - UERJ

Rio de Janeiro, 18 de fevereiro de 2020.

Todos os direitos reservados. É proibida à reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Isabela Cristina Martins Gonçalves Sena

Graduou-se em Psicologia pela Universidade Católica de Goiás em 2001. Possui especialização em Psicodrama Terapêutico pela Universidade Católica de Goiás – UCG; MBA em Gestão de Pessoas pela Fundação Getúlio Vargas e em Psicoterapia de Família e Casal pela Puc- Rio. Atualmente pesquisa sobre práticas e crenças de cuidado sob o viés da Psicologia do Desenvolvimento. Participou de congressos na área de Psicologia.

Ficha Catalográfica

Sena, Isabela Cristina Martins Gonçalves

Sistemas de Cuidados de mães e babás na família contemporânea / Isabela Cristina Martins Gonçalves Sena; orientadora: Luciana Fontes Pessôa. – 2020
130 f.; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2020.
Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Mães. 3. Babás. 4. Família. 5. Práticas de cuidado. 6. Crenças. I. Pessôa, Luciana Fontes. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III Título.

CDD:150

Ensina a criança segundo os objetivos que você tem pra ela, e mesmo com o passar dos anos não se desviará deles. Pv. 22.6 NVI

Agradecimentos

A Deus, criador e sustentador da minha vida.

Ao Alexandre, meu maior incentivador, parceiro incansável em todos os momentos, amigo, companheiro de jornada. Meu amor e gratidão por você!

A minha querida filha Bia, que abriu mão da companhia da mamãe em muitos momentos, para a realização desse sonho. Por ficar sentada ao meu lado sempre disposta a ajudar e o fez com muito zelo.

A meus pais, responsáveis pelas minhas primeiras interações, pelo ensino de inúmeras crenças e práticas de cuidado, que ainda hoje permanecem vivas!

A profa. Dra. Luciana, que aceitou o desafio de me orientar e o fez sempre com muita competência, disposição e alegria. Obrigada pelos inúmeros aprendizados proporcionados!

A profa. Dra. Deise que esteve presente na qualificação e aceitou o convite de estar presente mais uma vez. Obrigada por suas contribuições tão assertivas!

A profa. Dra. Rebeca, pela presença na banca e por ter acompanhando parte da minha formação profissional no curso de Especialização de Casal e Família desta instituição.

Aos amigos Samuel e Ana Lins, grandes incentivadores da jornada acadêmica, presentes, mesmo que distantes, em todo o processo do Mestrado.

A profa. Dra. Carolina Alonso, querida amiga, que abriu mão do seu descanso para dar uma aula sobre análise de conteúdo e disponibilizar textos sobre amostragem por “bola de neve”.

As queridas: Rayane, Raphaella, Juliana, Cláudia e Denise, que foram peças-chaves na indicação das mães que participaram da pesquisa. Muito obrigada!

Ao Grupo de Pesquisa em Psicologia – Desenvolvimento Humano: biologia&cultura, coordenado pela minha orientadora.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

A todas as mães, que abriram suas casas, outras que me receberam nos ambientes profissionais, todas interessadas, curiosas e felizes por contribuir com a pesquisa. Meu agradecimento àquelas que foram indicando outras amigas e montaram uma rede de participantes.

As babás tão queridas, que incontáveis vezes agradeceram por terem sido notadas em um universo cheio de afazeres. Que revelaram suas emoções e foram tão sinceras nas suas contribuições para a construção desse estudo.

Aos professores e demais funcionários do Programa de Pós- Graduação da Puc-Rio, por proporcionarem um ambiente propício para o aprendizado, o debate e para a troca de conhecimentos.

A Marcelina e demais integrantes da secretaria do PPG, por estarem sempre atentos as necessidades dos discentes

Ao Tiago por todo apoio.

Resumo

Sena, Isabela Cristina Martins Gonçalves; Pessôa Luciana Fontes. **Sistemas de cuidados de mães e babás na família contemporânea**. Rio de Janeiro, 2020. 130p. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

As transformações socioculturais no Ocidente influenciaram profundamente a família contemporânea. As mudanças no papel da mulher e o seu deslocamento para o ambiente profissional fizeram com que os cuidados realizados com crianças pequenas fossem compartilhados por outros cuidadores, como por exemplo, as babás. O objetivo da pesquisa foi identificar as práticas e crenças de cuidado infantil realizado por mães e babás de famílias nucleares, e assim, comparar tais achados. O estudo de cunho qualitativo entrevistou 15 duplas de mães e babás, com filhos de até três anos de idade. As famílias residiam na zona sul do Rio de Janeiro. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, contendo nove questões, além das cinco imagens referentes aos sistemas parentais de Keller (2005). A maioria das mães apresentou escolaridade superior, enquanto as babás, ensino fundamental incompleto a ensino médio completo. Os resultados demonstraram que mães e babás estabeleceram ordens semelhantes para as figuras dos sistemas parentais de cuidado. Outro dado identificou 12 categorias comuns referentes à prática de cuidados infantil desempenhada por mães e babás. A maioria das cuidadoras relatou a transmissão de crenças pessoais para as crianças a partir da interação e da prática de cuidados. O trabalho concluiu que as crenças e práticas dos cuidadores são fundamentais para o desenvolvimento infantil na primeira infância.

Palavras- chave

Mães; babás; família; práticas de cuidado; crenças.

Abstract

Sena, Isabela Cristina Martins Gonçalves; Pessôa Luciana Fontes (Advisor). **Mother and nanny care systems in the contemporary family.** Rio de Janeiro, 2020. 130p. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Sociocultural transformations in the West have profoundly influenced the contemporary family. Changes in the role of women and their shift to the professional environment meant that care provided to young children was shared by other caregivers, such as nannies. The objective of the research was to identify childcare practices and beliefs carried by mothers and nannies from nuclear families, and thus compare these findings. The qualitative study interviewed 15 pairs of mothers and nannies, with children up to three years old. The families lived in the south of Rio de Janeiro. Semi-structured interviews were conducted, containing nine questions, in addition to the five images referring to Keller's parental systems (2005). Most mothers had higher education, while nannies, incomplete elementary school to complete high school. The results showed that mothers and nannies established similar orders for the figures of parental care systems. Another finding identified 12 common categories referring to the practice of child care performed by mothers and nannies. Most caregivers reported the transmission of personal beliefs to children from interaction and care practice. The paper concluded that caregivers' beliefs and practices are fundamental to early child development.

Keywords

Mothers; nannies; family, care practices; beliefs.

Sumário

1	Introdução	10
2	Histórico da Família.....	15
3	Crenças Parentais.....	34
4	Revisão de Literatura	46
5	Justificativa.....	55
6	Objetivos	56
6.1	- Objetivo Geral	56
6.2	- Objetivos Específicos.....	56
7	Método	57
7.1	- Delineamento do Estudo:.....	57
7.2	- Tarefas.....	58
7.3	- Procedimentos de coleta e análise dos dados	58
7.4	- Questões éticas	60
8	Resultados e Discussão.....	62
9	Considerações finais	116
10	Referências bibliográficas	120
11	Anexo	125

1 Introdução

A história da família tem relação direta com a história da civilização. Ao observar de acordo com a perspectiva religiosa, percebo que a família estava presente desde a criação do mundo. A investigação da origem da família também pode partir do conhecimento artístico/cultural na história. Na civilização egípcia, asiática e europeia, os mitos da criação demonstravam a tentativa de compreender a existência do universo partindo da premissa da existência da família. Este conceito pode ser observado na mitologia grega. Portanto, o sentimento de família ultrapassa qualquer tentativa de definição porque parece ser intrínseco ao homem.

No entanto, a história e o conceito de família foram alterados, à medida que as gerações foram se transformando. Quando retrato a família da Idade Média, descrevo acerca da existência de pais e filhos em um ambiente no qual não existia um sentimento profundo nessa instituição. Isso não significava que os pais não amassem sua prole. O afeto e o apego eram mensurados pela contribuição que a criança poderia trazer à família, principalmente nas famílias de baixa renda. Outro dado relevante deste período relacionava a ausência de separação entre ambientes destinados aos adultos e as crianças. A partir dos sete anos, a criança saía de casa para trabalhar e ser criada por outra família.

Em meados do século XV, a família começava a modificar suas concepções. A criança, que antes dividia ambientes com adultos, retornou para perto dos pais, fazendo com que a família concentrasse esforços na sua criação. Portanto, havia uma maior preocupação dos pais por seus respectivos filhos, no intuito de não abandoná-los. A função paterna era vista sob três aspectos principais. O primeiro sendo retratado pelo controle da mulher. O segundo

referente a aspectos da educação dos filhos e o último, o governo dos servos e criados.

Outro dado que atravessa a história da família foram às rupturas matrimoniais que fragilizavam a identidade da mulher da criança. Os filhos eram privados da companhia e do afeto materno, pois as mães, muitas vezes, não conseguiam suprir financeiramente sua prole. Algumas mulheres precisavam retornar para suas famílias de origem ou eram destinadas a viver em conventos.

Na família moderna, a vida particular e social começou a se distinguir. Surgiu uma valorização da criança, tornando-a consumidora da energia familiar. As famílias deixaram de ser numerosas como anteriormente e, núcleos familiares deixaram de compartilhar os mesmos espaços.

O conceito vigente de família na idade moderna ficou conhecido como “família nuclear”, composta por pai, mãe e filhos. Essa estrutura perpetuou até o final do século XIX e início do século XX. A formação dessa família ainda se estabelecia pelo casamento, reforçando a transmissão de nomes e bens e, considerando o afeto entre os membros. Nesse arranjo havia uma hierarquia vertical entre pais e filhos, muito provavelmente estabelecida pelo patriarcado.

Na modernidade, a mulher despontou para o ambiente profissional e se fez necessário estabelecer novas estruturas para absorver as crianças. Nesse contexto, creches foram implantadas para auxiliar as mães que precisavam retornar para o mercado profissional. Os primeiros espaços destinados ao cuidado com crianças pequenas foram criados pelo governo, a formação dos profissionais responsáveis era quase sempre muito baixa e, os locais, ofereciam pouco aparato pedagógico.

No final do século XX e início do século XXI, a família passou a ser denominada como “família contemporânea”, com características singulares. Os

casamentos deixaram de ser estabelecidos por contratos ou tradição. Eles não têm o intuito de manter um sobrenome. Nessa nova formatação valoriza-se o sentimento desenvolvido pelos pares, o desejo de estar junto, o afeto. O “para sempre” deixa lugar para o “até que consigamos viver bem um com o outro”. Quando este movimento deixa de acontecer, a relação pode ser desfeita a fim de se estabelecer uma nova união, pois na contemporaneidade o que importa é a felicidade.

No cenário contemporâneo há, também, as famílias recasadas, com filhos de outros relacionamentos convivendo entre si. Portanto, a família nuclear deixa de ser o modelo vigente e começa a surgir novas composições nesse contexto, como as famílias monoparentais e homoparentais.

Outra característica desse período se refere aos cuidados com crianças pequenas. As constantes mudanças sociais influenciaram as famílias e muitas precisam estabelecer uma nova estrutura frente às demandas existentes. O retorno da mulher ao mercado profissional após o período da licença-maternidade exige adaptações na rotina da família. Nesse momento, algumas recorrem a uma profissional que poderá desempenhar os cuidados com a criança: a babá. Durante o período colonial, essa figura permeava a “casa grande”, exercendo o papel de ama de leite. Depois ela era responsável por introduzir aspectos da alimentação e da cultura. Atualmente, essas profissionais parecem desempenhar papéis parecidos com o período colonial. Muitas participam da vida da criança desde os primeiros dias e desempenham os cuidados básicos, como alimentação, trocas e banho. O vínculo estabelecido entre a díade babá/bebê poderá ser objeto de ciúmes e disputa pela mãe, que muitas vezes não participa com a mesma intensidade da vida da criança. Outro dado que merece atenção nessa relação

deve-se ao fato da babá trazer elementos de sua vivência sociocultural e que será transmitida a criança a partir da interação. Se porventura tais elementos não forem condizentes com os valores da família da criança, possíveis desentendimentos poderão ocorrer.

O presente estudo tem a finalidade de apontar as práticas de cuidados infantis desempenhadas por mães e babás na atualidade. Contudo, é necessário traçar esse percurso a partir da história em que a família ocupa na humanidade. Em segundo lugar, é preciso considerar como os valores e as crenças são transmitidas a criança, contribuindo para o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e relacional.

Nesse sentido, o caminho adotado aponta para a história da família ao longo tempo. É possível acompanhar a trajetória dessa instituição ao longo da Idade Média, onde não se fazia distinção da vida pública e privada. Após esse período, os espaços começam a adquirir contorno, fazendo surgir o “sentimento de família”.

Na modernidade, os casamentos deixam de ser legitimado pelas questões de parentesco, o divórcio começa a ser vivenciado pelas famílias e novos arranjos começam a surgir. A tradicional família nuclear, composta por pai, mãe e filhos começa a conviver com outros indivíduos que são inseridos nesse contexto.

Na contemporaneidade, a presença da fluidez na família torna sua existência ainda mais dinâmica. A valorização da liberdade, da escolha, do respeito, do desejo de ter ou não filhos, da horizontalização nas relações demarcam as inúmeras possibilidades de se vivenciar a família. É certo que a

característica da individualidade, do “amor confluyente”, tende a um esvaziamento nas relações que são estabelecidas.

Quando se trata dos papéis que são desempenhados na família, nota-se a figura paterna mais envolvida na criação dos filhos, contudo ainda recaem sobre a mulher os cuidados com crianças, de forma geral. Nesse cenário, as babás podem surgir como figura importante que auxilia a família, principalmente quando há crianças pequenas. Em função dos cuidados compartilhados e práticas adotadas, essas cuidadoras também poderão influenciar no desenvolvimento infantil dessas crianças, transmitindo seus valores e crenças.

As crenças serão transmitidas desde as primeiras relações e são determinantes na ampliação de conteúdos socioculturais. Estão diretamente relacionadas às rotinas, decisões e escolhas que os cuidadores têm a respeito do que desejam para seus filhos e, funcionam como modelos de cuidados relativos à socialização da criança.

Os modelos de parentalidade, exercidos pelos cuidadores, desde os primeiros anos de vida, serão fundamentais para o desenvolvimento do *self* da criança. Os estudos em diferentes culturas apontam para seis sistemas: contato corporal, estimulação corporal, estimulação por objetos, contato face-a-face, cuidados básicos e envelope narrativo. A pesquisa realizada priorizou os cinco primeiros sistemas, que foram apresentados por cinco figuras que representam tais sistemas.

Diante do cenário atual em que diferentes cuidadores são inseridos na família, o estudo objetiva investigar quais são as práticas e crenças de mães e babás, na zona sul do Rio de Janeiro, com filhos de zero a três anos de idade.

2 Histórico da Família

Independente do tempo, época ou cultura, a instituição família permanece acompanhando as transformações, modificando sua estrutura, porém, sem perder o lugar de refúgio e proteção (Ariès, 1987). Não há como conceber o ser humano sem fazer referência ao seu primeiro núcleo de desenvolvimento emocional, social ponto de partida para as futuras relações. De acordo com Ackerman (1971), a família é a unidade viabilizadora do crescimento que poderá resultar em aspectos positivos ou não, para a saúde ou doença.

Embora existam algumas definições acerca da palavra família não há um denominador comum capaz de abarcar seu significado. Não é possível estabelecer um conjunto de valores fechados para servir de análise a fim de conceitua-la (Cervený, 2000). No entanto, uma trajetória desse fenômeno pode ser encontrada em algumas definições mais amplas, que caracterizam o termo família como indivíduos do mesmo sangue, linhagem, ascendência e que vivem na mesma casa (Cervený, 2000). Ou ainda o conceito apresentado por Ferreira (2010), que trata essa terminologia como sendo especificamente: pai, mãe e filhos. Pinheiro e Biasoli-Alves (2008) afirmam que o termo família foi cunhado na Roma Antiga com a finalidade de explicar uma nova formatação de grupo social que tinha como característica o patriarcado submetido à hierarquia de escravidão.

Segundo Da Matta (1987), além de ser um grupo social, a família se constitui como um valor que vai além dos laços genéticos, fortalecendo-se através de um convívio duradouro e intenso, coexistindo em uma rede de relacionamentos. Pode-se observar que o conceito de família foi alterado em decorrência de algumas mudanças sociais. Nesse aspecto, Pinheiro e Biasoli-Alves (2008) sugerem três principais momentos históricos. O primeiro trata do

feudalismo, no qual a constituição familiar era de muitos membros dividindo o mesmo espaço comum e possuindo diversos bens materiais. Um segundo momento foi o da burguesia, na qual a família conquistou os direitos legais estabelecidos pelo Estado. Por último, a família nuclear, sendo menos numerosa que as demais, normalmente com a composição: pai, mãe e filhos. Nessa estrutura, o pai ainda representava a figura de autoridade e a mãe desempenhava o papel de “rainha do lar”.

A Idade Média apresenta uma família com contornos bem singulares para a época. Marido e mulher viviam uma relação conjugal na qual cada um administrava seus recursos materiais. Embora houvesse a autoridade masculina sobre o lar, era permitido a mulher reger sua vida financeira. No entanto, com o passar do tempo esse direito deixou de existir, tornando assim o homem detentor não somente da autoridade, mas de tudo o que diz a respeito da vida conjugal.

Ainda no século XVII, família e sociedade não se separavam. As relações familiares obedeciam a critérios hierárquicos, submetidos pelo rigor da lei, assim como a resolução de conflitos. A figura paterna era objeto de obediência e respeito por parte dos integrantes da família e o sentimento de amor não era valorizado, nem sequer havia espaço para o mesmo (Ariès, 1978).

No decorrer desse período, valorizava-se a posição ocupada pelo indivíduo na sociedade. O lugar mais importante destinava-se para a amizade, que era a relação social mais intensa. Nas conversas, os assuntos domésticos não eram bem vistos, pois se valorizava a arte, a dança e o canto. Não havia como desenvolver o sentimento de família, pois esta ocupava espaço secundário na vida do homem. Segundo Ariès (1978), para o surgimento deste sentimento era necessário um mínimo de segredo e intimidade doméstica.

De acordo com Roudinesco (2003), no final do século XVII e início do século XVIII, há uma transformação desses valores. Com o retorno da criança ao ambiente familiar, graças a escola, o sentimento de família e o sentimento de infância envolveu uma mudança social. O afeto entre os cônjuges tornou-se fundamental e abriu-se um campo para a relação pais e filhos. O cuidado com as crianças, de certa forma, obrigou a família a voltar-se para dentro de si, afastando-a dos locais públicos, favorecendo a intimidade e distanciando da sociabilidade, sugerindo uma necessidade de isolar-se. Tal característica demarcou essa distinção até mesmo dentro das casas. A partir desse período houve uma organização na disposição dos ambientes internos, com a delimitação de quartos, salas, casas de banho. Essa demarcação estabelece um local que ofereça proteção quanto ao meio externo. A família deixa de se preocupar com questões ligadas a linhagem e ao patrimônio, para obter uma estrutura nuclear formada por pais e filhos.

Ao fazer referência sobre a família nuclear ou restrita, Roudinesco (2003) a denomina como sendo composta por pai/mãe e filhos, podendo ainda incluir parentes ou pessoas próximas que compartilham dessa unidade, e aponta três grandes momentos de evolução na família. O primeiro destaca-se pelo tradicionalismo na família, onde casamentos são realizados para que o patrimônio seja mantido. O segundo momento trata da família na modernidade. Nesse período, o casamento é validado pelo amor romântico e já se observa uma divisão de tarefas entre pais e mães. O último momento aborda a família contemporânea marcada pela busca da satisfação sexual entre o casal. Separações e novos arranjos são experimentados entre os cônjuges.

Os divórcios começaram a ganhar espaço na sociedade a partir do século XVII, sendo primeiramente moderados pela Igreja e somente depois de 1891 eles passaram a ser analisados pelos tribunais eclesiástico e civil. Contudo, a Igreja exercia relativa pressão para a indissolubilidade. As mulheres, ao longo desse período, recorreram mais a essa alternativa do que os homens e os motivos eram da ordem do adultério, maus-tratos, abandono do lar ou permissão de ambos os cônjuges (Samara, 1993).

Torna-se importante acrescentar que o divórcio passa a estabelecer um novo padrão na vida dos pais e da criança, surgindo à necessidade de adaptação da família a nova realidade. A ruptura da relação marital não significa o fim da família. Os pais continuam sendo responsáveis pelos filhos e precisam continuar os cuidados parentais para a manutenção de um vínculo satisfatório (Cardoso, 2011).

No contexto da família moderna percebe-se uma mudança no aspecto institucional. Ela deixa de ser o modelo que transmite bens e valores e revela uma preocupação quanto ao aspecto de formação moral e espiritual. O afeto também é valorizado nas relações e a intimidade se configura como uma necessidade desse contexto (Áries, 1978). Uma grande evidência da passagem da família tradicional para a moderna é a constatação de que esse grupo está separado da sociedade e tem uma relação mais próxima entre pais e filhos.

No Brasil, a construção da família moderna acompanhou o desenvolvimento do período colonial. Percebe-se que as relações eram estabelecidas pelo parentesco, por lealdades pessoais, tornando o casamento e a família uma instituição vertical. A união entre cônjuges ocorria através de um contrato ofertado pelo pai da moça. As etapas eram noivado, dispensa de impedimentos

(caso houvesse), decreto e cerimônia propriamente dita. Nas relações conjugais, homens e mulheres seguiam princípios determinados para cada gênero. Assim, cabia à mulher submeter-se ao marido, restringindo-se ao ambiente do lar e, ao homem, o exercício da atividade profissional e o lazer nas ruas, bares e casas de prostituição (Campos, 2003).

No final do século XIX há uma mudança desse modelo porque os casamentos deixaram de ser exogâmicos e as famílias tornaram-se mais horizontais. Tal fator deve ser entendido a partir da alteração do modelo patriarcal, pois tal composição não era a mais representativa da realidade brasileira (Freyre, 2006).

Jablonski (1994) afirma que apenas no século XX três tipos de família são vistas convivendo entre si: a família tradicional, a família moderna e a família pós-moderna. A família tradicional, segundo o autor, retrata a produção econômica, o patriarcado e o casamento com fins a aspectos funcionais, em que os membros convivem com a comunidade e demais parentes. A família moderna, ou também denominada de psicológica, está aberta às mudanças sociais, e possui característica individualista. A ênfase relacional é no núcleo interno (pai, mãe e filhos), e não mantém o mesmo contato com o meio externo (comunidade e parentes) e é mais voltada para o aspecto afetivo. A família pós-moderna ou pluralista constitui-se de diversos arranjos, demonstra, portanto, aspectos flexíveis e dinâmicos.

No século XXI, a família não desapareceu, contudo ela assume características de uma contemporaneidade, modificando tanto no formato como na existência (Singly, 2010). Por tal apresentação torna-se inviável conceituar família dentro de um único modelo, pois ela assimila contornos e singularidades que

refletem o contexto pós-moderno. Se antes a família era pautada na formação tradicional, onde prevalecia os laços sanguíneos, atualmente encontra fundamentação em uma vivência harmoniosa entre pais e filhos. Esta observação pode ser realizada em diversas formatações: pais separados, pais recasados, pais com outros companheiros e pais do mesmo sexo (Pinheiro & Basioli-Alves, 2008).

De acordo com essas autoras, a família deixa de ser numerosa, porém, se torna mais frágil, pois as relações materno-paternas são estabelecidas sob uma nova disposição. Outros fatores podem ser o aumento dos divórcios, além da diminuição do número de filhos. A inserção da mulher no mercado profissional e a sua participação no orçamento familiar, gera uma nova posição no ambiente familiar e conjugal. Este fato produz atribuições diferentes na estrutura familiar, principalmente relacionadas a questão de gênero.

Oliveira (2011) argumenta que a família contemporânea não é definida e limitada porque apresenta uma ruptura de valores que foram estabelecidos ao longo do tempo. A família que existe na era globalizada abrange quatro momentos: a transformação demográfica e suas implicações; a relação vida familiar e profissional, o ambiente de trabalho como um fator preponderante nessa relação; as relações de gênero e um olhar crítico sobre a vida social. O que pode ser constatado, diz respeito a tendências visíveis na era atual: famílias com menor número de filhos (há, inclusive, aquelas que optam por não tê-los), mulheres chefiando lares, famílias sem casais e com pessoas do mesmo sexo. Entretanto, independente do modelo escolhido, a família parece conciliar pontos distintos, pois é capaz de ressignificar práticas sociais que não eram possíveis na estrutura tradicional.

Singly (2010) aponta três características da família: ela é relacional, individualista e privada/pública. Quando trata do aspecto relacional, o autor afirma que a construção dessa família acontece no âmbito privado, no qual valoriza-se o fato dos membros poderem compartilhar de uma intimidade, preocupando-se com a qualidade de suas relações. Esse campo relacional trata dos valores com os quais os indivíduos estão ligados uns aos outros, não mais voltados para os interesses aos bens materiais, para os bens da família, mas sim, no que o outro representa para a vida de um indivíduo.

Ao tratar da característica individualista, o foco concentra-se nas relações pessoais e as famílias passaram a ter menos crianças. Além disso, a prioridade é canalizada para as relações intrafamiliares e o espaço que era destinado para a comunidade torna-se fragilizado, permitindo assim, fortalecer o aspecto individual. Quanto à característica privada/pública há um paradoxo nesse contexto familiar. Se por um lado a família contemporânea atua na esfera privada, com certa autonomia, intimidade e independência dos pares, por outro, há certo controle público por parte do Estado. Tal fator é mediado por leis que garantam proteção à criança, ao adolescente e a mulher, principalmente acerca de conflitos e violência por algum membro da família (Singly, 2010).

A saída da mulher do lar e sua entrada no mercado de trabalho corroboram para um novo ajuste da família contemporânea, principalmente quando há crianças pequenas fazendo parte desse contexto. Segundo Martins Filho (2012), o afastamento da mãe, por um período maior que doze horas, pode trazer sofrimento a uma criança menor de dois anos. Contudo, um cuidador presente, que conheça o contexto da criança, pode amenizar a dor da ausência, favorecendo um desenvolvimento mais adequado. A partir do momento que esse novo personagem

é inserido no contexto familiar, novas formas de cuidar são estabelecidas. Entende-se que o cuidado com o bebê necessita de um esforço por parte do cuidador. Houve períodos em que se sugeriu que os interesses pessoais fossem colocados de lado, em prol do bem-estar da criança. Assim, se esse cuidado não é realizado pelos pais, um cuidador poderia garantir o desenvolvimento mais adequado possível, principalmente nos grandes centros. Nesses locais, a proximidade com a família extensa nem sempre foi possível, dificultando a rede de apoio e o suporte emocional por parte desses integrantes, conforme tratou Oliva, Pugliese e Cindra (2018).

Embora haja a inserção de novos cuidadores nos ambientes domésticos o papel da mulher ainda permanece como aquela que é responsável pelo “cuidado afetivo da família”. Ela tem participação ativa quanto ao cuidado e educação dos filhos (Pinheiro & Basioli-Alves, 2008). Constata-se, portanto, uma cobrança à mulher na conciliação entre a carreira profissional com o papel materno que reflete em uma dupla jornada, provocando uma sobrecarga nos papéis desempenhados. Muitas vezes, faz-se necessário recorrer a outras pessoas para auxiliar ou repartir essas demandas, como o cônjuge, os avós ou outros cuidadores (Cardoso, 2011).

A partir da década de 60, com o desenvolvimento político e econômico, há um processo de modernização em vários setores do país. Nota-se um aumento de trabalho, principalmente para as mulheres. Nesse momento, a mão-de-obra feminina passa a ser relevante não apenas no ambiente familiar, mas também no mercado profissional, auxiliando financeiramente a família. Tal fator não a exime das atividades desenvolvidas no lar; contudo observa-se uma sobrecarga em função das jornadas e dos papéis a serem desempenhados (Oliveira, 2009).

Acerca do papel feminino, faz-se necessário refletir sobre a maternidade, ou processo de maternagem no campo da Psicologia. Embora haja diferenças biológicas e de gênero entre o ser homem e mulher, esse processo ainda se configura no papel feminino porque sempre coube a esta exercer o cuidado com crianças. Oliveira (2009) aponta que o exercício dessa função pode ser operacionalizado de diferentes maneiras. Com o surgimento da tecnologia, auxiliando técnicas de reprodução assistida ou as diferentes formas de adiar a maternidade, ainda cabe às mulheres um longo desafio a ser conquistado, principalmente quando se trata da formação de uma família. Outra característica que é a função do cuidado seja com crianças, família, idosos ou com a casa. Segundo tratam Carter e McGoldrick (1995), esse ainda é aspecto de conflito e de culpa quando postos juntamente com a carreira profissional. As autoras argumentam que coube sempre à mulher a função de cuidar, nas diferentes gerações e sair desse lugar não é simples.

Pinheiro e Basioli-Alves (2008) também abordam a participação da figura paterna nessa família, demonstrando uma transição social do seu lugar. Na perspectiva tradicional, o pai apresenta-se como provedor, suporte emocional para a figura materna e tem pouca influência no envolvimento com seus filhos. De acordo com Goetz e Vieira (2013), a industrialização promoveu o afastamento do pai das relações familiares. Este contexto produziu um distanciamento entre vida doméstica e vida profissional. A participação no lar, com aspectos voltados para a educação e cuidados das crianças, tornou-se tarefa quase que exclusiva da figura materna.

Na contemporaneidade, o pai se envolve mais no desenvolvimento e na formação moral, escolar e emocional dos filhos. Ele se torna um agente de

cuidado e criação na família. A presença do pai na divisão de atividades domésticas e no cuidado dos filhos contribui para sentimentos de gratificação e prazer nas relações familiares. Além disso, promove o fortalecimento do vínculo emocional com o filho e a complementaridade do papel conjugal (Cardoso, 2011).

Jablonski (1999) pondera que o papel do homem como um ser rude, dominador, competitivo e alheio às questões emocionais não encontra mais espaço no mundo contemporâneo. Agora, se faz necessário a inclusão de uma nova postura em termos de papéis a serem desempenhados no seio familiar. Um dos argumentos para que tal afirmação se justifique, decorre dos movimentos de emancipação das mulheres, da luta por direitos iguais.

À medida que as gerações e os contextos se alteram, a família continua existindo porque é um sistema dinâmico que permite ao indivíduo se reconfigurar a partir das interações. O contorno ganha novas formas e ela é capaz de sobreviver, independentemente da época ou da condição social imposta pelo meio. Mesmo que o arranjo seja diferente do que foi experimentado na sociedade da Idade Média ou Moderna, a família permanece como sendo uma das instituições básicas para o desenvolvimento do ser humano (Pinheiro & Basioli-Alves, 2008).

Carter e McGoldrick(1995) afirmam que, embora alguns autores tratem a família como um sistema, ela possui características peculiares que a difere de todos os outros sistemas. A inclusão de novos membros ocorre através do nascimento, do casamento ou da adoção. As autoras discorrem ainda que nas organizações, os membros podem demitir-se, ou o serem demitidos, contratados, mas no sistema familiar isso não acontece. A saída de um membro será pela morte ou por uma separação e, mesmo que esses fatores ocorram, outra pessoa pode ocupar esse papel ou função dentro da estrutura familiar.

Na atual conjectura familiar, Carter e McGoldrick (1995) argumentam que os laços familiares formados, passaram a ser voluntários, contrastando com a obrigatoriedade do passado. Outros elementos que marcam os atuais relacionamentos são as escolhas feitas em relação ao desejo de se casar, ter ou não filhos, e onde se deseja morar. Essa plasticidade, extremamente moderna, não pode ser comparada com o tradicionalismo do passado, em que as relações pautavam nos padrões desejáveis do respeito e da obrigação. Além disso, em um sistema familiar onde existam membros jovens, e que na contemporaneidade estão cada vez mais engajados em suas escolhas e conquistas, percebe-se a diminuição nos cuidados com os mais velhos, principalmente em culturas marcadas pelo individualismo.

Cardoso (2011) demonstra uma mudança no paradigma do modelo familiar. No passado a família tradicional orientava-se para as relações de obediência e obrigação. Na contemporaneidade, os princípios da liberdade, responsabilidade e reciprocidade passam a ser considerados, no entanto, há uma tensão entre aspectos individuais e relacionais. Tal fator é revelado no estabelecimento da autonomia aliado a carreira profissional e a vida conjugal. Esses objetivos são difíceis de serem atingidos, pois exigem responsabilidades comuns na criação de filhos. Para tanto se busca a liberdade compartilhada, preservando o aspecto pessoal, conjugal e familiar.

A característica individualista desse modelo familiar, segundo Cardoso (2011), parte de um movimento das camadas médias. Nessa classe econômica há uma valorização da autonomia pessoal, que é uma característica dos ambientes de trabalho. Em contrapartida, nas camadas populares nota-se a ênfase da solidariedade nas relações familiares, pela convivência com demais membros da

família em uma mesma comunidade ou residência. Assim sendo, o processo de individualidade ampliou-se para um núcleo macro. Nota-se, então, o imediatismo e o excesso de consumo, que podem modificar as relações existentes na estrutura da família. Portanto, há uma mudança no pensamento, sentimento e na ação, impactando os estilos de vida, valores e estabilidade nas relações. Nesse sentido, a família tornou-se consumidora e produtora de bens materiais e culturais. Diante dessa modificação novos ajustes se fizeram necessários e, portanto, novos padrões de relacionamento ganham espaço na sociedade, além das mudanças na afetividade, sexualidade e convivência interpessoal (Oliveira, 2009).

Embora haja aspectos distintos nos contextos que foram acima tratados, um mesmo fenômeno surgiu nas relações familiares, a saber, o igualitarismo. Uma estrutura familiar que mantém esse nível de relação nas suas interações tende, em seus modelos, esvaziar características do ser homem ou mulher. A ideia é privilegiar aspectos que são da personalidade de cada integrante da família (Cardoso, 2011).

Singly (2010) aborda uma premissa vivenciada na contemporaneidade que trata acerca do amor nas relações conjugais. Esse sentimento busca a autenticidade do indivíduo, felicidade e a realização pessoal. Nesse sentido, há espaço para a quebra dos laços conjugais e familiares em prol daquilo que deseja ser vivido. Esse aspecto é o que Giddens (1993) denominou de amor confluyente, que é ativo, não limitado ao “para sempre”, que é característico do amor romântico. Em consonância com esse pensamento, o amor confluyente possibilita uma igualdade na troca emocional de um relacionamento, tanto no aspecto amoroso quanto no aspecto sexual. Portanto, possibilita ao homem uma nova etapa da vida, que segundo o autor, pode ser instável, porém, sem ser hipócrita,

alcançando um movimento que torna o indivíduo relacional e que vivencia sentimentos verdadeiros e imediatos.

Diante dessa nova formatação, o amor já não significa submissão e tão pouco pode ser relacionado com o desejo de posse, mas pressupõe a admiração e o respeito e deve ser baseado dentro de limitações reais. Significa, sobretudo, aceitação e compreensão vividas em um relacionamento que busca cultivar a individualidade e a unidade. Tal delineamento não é fácil de ser vivenciado na atual conjectura, porque a globalização acarretou uma mudança no significado do afeto e pode promover interações menos valorizadas nas quais o indivíduo não pode ser visto como ser social, mas, como objeto. Para que o viver a dois seja bem sucedido é importante que as relações conjugais sejam percebidas com mais igualdade entre homens e mulheres. O viver a dois será influenciado por aquilo que cada cônjuge experimentou durante sua trajetória familiar e social. O desafio dessa relação é saber administrar as diferenças e ter oportunidades para que haja crescimento e amadurecimento de ambos no espaço familiar. Se essa diferença não encontra uma maneira positiva de ser diluída, a conjugalidade pode se tornar frustrante e o convívio a dois torna-se difícil de ser mantido (Oliveira, 2009).

Ao tratar sobre o casamento, Carter e McGoldrick (1995) afirmam que não pode ser descrito apenas como a união de duas pessoas, mas sim como uma junção de dois sistemas individuais que formarão um terceiro subsistema. Para as autoras, a união é vivenciada de forma distinta para homens e mulheres. Nesse sentido, elas denominam o “casamento dele” e o “casamento dela”. Para os homens esse momento revela certa ambivalência, pois acreditam estar diante de algo que os aprisionará. Contudo, o que as autoras parecem concordar é que através do desenvolvimento do casamento, os homens tendem a melhorar o estado

bio-psíquico-emocional. Para as mulheres, o casamento é visto como uma expectativa entusiástica, porém, no passar dos anos, elas experimentam mais estresse do que os homens e maior índice de depressão. Um dos fatores que podem corroborar com tal afirmação, refere-se ao alto envolvimento emocional das mulheres em relação às pessoas da sua convivência em decorrência do alto senso de responsabilidade e sobrecarga nos papéis desempenhados.

Tanto o casamento quanto a união estável promovem a formação do parentesco, que pode ser uma relação consanguínea acerca das origens biológicas, ou seja, quando os indivíduos pertencem à mesma genealógica. Além desse fator há o parentesco por afinidade, principalmente quando são famílias reconstituídas e que agregam novos integrantes em sua composição. Existe também um parentesco civil, estabelecido através de adoções. A união estável, que anteriormente era nomeada por concubinato, foi reconhecida inicialmente a partir de 94, quando identificou que homens e mulheres vivendo juntos, em uma união comprovada por mais de cinco anos, com ou sem filhos. O Novo Código Civil, porém, não instituiu prazo mínimo de convivência entre o casal, mas resguardou à relação os mesmos direitos e responsabilidades atribuídos a relação matrimonial (Oliveira, 2009).

Jablonski (1994) afirma que a visão histórica do casamento e da família era essencialmente necessária para a manutenção da humanidade. No entanto, na sociedade contemporânea, as características do tradicionalismo perderam espaço para a liberdade vislumbrada nas atuais relações. Essa liberdade permite que o sexo possa ser vivenciado antes do casamento, além de permitir que as mulheres experimentem essa sexualidade com mais intensidade e, também, uma maior abertura aos diálogos nas relações conjugais. Além desses fatores discorridos, o

autor argumenta que na era do “descartável”, a manutenção do casamento se torna uma tarefa quase impossível resistir a tantos avanços.

As mudanças que atravessam a sociedade e que impactam na estrutura familiar são capazes de alterar tanto as relações entre os membros da família como a identidade de cada indivíduo pertencente a esse sistema. Assim, uma nova família ocupa um cenário que antes se destinava aos modelos tradicionais. Para tal, nota-se uma multiplicidade nas combinações que podem ser formadas por indivíduos separados; pessoas do mesmo sexo; arranjos familiares com filhos de diferentes uniões; mães ou pais que criam seus filhos sozinhos; pais que se separam e depois reatam a união; netos que são criados por avós. A tais formações, alguns psicólogos denominam de “famílias mosaicos”. Para essa estrutura não há papéis rígidos estabelecidos porque esse sistema acompanha as transformações socioculturais do mundo contemporâneo (Oliveira, 2009).

Na contemporaneidade, estruturas conjugais são formadas por indivíduos que primam por uma relação íntima na qual a sexualidade tem lugar de destaque, conforme argumenta Moreira (2011). Não há enfoque no padrão de durabilidade da união e, neste sentido, múltiplos arranjos conjugais surgirão e o resultado dar-se-á em diferentes modelos de família, tais como as famílias separadas, recasadas, monoparentais, homoparentais e socioafetivas.

A definição de famílias separadas sugere indivíduos que tiveram um compromisso (casamento) rompido, com filhos dessa união e que morem com um dos cônjuges. Famílias recasadas são aquelas que, após a separação dos cônjuges ambos ou um dos ex-integrantes da relação marital reconstituem um novo contrato. O indivíduo que ficou viúvo, com filhos e que deseja compor uma nova união, também se encontra nessa configuração. Esse seria um dos modelos mais

significativos da contemporaneidade, porque apresentam múltiplas composições seguidas por desafios singulares. Quando os pais que tem filhos de outra união casam-se novamente, novos membros podem ser inseridos nesse arranjo familiar (meio-irmãos e avós). Então, amplia-se a rede de relações familiares e a parentalidade pode assumir papel de relevância nos recasamentos (Moreira, 2011).

Ao tratar sobre famílias recasadas, Costa e Dias (2012) argumenta que diferentes nomenclaturas têm sido utilizadas para tentar definir essa nova união. O prefixo “re” pode significar o novo ou outra vez, por isso alguns autores a conceituam como famílias recasadas, reestruturadas, reorganizadas ou recompostas. Embora esse novo arranjo possa ter outros nomes, o que precisa ser considerado é a forma como esse ambiente será reconstruído e como será a dinâmica da família frente a novos membros que poderão se agregar a essa estrutura. De acordo com as autoras, algumas famílias optam por repetir padrões relacionais, vivenciados anteriormente, até estabelecer um novo padrão e uma nova identidade familiar.

Para Cano, Gabarra, Moré e Crepaldi (2009) o prefixo “re” pode não trazer um aspecto positivo para essa nova família. O argumento, para as autoras, sugere certo “remendo” e, salientam que o pensamento sobre família não se refere mais a visão do passado. Na atualidade esse modelo já não é o universal. Até mesmo as literaturas se ocupavam em estabelecer um modo diferenciado acerca da família recasada. Entretanto, na contemporaneidade, o padrão de recasamento já não se difere das demais organizações familiares.

Outro dado trata acerca da ressignificação de experiências decorridas do processo de separação. Cano, Gabarra, Moré e Crepaldi (2009), argumentam que a família recasada passa por processos de perdas, e estas precisam ser elaboradas e

reconhecidas para que os novos arranjos que decorrerão sejam vividos satisfatoriamente. Nesse aspecto, a família extensa pode ser de fundamental importância no suporte emocional bem como em aspectos relacionados à rotina do dia-a-dia.

Ao fazer referência sobre famílias recompostas/recasadas, Cardoso (2011) argumenta que os novos lugares em que padrastos e madrastas serão inseridos, devem ser pensados em termos de relevância. Cada sistema familiar tem sua própria forma de organizar-se e os papéis precisam estar coesos com essa dinâmica a fim de contribuir nas demandas que surgem nessa formação.

Há ainda as famílias monoparentais que chegam à contemporaneidade com um lugar de destaque. O fundamento para tal afirmação deve-se a fatores na mudança das relações de gênero, a ocorrência de migração de pessoas para os grandes centros urbanos, o crescente número de divórcios e a baixa fecundidade. Para alguns autores, a família é considerada monoparental quando os filhos não mantêm nenhum ou pouquíssimo contato com o genitor, seja este a mãe ou o pai (Moreira, 2011).

De acordo com Oliveira (2009), essas famílias tiveram um aumento desde o reconhecimento atribuído pela Constituição de 1988, assim como a união estável. Há ainda o aspecto da monoparentalidade no Brasil ser exercida mais pela mulher do que pelo homem, contudo essa ainda é uma formação de família pouco estudada.

Segundo dados apresentados no CENSO 2010 (IBGE 2012), as famílias monoparentais cresceram nas regiões mais pobres do país. Essa formação apresenta diversas habilidades, principalmente no que diz respeito a superar desafios e a capacidade de resiliência. Entretanto, observa-se certa fraqueza frente

a determinadas situações que refletem um sistema social despreparado para lidar com esse tipo de estrutura familiar. Nas famílias monoparentais femininas, a mulher torna-se a responsável por toda manutenção da família, envolvendo aspectos relacionados a proteção, sobrevivência, educação dos filhos, suporte emocional e financeiro. Muitas precisam recorrer à família extensa, principalmente quando há filhos pequenos. Uma rede de solidariedade e de referência é estabelecida para os cuidados realizados e na ausência de figuras, como o pai. Essa ausência pode ser motivo de orgulho, motivação e superação para a mulher, pois demonstra capacidade de se superar e de se manter firme frente às necessidades da família como um todo. Por outro lado, o fato de não ter o pai nesse universo familiar, pode significar que a sua interação representou um momento infeliz, tornando frágil a existência da figura paterna e da autoridade masculina (Costa & Marra, 2013).

Por último existem as famílias homoparentais que se caracterizam pela união de duas pessoas do mesmo sexo. No que tange o exercício da parentalidade, observou-se que na maioria das uniões homossexuais femininas e masculinas há o desejo de ter filhos, independente do modo a ser concebido. No entanto, para os homossexuais masculinos prevalece à adoção como forma essencial do exercício do papel parental, priorizando-se a importância dos laços afetivos sociais (Moreira, 2011).

Nesse capítulo foi apresentado um panorama histórico da família, iniciado com alguns conceitos que englobam aspectos gerais daquilo que se compreende por sentimento de família. Posteriormente, traçou-se uma abordagem histórica de como a família e seus costumes evoluíram da Idade Média, chegando a Modernidade, com mudanças nas ordens sociais e políticas.

A família ganha novos contornos e chega à Contemporaneidade com uma composição mais fluida. Os homens começam a ser mais participativos no universo do cuidado com a criança, dividindo responsabilidades que antes eram apenas exercidas pelas mães ou demais cuidadoras da criança. A mulher, por sua vez, encontra-se inserida no mundo profissional e também adota um modelo de cuidado compartilhado com outras pessoas, na tentativa de conciliar a maternidade com o lado profissional. Decorrente dessas transformações, novas formatações de família começam a dividir espaço com a família nuclear. Assim, há famílias recasadas, monoparentais e homoparentais.

Independente do arranjo formado, as famílias permanecem estabelecendo valores e transmitindo crenças consideradas relevantes para seus descendentes. A partir do momento que outros cuidadores se inserem no contexto familiar, suas crenças e práticas de cuidado também podem interferir no sistema familiar. Portanto, é fundamental conhecer a respeito das crenças parentais, já que estas funcionarão como reguladores no processo de interação e socialização da criança, favorecendo trajetórias específicas de desenvolvimento.

3 Crenças Parentais

O estudo de crenças parentais auxilia na compreensão daquilo que os pais consideram importante para o desenvolvimento de uma criança. É importante destacar também que o estudo das crenças parentais possibilita o entendimento das trajetórias de cuidados infantis e como elas serão transmitidas intergeracionalmente.

O conceito crenças parentais encontra diferentes terminologias para pesquisadores do desenvolvimento. Há os que rejeitam a nomenclatura de sistemas de crenças ou ainda, apenas crenças, em favor de ideais parentais, como Goodnow (1988). A explicação para não usarem esse conceito creditam outras terminologias em achados psicológicos. Para Miller (1988), o conceito de crenças refere-se a qualquer tipo de cognição que os pais possuem acerca do desenvolvimento cognitivo dos filhos, incluindo ideias, julgamentos, atribuições e outros fenômenos decorrentes desse termo.

Em contrapartida, existem autores que elegem o conceito sistemas de crenças culturais parentais porque pode ser mais facilmente compreendido. Por outro lado, etnoteorias parentais também remetem a mesma significação que os demais. Nesse aspecto específico deve-se levar em consideração as raízes dessa construção em estudos antropológicos advindos de sistemas de crenças indígenas ou de teorias populares (Harkness & Super, 1995).

Conforme alguns autores apontam, as crenças relacionam-se ao desenvolvimento humano. Contudo, por não haver uma única definição do termo em si, pode-se notar que existem aspectos que corroboram para seu estabelecimento em um contexto. Tal fator é percebido no comportamento dos pais, fundamentados por valores de um sistema cultural e social. Portanto, não há

como compreender crenças e valores separados do contexto cultural. Estão presentes nas atividades rotineiras, nas escolhas, decisões, sendo elemento modelador para ações futuras (Kobarg, Sachetti & Vieira, 2006).

De acordo com Seidl-de- Moura (2009) as crenças estão intrinsicamente ligadas ao indivíduo dentro de um conjunto composto por valores que propiciam preferências, julgamentos e decisões por parte dos pais, em um processo de execução para com os filhos. Servem ainda como mediadores entre os valores e as práticas parentais e são organizadores mentais para ações. As crenças serão transmitidas através das primeiras relações estabelecidas com pais ou cuidadores, e serão determinantes na propagação de conteúdos socioculturais para os filhos. Por isso, esses cuidadores são fundamentais na transmissão de valores e normas culturais (Keller e Kartner, 2013). Todos esses processos mediados pelas crenças parentais interferem na formação cognitiva da criança.

Segundo Bandeira (2009), para entendermos o desenvolvimento infantil é preciso observar o ambiente familiar que a criança encontra-se inserida, bem como as crenças parentais e os sistemas de cuidado infantil. Esse sistema de crença é compreendido a partir do ambiente de vida dessa criança e é considerado como “forças motivadoras” que resultam em uma ação.

Para Rubin e Chung (2006), as etnoteorias parentais são conceituadas como modelos culturais que os pais relacionam, de certa forma, com famílias, crianças e com eles próprios. Já o modelo cultural apresenta uma antropologia cognitiva indicando e organizando ideias que possam ser compartilhadas pelos membros de um grupo cultural. Assim como outros modelos culturais relativos ao *self*, as etnoteorias parentais são implicitamente oferecidas como uma ideia “natural” voltada para a ação, e possuem uma força de propriedade motivacional aos pais. A

relação entre ideias e objetivos para a ação são características de laços de etnoteorias parentais para outros dois componentes do nicho de desenvolvimento.

As etnoteorias parentais são dificilmente visualizadas, mas estão intrinsicamente relacionadas a nichos de desenvolvimento. Para tal, faz-se necessário estudá-las a partir de perspectivas transculturais que apresentam crenças e práticas paternas. Tais elementos são compartilhados em culturas específicas, quando analisadas em uma perspectiva de monocultura (Rubin & Chung, 2006).

Harkness e Super (1995) as raízes intelectuais da pesquisa em etnoteorias parentais. De acordo com esses autores, tal sistema atraiu durante um tempo, pesquisadores em desenvolvimento humano. Em 1985, Sigel escreveu um volume sobre essa temática, com o objetivo de identificar o campo das crenças parentais e das cognições que legitimava o estudo empírico.

A emergência de estudos relacionados a esse tema tornou-se possível pelo paralelo traçado entre a Psicologia e a Antropologia social, relatado como um novo método interdisciplinar entre cultura e desenvolvimento humano. Como área geral de interesse, diferenças individuais em sistema de crenças parentais tem sido um tema em pesquisas psicológicas desde as primeiras décadas deste século. Os institutos de estudos da criança floresceram nas décadas seguintes e movimentos educacionais receberam destaque, como tentativa de mudar alguns comportamentos e pensamentos dos pais em relação as suas crianças (Harkness & Super, 1995).

O estudo de etnoteorias parentais é considerado dentro de quatro fatores propostos por Goodnow (1996). O primeiro trata a ideia de cognição e desenvolvimento do adulto. O segundo proporciona um caminho para ajudar a

entender as ações parentais. O terceiro trata do desenvolvimento infantil e, por último, porque o estudo de mais de uma geração pode fornecer pistas acerca dos processos de transmissão da cultura e da mudança cultural. Tais fatores colaboram para uma perspectiva cultural e os sistemas de crenças parentais providenciam não somente um aspecto para estudos da cognição adulta, mas são janelas entre a constituição do *self*. Além disso, as ideias dos pais e suas ações são particularmente relevantes para uma perspectiva cultural, tão claramente observada entre crenças e comportamento em nível de cultura.

De acordo com Harkness e Super (2007), as etnoteorias parentais pertencem a um sistema denominado nicho de desenvolvimento. Tal sistema seria formado por três subsistemas, conhecidos como: ambiente físico e social, costumes de cuidado e as etnoteorias parentais. Quando tratam do ambiente físico e social, os autores referem-se à organização social da família e ao ambiente no qual a criança encontra-se inserida. Será nesse ambiente que se viabilizará as oportunidades de interação entre criança e família. Entende-se esse ambiente pelo tipo de residência familiar, as condições de infraestrutura, bem como a interação no ambiente doméstico. Tanto o ambiente físico quanto o social influenciam e sofrem a influência dos costumes e mudanças nas culturas.

Os costumes de cuidado tratam especificamente de como a criança é cuidada, quais os hábitos que se mantiveram na família e que foram transmitidos através das gerações. Por último, as etnoteorias parentais apresentam as expectativas dos pais e de como os cuidadores podem exercer os cuidados necessários, relacionados ao desenvolvimento da criança. Esses aspectos tratam das crenças e dos valores que serão transmitidos à criança, no contexto familiar e os que são oriundos da cultura. Essa prática dos cuidadores apresenta um

direcionamento afetivo e cultural dos pais e cuidadores. Para tal, aquilo que é construído na individualidade do sujeito também se organiza no ambiente coletivo e será reproduzido, não de maneira fixa, mas levando em consideração o ambiente social, as interações decorrentes deste e o local onde se está inserido (Pessôa, Seidl- de Moura, Ramos & Mendes, 2016).

Harkness e Super (2006) estabeleceram um modelo que organiza as crenças em ordem de hierarquia. No topo estão as ideias implícitas sobre a natureza da criança, pais e família. Abaixo dessa tríade estão as ideias de domínio específico, como por exemplo, o desenvolvimento social ou a regulação do sono do bebê. Essas ideias referem-se a práticas apropriadas e nesse momento, estão mais distantes dos resultados apresentados pela criança e pela família. A noção de ideias é traduzida de forma a considerar o comportamento como mediado por fatores, tais como as características da criança, as variáveis situacionais e modelos culturais e as práticas relatadas. O resultado final pode ser visto como as práticas ou crenças parentais e os resultados atuais da criança e da família. Nota-se que o modelo proposto pelos autores consegue abranger aspectos parentais, do desenvolvimento de práticas relativas ao cuidado com a criança, bem como o ambiente físico e social.

Vieira et. al (2010) afirmam que, culturalmente, as crenças são organizadas em sistemas ou etnoteorias. Isso compreende as rotinas diárias, as decisões, escolhas e juízos que funcionam como modelos de cuidados relacionados à socialização. Portanto, elas são construídas historicamente e relatadas como costumes. O sistema de crenças faz parte de modelos culturais e são identificados em processos distintos do desenvolvimento infantil.

O processamento psicológico e as consequências iniciadas com a conjuntura comportamental dos sistemas são modulados pelos cuidadores, características que refinam o estilo da interação. Tais características definem basicamente, o modo de atenção (exclusiva ou compartilhada), sensibilidade em direção a mensagem do bebê, podendo ser positiva ou negativa, contingência em termos de prontidão reativa e calor emocional como constitutivo de mecanismos interacionais.

Todos esses mecanismos podem ser efetivos dentro do sistema da parentalidade. Sistemas e mecanismos são considerados como componentes universais, que são acionados em diferentes composições e demandas ambientais. Os sistemas parentais constituem, principalmente, concepções culturais compartilhadas e mecanismos interacionais que operam mais em bases intuitivas. De acordo com Keller (2002), os sistemas de parentalidade, junto a mecanismos interacionais, representam contextos de investimento parental e diferencia respeito, atenção, tempo, energia e tom emocional que são direcionados ao bebê.

Modelos parentais, durante os primeiros anos de vida, são combinações de sistemas parentais, segundo Keller (2005). Estudos multiculturais apontam seis sistemas parentais: contato corporal, estimulação corporal, estimulação por objetos e contato face a face, cuidados básicos e envelope narrativo que descrevem as experiências parentais da criança.

O primeiro sistema de crenças parentais denomina-se cuidado primário e trata dos elementos básicos de sobrevivência como: alimentação, proteção e higiene. A função psicológica do esforço parental expresso nesse primeiro sistema consiste em reduzir a angústia do bebê. Através da presteza ao bebê, o alívio de alguma experiência de dor ou de angústia, confiança, segurança e proteção recebida é que o *self* emergencial se desenvolverá.

O segundo sistema chama-se contato corporal e tem o objetivo de proteger o bebê quanto a perigos como predadores ou fogo. A função psicológica dessa estimulação consiste da experiência do calor emocional. A permanente proximidade da mãe e de outro cuidador significativo e o resultado dessa estimulação corporal parecem promover um vínculo emocional. Assim se estabelecerá a maior transmissão de mecanismos para o desenvolvimento de sentimentos de parentesco e pertencimento. Esses sentimentos parecem estar associados com a aceitação de normas e valores vindos de gerações anteriores, preparando o indivíduo para uma vida baseada na harmonia e hierarquia entre membros familiares ou do primeiro grupo social. O investimento parental, em termos de contato corporal, permite a continuidade de trabalhos de subsistência em comunidades rurais. De acordo com Keller (2002), o sistema de cuidado primário e o sistema de contato corporal têm definidas as consequências psicológicas. Entretanto, a autora afirma que esses sistemas estão presentes em outras espécies. Os demais sistemas: estimulação corporal e por objetos e a troca face-a-face, contudo, somente podem ser encontrados na espécie humana.

A estimulação corporal tem por objetivo promover o desenvolvimento motor e a percepção do corpo e também, estimula o organismo para prepara-lo a uma atividade reprodutiva. A função psicológica consiste em intensificar a percepção corporal e descobrir com os próprios esforços do bebê a eficácia em relação a recursos do ambiente. O corpo é experimentado como agente situado no ambiente e o *self* emergente é promovido.

A estimulação por objetos ajuda a inserir o bebê no mundo físico, contribui para o desenvolvimento da cognição e auxilia para a independência nas interações sociais. O sistema denominado de troca face - a - face estimula o contato visual e

a promoção da linguagem. Esse sistema segue regras de troca de pseudo diálogos, contando que a criança tenha experiência de percepção contingente. Através destas respostas imediatas e de sinais de comunicação, o bebê pode compreender a si próprio como causa da ação parental. Calorosas situações face-a-face constituem um mecanismo independente e pode ser vivenciado através do compartilhar positivo de emoções, o que propicia sentimentos de pertencimento.

O envelope narrativo é o último sistema e relaciona-se com a comunicação verbal da criança, mediadas simbolicamente através da fala materna. Tais sistemas decorrem de um processo filogenético e são regulados a partir da interação. Através desses sistemas o *self* se desenvolverá e propiciará a interação e a aprendizagem do bebê (Pessoa, Seidl- de Moura, Ramos & Mendes, 2016).

O modelo de parentalidade independente pode ser descrito como uma estratégia parental, concentrado no contato face-a-face e na estimulação por objetos do que no contato e estimulação corporal. A parentalidade, apoiada no modelo de interdependência, apresenta uma estratégia próxima centrada mais no contato e estimulação corporal do que o contato face-a-face. Esta estratégia parental destina-se a apoiar o relacionamento interpessoal e a proximidade entre cuidado, proximidade corporal e calor intencional. Ao mesmo tempo, a agência da heteronomia é canalizada.

O suporte do modelo parental autônomo-relacional combina dois estilos parentais. A ênfase está no contato e a estimulação corporal tão bem como o contato face-a-face e a estimulação por objeto, como uma medida similar com consequência comportamental de suporte autônomo e relacional (Keller, 2005).

A evidência empírica para diferenças culturais em modelos parentais baseia-se em pesquisas transversais, comparando exemplos que foram igualmente

acessados em determinadas culturas, conforme aponta Keller (2005). No entanto, o modelo cultural reflete o *zeitgeist* da época, relacionando fatores econômicos, educacionais e a condição social.

Kagitçibasi (1996) propõe um modelo familiar que analisa o desenvolvimento de três tipos de *self* com três diferentes modelos de interação parental. O propósito desse modelo refere-se aos antecedentes sociais e familiares que forma o *self* relacional. Examina também, as implicações das mudanças familiares através do desenvolvimento socioeconômico, para que o *self* emergencial possa integrar tanto a autonomia como o pertencimento.

Três modelos de interação parental são diferenciados. O primeiro trata a família tradicional caracterizada pela interdependência geral, no aspecto material e emocional. O segundo modelo baseia-se na independência e é denominado individualista. O último modelo apresenta uma síntese dialética dos dois modelos anteriores, envolvendo a independência material e interdependência emocional.

O modelo de total interdependência é proveniente de sociedades tradicionalmente rurais, embora não se limite a esse local, no qual a interdependência intergeracional é requerida nas famílias dos locais de cultura de subsistência. A criança, desde cedo, contribui para o bem-estar e quando mais velha garante a segurança para seus pais.

Nesse sentido, estudos realizados no Brasil, investigaram variáveis pessoais, ecológicas e culturais associadas a um investimento parental. Participaram da pesquisa 606 mulheres brasileiras, acima de 20 anos, com filhos menores de 6 anos, que residiam em capitais ou cidades pequenas do país. As conclusões do estudo apontaram que mães de ambos os grupos tendem a valorizar a autonomia, mas estabelecem diferenças quanto à interdependência. Mães que residem nas

capitais valorizam igualmente as duas dimensões, mas mães de cidades pequenas enfatizam a interdependência. Além disso, diferenças em etnoteorias foram encontradas em ambos os contextos, com função de estabilizar a função social em cada lugar. Centros urbanos de grandes cidades parecem aumentar a competitividade e diminuir o suporte social, ocasionado certo isolamento do indivíduo (Vieira et. al, 2010).

Em termos teóricos, os achados encontrados demonstraram que estudos devem ser realizados a fim de tratar mais especificamente do desenvolvimento autônomo relacional. Este modelo, proposto por Kagitçibasi (1996), define o *self* autônomo em termos de agência e relacional em proximidade interpessoal. Há evidências que esse modelo é encontrado em famílias de classe média, com alto nível educacional, de sociedades preferencialmente urbanas, onde há a manutenção de uma cultura tradicional valorizando a interdependência.

Ao tratar sobre o desenvolvimento do *self*, Seidl-de-Moura et al. (2009), investigaram 200 mães primíparas residentes no estado do Rio de Janeiro. A partir das respostas obtidas no inventário proposto por Suizzo (2002), os autores concluíram que a predominância do modelo autônomo nas crianças participantes. Esse modelo tem característica específica e é diferente, em alguns aspectos dos que foram observados em outras culturas, como na Alemanha, por exemplo.

Suizzo (2002) contribuiu para o estudo de crenças ao apresentar um inventário destinado a estudar modelos culturais parentais em Paris. Nessa pesquisa, a autora apresenta três dimensões: conscientização, apresentação adequada e ligação respondente. Entende-se conscientização por ações que promovem diferentes tipos de estimulação para crianças, que envolvem características tratadas acerca do desenvolvimento social, linguístico e cognitivo.

A apresentação adequada é uma prática que prioriza o bom comportamento e a higiene em locais públicos. A ligação respondente condiz com respostas paternas direcionadas a necessidades das crianças.

No intuito de investigar tais dimensões, Vieira et al. (2010) pesquisaram as cinco regiões brasileiras. Os resultados demonstraram que as mães valorizam mais a dimensão da apresentação adequada, em comparação as avós, seguido pela dimensão de ligação respondente. Esse resultado sugere a predominância de uma orientação sociocêntrica, nas áreas rurais, além das diferenças entre gerações que indicam uma transformação na orientação autônoma-relacional.

Este achado difere-se do encontrado por Suizzo (2002) com mães parisienses. Estas mães valorizam mais a estimulação do que a apresentação adequada. Pode-se afirmar que o grupo de mães brasileiras valoriza o oposto do estudo de Suizzo, contudo elas atribuem certa importância à estimulação. Outro dado dissonante trata de determinados itens que parecem não ter a mesma equivalência de significados quando comparados a práticas maternas brasileiras e parisienses. Além disso, França e Brasil parecem não estabelecer a disciplina como um item a ser devidamente medido.

Portanto, o estudo das crenças parentais torna-se relevante porque ajuda a acessar os pensamentos e as práticas parentais bem como perceber a influência da cultura no desenvolvimento da personalidade. Permite ainda identificar as ideias dos pais em relação ao desenvolvimento da criança e entender que estas estão interligadas a uma transformação cultural (Goodnow, 1996).

No Brasil, ainda há limitação quanto ao estudo sobre crenças e práticas parentais. Diante da grandeza do território brasileiro, o foco parece concentrar em determinadas áreas geográficas. Além disso, o número de participantes também é

restrito. Assim, faz-se necessário ampliar pesquisas com essa temática, permitindo um mapeamento de como as crenças e práticas parentais são desenvolvidas nos diferentes contextos do país (Vieira et. al, 2010).

Para que haja o desenvolvimento da criança, é necessário ao cuidador certo investimento a fim de atender as necessidades do bebê de maneira adequada. Mesmo antes do nascimento, os pais estabelecem determinadas expectativas que são idealizadas como parte do que desejam que seus filhos sejam. A partir do primeiro contato com o bebê, há valores, rituais e conceitos que são transmitidos através de fala, gestos e conversas a fim de realizar trocas afetivas e interacionais. Todo esse conjunto de ações, comportamentos e interações são elementos constituintes das crenças parentais. São elas que fornecem um organizador mental para o bebê, resultando em ações interacionais.

O capítulo apresentou as diferentes conceituações de crenças parentais e como estas podem estar relacionadas ao estabelecimento de modelos de parentalidade. Além disso, abordou a importância dessas crenças no desenvolvimento infantil. Foi possível identificar os seis sistemas de crenças resultantes das combinações de modelos de parentalidade. Por último, foram abordadas as contribuições de estudos brasileiros desenvolvidos nessa perspectiva de crenças parentais, bem como a necessidade de expansão da temática, a fim de trazer uma maior amplitude nas diferentes regiões do país.

4 Revisão de Literatura

Esta pesquisa apresentou uma revisão de literatura com a finalidade de sintetizar resultados acerca da temática específica. Nesse sentido, estabeleceu-se uma busca nas seguintes bases de dados Scielo Brasil, Lilacs e PePsic para artigos nacionais e ScienceDirect, Psycnet, Apa e Researchgate para textos internacionais. Os descritores definidos para a localização das publicações foram: cuidados compartilhados, cuidadores, babás e mães e operador booleano AND. A definição dos critérios de inclusão aconteceu a partir de artigos, dissertação e capítulos de livros em Português ou Inglês, publicados em textos integrais, datados a partir de 2008. Os critérios de exclusão, por sua vez, foram estabelecidos a partir de publicações que não apresentavam associação literal com a proposta da pesquisa, ou que tratavam de temáticas relacionadas à área da medicina.

Na base de dados PePsic não foram encontradas publicação alguma a partir dos critérios de inclusão estabelecidos. Na base de dados Scielo Brasil foi encontrado dois artigos que tratam da temática da pesquisa. O primeiro artigo aborda a importância do engajamento e das interações entre cuidadores e bebês forjando trajetórias específicas de desenvolvimento. Pessoa, Seidl-de-Moura, Ramos e Mendes (2016) realizaram o estudo com 60 duplas de mulheres, compostas por mães, avós, babás e cuidadoras de creches. Na díade mãe/avó, as diferenças encontradas referem-se ao afeto e contato visual, sendo que as avós apresentaram médias maiores na primeira categoria. Na díade mãe/babá, três sistemas demonstraram diferenças significativas. No contato corporal, as mães tiveram índices superiores na categoria contato físico, bem como na estimulação corporal. Nessa composição, o afeto está presente, indicando que a fala da mãe

atua em situações de estimulação corporal, quando são realizados exercícios que estimulam os bebês.

Outro estudo publicado por Seidl-de- Moura et. al (2014) tratou de uma pesquisa com 120 mulheres, divididas em divididas em 4 subgrupos de cuidadoras: mães, avós, babás e educadoras de creches. Os instrumentos utilizados foram um inventário sociodemográfico, entrevista semiestruturada baseada nos cinco sistemas de cuidado parental: cuidados básicos, contato corporal, estimulação corporal, estimulação por objetos e contato face-a-face.

A análise indicou que os dois tipos mais frequentes de cuidado, valorizado pelos cuidadores compreendiam o contato corporal e o contato face-a-face. A valorização do contato face-a-face apareceu como característica de contextos urbanos, focados em uma trajetória de desenvolvimento autônomo. Por outro lado, o estudo confirmou que o contato corporal foi mais valorizado em contextos de interdependência e relacional. Significativas diferenças foram encontradas entre cuidadores a respeito de três sistemas de cuidado: contato face-a-face, cuidados básicos e estimulação corporal.

Mães enfatizaram o contato face-a-face, enquanto outros cuidadores privilegiaram sistemas que promoviam um desenvolvimento mais autônomo-relacional. Babás focaram no cuidado básico, se comparadas às figuras maternas, e as educadoras de creche, valorizaram a estimulação corporal, se comparadas com mães e babás. A importância dos cuidados básicos realizados pela babá foi explicada pela expectativa quanto à provisão da necessidade da criança, relacionada à alimentação e higiene. As educadoras de creches promoveram uma maior estimulação corporal se comparada à estimulação com objetos. Essa diferença foi encontrada entre pares de mães, e uma possibilidade, deve-se ao fato

que essas cuidadoras enfatizavam a estimulação corporal quanto o cuidado básico. Não foram encontradas diferenças significativas com avós a respeito da prioridade dada ao sistema de cuidados infantis.

O estudo contribuiu para o entendimento da dinâmica na trajetória de desenvolvimento do *self*, quando diferentes integrantes foram envolvidos na rotina de cuidados com a criança. A partir do momento em que se valorizavam aspectos da interação, como o sistema face-a-face e a estimulação por objetos, os cuidadores demonstraram um modelo parental mais distante, favorecendo a experiência da autonomia e separação. Cuidadores que privilegiaram mais o contato e a estimulação corporal apresentaram um estilo parental proximal, ou seja, um estilo que privilegiava mais o aspecto relacional. Outro dado apontado no estudo referiu-se ao fato de que o nível de escolaridade influenciou no modelo de desenvolvimento do *self*. Assim, as mães com esse índice maior valorizavam relativamente mais o modelo de desenvolvimento de um *self* autônomo.

Os dois artigos supracitados foram encontrados duplicados no Lilacs, que além destes apresentou uma revisão de literatura. A partir da temática das interações iniciais entre pais, mães e bebês de 0 a 3 anos, Menegatti, Pianvoski e Lohr (2016), enfatizaram a responsividade materna e a bidirecionalidade das interações. Entendeu-se por responsividade materna à prontidão da mãe em atender aos comportamentos do bebê, em um processo contínuo e de codependência. Tal fator foi encontrado nos mais diferentes contextos culturais e estudado por diferentes campos do desenvolvimento infantil.

A partir do levantamento realizado na proposta do estudo foram encontrados artigos com características empíricas (68%) e teóricas (32%). A metodologia dos estudos aconteceu por entrevistas, relatos verbais, escalas e testes

psicológicos além de observação e filmagens. A maioria dos estudos teve o foco na população mãe-bebê (79%), na tríade pai-mãe-bebê (16%) e, apenas 5% na díade pai-bebê. A conclusão do artigo apontou a necessidade de ampliar as pesquisas tanto na figura do pai quanto na inclusão de outros membros como irmãos e demais cuidadores. No atual cenário contemporâneo, outras figuras foram inseridas no cuidado com a criança.

Na base de dados da Psycnet.apa.org encontrou-se inicialmente 59 publicações e com os critérios de exclusão predeterminados, restaram dois que correlacionam com a proposta desta pesquisa. O primeiro tratou dos objetivos de socialização e crenças parentais a partir de um estudo dos cuidadores de crianças na Ruanda. A população alvo contou com 50 mães, 25 provenientes de contextos rurais e 25 de contextos urbanos. Embora haja a participação de outros cuidadores no contexto africano, Green (2017) optou por não incluir pais, avós e outros possíveis cuidadores em seu trabalho. Os instrumentos utilizados foram entrevistas semiestruturadas, cartões com cinco figuras relacionadas ao sistema parental, um questionário de etoteorias parentais e outro para metas/objetivos de socialização.

Acerca dos objetivos de socialização, as mães de Ruanda, de ambos os contextos, demonstraram preferência pelo modelo autônomo-relacional. Quanto ao sistema parental, as mães inseridas no contexto urbano valorizaram mais o contato corporal, a estimulação por objeto seguido pela estimulação corporal e cuidados básicos. O contato face-a-face pareceu não ser, inicialmente, muito realizado pela mãe. O contexto rural privilegiou o cuidado primário seguido pela estimulação corporal, contato corporal e contato face-a-face. Observou-se ainda que as mães provenientes de contextos rurais pareciam mais rápidas em responder

aos comportamentos e necessidades dos filhos, ou seja, havia uma maior responsividade materna dessas cuidadoras se comparadas às mães dos contextos urbanos. Tal fator pode ser sugestivo pelo fato da população escolhida residir em locais onde as condições de saúde e higiene eram precárias e havia constante risco de epidemias e mortes. Mrazek (2013) abordou uma “nova classe” de cuidadores que surgiu em decorrência do atual contexto de desenvolvimento social e das pressões econômicas. Com as mães retornando ao ambiente profissional antes do bebê completar um ano de idade, o cuidado passou a ser estendido a outras pessoas. Contudo, esta expectativa necessita de uma série de reconsiderações acerca da relação que será estabelecida. Nesse sentido, o autor propôs características que o cuidador deveria apresentar, divididas em cinco categorias.

A primeira tratou da disponibilidade emocional necessária para desenvolver no bebê o senso de ser amado e cuidado. A orientação e controle foi outra característica, que traduziu um estilo que fornece orientação de modo sensível e solidário as necessidades da criança. A terceira categoria retratada focou no aspecto da saúde mental, ou seja, o cuidador deveria apresentar equilíbrio psicológico e emocional, pois, crianças inseridas em contextos de depressão materna teriam maior risco de desenvolver doenças de humor. Ainda citou a compreensão básica do entendimento de necessidades físicas e emocionais de crianças pequenas. Mrazek (2013) afirmou que quando o “instinto materno” pode ser claramente demonstrado, diversos aspectos de cuidado que seriam aprendidos. Por último, o compromisso emocional, no qual os cuidadores de crianças deveriam apresenta-lo diante da necessidade de cuidar das crianças, gastando tempo adequado nessa atividade. Assim, na sua visão, não bastaria apenas qualidade de tempo, mas quantidade suficiente entre crianças e cuidadores.

Para tal, deveria haver alguma pessoa na vida da criança que promova um desenvolvimento seguro. O cuidado com crianças pequenas seria uma prioridade nos primeiros anos de vida. Para tanto, a criação de uma agenda nacional, por parte de entidades de saúde e governo, garantiria pesquisas práticas com a finalidade de identificar e corrigir problemas desde o mais cedo possível a fim de precaver possíveis períodos de crises.

Na base de dados ScienceDirect selecionou-se um artigo em consonância com o tema proposto, que abordou diferenças em práticas de estimulação corporal durante os três primeiros meses de vida do bebê. Nesse aspecto, Carra, Lavelli e Keller (2013), compararam as etonteorias e comportamentos de mães italianas e mães imigrantes da África Ocidental.

Participaram do estudo 20 díades mães- bebês italianas e 20 díades mães- bebê imigrantes da África Ocidental, provenientes de áreas urbana e rural, da Nigéria e de Gana. Os pesquisadores filmaram a interação mãe-bebê com 4, 8 e 12 semanas e codificaram o comportamento materno em cinco categorias a partir do sistema de cuidado parental desenvolvido por Keller.

Os resultados indicaram que as mães imigrantes praticam a estimulação corporal significativamente mais que mães italianas, além de realizarem por mais tempo a estimulação motora e tátil. Por outro lado, as mães italianas falam mais da estimulação tátil do que a estimulação motora.

A estimulação corporal percebida na cultura africana foi observada, a partir da prática de levantar o bebê para cima e para baixo, acompanhada pela música e fala materna. Para algumas mães, a estimulação corporal seria expressa pelo beijar e abraçar, representando o caminho no qual as mães manifestavam seu amor pelo bebê, que percebia e apreciava a expressão deste. Mães italianas

descreveram a estimulação corporal em termos de abraços, beijos, carinho e massagens no pé, pernas, mãos, em uma expressão positiva de emoções.

As mães imigrantes utilizaram as práticas de estimulação motora como um treino para a criança superar o medo, o que a faz forte. As mães italianas acreditaram que através dessa estimulação a criança aprendia um novo movimento, o que lhe permitia certa autonomia. Assim, a criança aprenderia a fazer sozinha determinados movimentos. Houve mães que estimulavam através do uso de algum objeto, pois acreditavam que um novo elemento poderia dar oportunidade de experimentar um movimento que auxiliará no desenvolvimento motor.

O estudo proposto por Greenfield, Flores, Davis e Salinkhan (2008), apresentou duas vias teóricas do conceito de desenvolvimento. A primeira tratou dos objetivos ligados a interdependência e a inteligência voltadas para a responsabilidade social. O segundo referiu-se aos objetivos de independência e desenvolvimento cognitivo.

As características sociais da primeira via apontaram para o aspecto coletivo, enquanto a segunda, para o individual. A coletividade pode ser notada em países como Àsia, África, América Latina. Por outro lado, a individualidade parece ser característica da América do Norte, Canadá e Europa. Assim, os autores observaram o ambiente que refletiu a coletividade relacionava-se com áreas rurais e de baixa tecnologia, enquanto o ambiente voltado para a individualidade era característico de uma sociedade mais urbanizada e com tecnologia avançada.

Ao trazer a figura da babá, os autores discorreram sobre os conflitos existentes no ambiente de trabalho. As babás provenientes de países com cultura

coletivista procuravam cuidar e alimentar as crianças americanas até a idade pré-escolar. Para os pais americanos, essa prática sugeria um controle sobre a criança, podendo atrapalhar sua autonomia.

A proposta do estudo foi uma entrevista qualitativa com mães e babás, levantando as práticas individualistas, decorrentes de uma sociedade tecnológica e coletivistas, provenientes de um ambiente mais rural e de baixa tecnologia. De acordo com a pesquisa, a babá imigrante latina assumiu práticas coletivistas, enquanto a mãe, práticas individualistas. De acordo com os resultados obtidos, as crenças culturais acerca da criação de filhos podem ser influenciadas por fatores sociodemográficos. Outra conclusão encontrada pelos autores tratou das bases culturais entre mães e babás. Embora estas tenham sido criadas em contextos diferentes, as bases nem sempre foram motivos de conflitos entre as cuidadoras. Algumas vezes as diferenças foram aceitas e valorizadas, demonstrando harmonia na relação mãe/babá.

As entrevistas sugeriram também que as crenças contrastantes entre mães e babás levaram a divergências no campo de práticas de puericultura. Quando não há harmonia e compreensão na relação entre mães e babás, o desconforto pode produzir sentimentos negativos em ambas. Por último, o estudo não permitiu apontar se as diferenças de cuidado impactaram o desenvolvimento da criança e, portanto, existem lacunas na literatura que merecem ser preenchidas com pesquisas posteriores.

Por último, Zdravomyslva (2010) apresentou aspectos do surgimento e expansão do trabalho doméstico na sociedade russa. O objetivo desse trabalho foi levantar a relação entre babás e pais de crianças, principalmente abordando a temática referente aos contratos informais de trabalho. Embora a autora não tenha

apontado acerca de cuidados infantis, ela explorou as consequências da comercialização do cuidado infantil na sociedade russa contemporânea. A autora distinguiu dois tipos de babás: tradicionais e as baby-sitters. As tradicionais seriam quase membros de família, uma espécie de “avó” ou uma “substituta materna”, pois cuidariam da criança por um longo período, podendo morar com a família. Além disso, elas desempenhariam outras funções como limpar a casa e cozinhar. Para as mães que optaram por essa escolha de cuidado alternativo a preocupação seria que os filhos se sentissem amados, alimentados e que pudessem brincar. No entendimento dessas mães não haveria uma necessidade de educação especial a essas crianças, mas sim, a importância do cuidado e do afeto. As baby-sitters, diferente das babás tradicionais, seriam orientadas a fazer o trabalho estritamente definido, portanto, não pressupõe envolvimento com a família e suas relações. Executariam tarefas voltadas para o desenvolvimento da criança e teriam pouco investimento emocional.

A partir do que foi realizado na revisão de literatura, nota-se que estudos que investigam as práticas e crenças de cuidadores de criança ainda encontram-se restritos, tanto em território nacional quanto internacional. Diante dessa oportunidade faz-se oportuno e necessário a ampliação desse tema, principalmente quando a figura da babá é inserida para auxiliar os pais nas tarefas relacionadas a práticas de cuidado infantil. Embora presente em muitas famílias contemporâneas e desempenhando um papel fundamental, ainda há poucos estudos que tratam de sua participação no desenvolvimento infantil.

5 Justificativa

A família contemporânea assumiu uma formatação peculiar na sociedade contemporânea. O que era regra em termos de papéis feminino e masculino, dentro do sistema familiar, pode não ser aplicado na atualidade. As exigências mudaram e em alguns contextos, o pai deixou de ser o único provedor do lar. A mãe precisa equilibrar o desejo pessoal e profissional com a demanda das funções familiares, principalmente quando a chegada de um filho.

A mudança ocorrida no ciclo familiar, após o nascimento do filho, poderá exigir uma série de desafios que afetarão a dinâmica. Nesse contexto, o cuidado pode ser compartilhado com uma rede que não seja formada, exclusivamente, por membros familiares. Faz-se necessário ampliar esta rede de cuidados alternativos, inserindo a figura da babá, por exemplo. Ela, juntamente com a família, será responsável na tarefa de educar os filhos e contribuir para o desenvolvimento do bebê e da criança. Embora a figura da babá faça parte do cotidiano, a escolha que envolve esse cuidar parece não ser uma tarefa fácil para os pais, principalmente quando se trata de bebês ou crianças pequenas (Pessoa et al., 2016).

Contudo, nota-se certa escassez de estudos científicos que investiguem a articulação de crenças com as práticas de cuidado parental de babás e mães. Considerando o tamanho do país e sua população, assim como a diversidade cultural, estudos sobre crenças e sua articulação com práticas parentais na população brasileira ainda devem ser realizados (Vieira et al, 2010).

6 Objetivos

6.1 - Objetivo Geral

Investigar as crenças e práticas de cuidados compartilhadas por mães e babás de crianças em idade pré-escolar, nas famílias contemporâneas residentes na zona sul do Rio de Janeiro.

6.2 - Objetivos Específicos

1 – Identificar as crenças de cuidado das mães em famílias de arranjos nucleares.

2 – Identificar as crenças de cuidado das babás em famílias de arranjos nucleares.

3 – Identificar as práticas de cuidado das mães em famílias de arranjos nucleares.

4 – Identificar as práticas de cuidado das babás em famílias de arranjos nucleares.

5 – Comparar as crenças das mães e babás em famílias de arranjos nucleares.

6 – Comparar as práticas de mães e babás em famílias de arranjos nucleares.

7 – Relacionar o nível de escolaridade com as crenças e práticas de cuidado de mães e babás.

7 Método

7.1 - Delineamento do Estudo:

Realizou-se um estudo, de cunho qualitativo, a partir de entrevista semiestruturada e da aplicação de tarefas que buscaram avaliar as crenças e práticas de cuidado de diferentes cuidadores.

Participantes

A proposta do estudo foi uma amostra composta por 15 duplas de mães e babás, da cidade do Rio de Janeiro, com filhos com idade até três anos. Para o fechamento da amostra foi proposto o critério de saturação, que possibilitou suspender novos participantes à medida que os dados coletados sejam repetidos (Denzim & Lincoln, 1994).

O perfil das participantes, analisadas em conjunto, quanto à escolaridade ficou representado da seguinte forma:

- Ensino Fundamental Incompleto (5) – 16,7%
- Ensino Fundamental Completo (4) – 13,3%
- Ensino Médio Incompleto (1) – 3,3%
- Ensino Médio Completo (5) – 16,7%
- Ensino Superior Incompleto (1) – 3,3%
- Pós-graduação completa (14) – 46,7%

A média da escolaridade ficou 5,1 e o desvio padrão em 2,94.

Quanto à análise da escolaridade das mães, os resultados indicaram que 6,7% tinham Ensino Superior Incompleto e 93,3%, Pós-graduação Completa, com média de 7,8 e desvio padrão de 0,77. As babás apresentaram média de 2,4 e desvio padrão de 1,29; indicando que 33,3% relataram ter o Ensino Fundamental

Incompleto; 26,7% com Ensino Fundamental Completo; 6,7% com Ensino Médio Incompleto e 33,3%, com Ensino Médio Completo.

A média das idades das participantes foi de 39,06 anos e desvio padrão de 8,66.

7.2 - Tarefas

7.2.1 Entrevista

Foi realizada uma entrevista semiestruturada, composta por nove questões abertas a fim de levantar as práticas de cuidado infantil realizadas por mães e babás. Um questionário sociodemográfico foi aplicado, com a finalidade de investigar aspectos sociodemográficos dessas famílias.

7.2.2 Sistemas Parentais de Keller

Foram apresentadas as cuidadoras, individualmente, cinco imagens de uma mulher com um bebê que representavam cada uma, um dos cinco sistemas parentais de Keller: cuidados básicos, estimulação corporal, contato corporal, estimulação por objeto e contato face-a-face.

Foi solicitado que organizassem as imagens por ordem de importância: da mais importante para a menos importante. Em seguida, foi pedido que explicassem o motivo da prioridade. Os áudios das entrevistas foram gravados e transcritos.

7.3 - Procedimentos de coleta e análise dos dados

A coleta de dados foi realizada a partir da entrevista semiestruturadas, em locais pré-estabelecidos pelas participantes, na cidade do Rio de Janeiro. As tarefas foram aplicadas pela própria pesquisadora. As participantes foram localizadas a partir da amostragem nomeada como “bola de neve”, uma forma de amostra que não faz uso da probabilidade, mas recorre à utilização de cadeias de

referência. Esse tipo de estudo pode ser uma fonte permanente de coleta de informações e, normalmente, pode ser conveniente quando se deseja ampliar e compreender uma temática. Além disso, pode ser útil no desenvolvimento de métodos que serão realizados em outros estudos. Para pesquisas nas quais há um número menor de participantes, a amostragem em bola de neve demonstra ser uma técnica efetiva para a coleta de dados. Uma das vantagens da utilização da amostragem por “bola de neve” faz referência à forma como os participantes são recrutados (Vinuto, 2014).

Os dados foram colhidos, inicialmente com as mães e, posteriormente, com as babás. As entrevistas não foram realizadas na mesma hora, e em alguns casos, em locais diferentes, pré-estabelecidos. As participantes, primeiramente, preencheram o Questionário Sociodemográfico. Na sequência foram apresentadas as cinco figuras que representam os cinco sistemas de cuidado infantil. Nessa etapa, foi pedido que organizassem as figuras por ordem de importância, ou seja, da mais importante para a menos importante, explicando os motivos da escolha. Por último, as participantes responderam a entrevista proposta. Para a análise dos dados sociodemográficos utilizou-se o software SPSS, que possibilitou apresentar a distribuição de frequências, média e desvio padrão nos itens referentes à escolaridade e idade das participantes.

Para a análise do texto que emergiu a partir das cinco figuras referentes aos cinco sistemas de cuidado infantil, adotou-se o software Iramuteq. Esse recurso permitiu analisar o material, informando os segmentos de textos, bem como as classes e a nuvem de palavras que surgiram.

Na entrevista semiestruturada, utilizou-se a análise de conteúdo (Bardin, 1977), que teve por objetivo investigar o sentido ou os sentidos do documento, obedecendo a três etapas descritas abaixo:

1) Pré-exploração: leitura minuciosa, detalhada e aprofundada de todo o material coletado a fim de compreender e organizar os conteúdos mais levantados para realização das demais etapas do processo.

2) Exploração do material: visa a busca no texto, de conteúdos que respondam aos objetivos levantados pela pesquisa, o que contribuiu para categorização da temática.

3) Tratamento do material: reordenação dos dados obtidos nas etapas de análise e interpretação dos dados, com base na literatura do tema referido, o que permitirá elencar categorias para a discussão a ser realizada.

7.4 - Questões éticas

A pesquisa seguiu as normas da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP, Conselho Nacional de Saúde, Ministério da Saúde, Brasil) e do Código de Ética Profissional dos Psicólogos, e atenderá às exigências estabelecidas pela Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da PUC-Rio sob o protocolo 01/2019.

Aos participantes foi encaminhado o termo de consentimento livre e esclarecido, informando a estes os objetivos da pesquisa, bem como a relevância social desta. A participação nessa pesquisa não apresentou custos ao participante, nem vantagens financeiras. Quanto a possíveis danos, ressaltou-se o risco mínimo desta, que foi reduzido pela possibilidade do participante não responder a pergunta, ou mesmo solicitar o encerramento da entrevista ou aplicação do

instrumento. Utilizou-se somente os dados dos participantes que assinaram o referido termo para a construção dessa dissertação de mestrado. Coube ressaltar que todas as informações que poderiam identificar os participantes foram mantidas em sigilo, a fim de conservar a privacidade dos mesmos.

8 Resultados e Discussão

A análise dos dados sociodemográficos foi realizada a partir da distribuição de frequências obtidas pelo programa SPSS. O objetivo foi apresentar os dados de maneira concisa, extraindo informações sobre o comportamento dos participantes, levando em consideração a escolaridade de mães e babás e os sistemas parentais de Keller (2005). O nível de escolaridade materno ficou distribuído entre ensino superior incompleto (1) e pós-graduação completa (14). O nível de escolaridade das babás ficou subdividido da seguinte forma: ensino fundamental incompleto (5), ensino fundamental completo (4), ensino médio incompleto (1) e ensino médio completo (5).

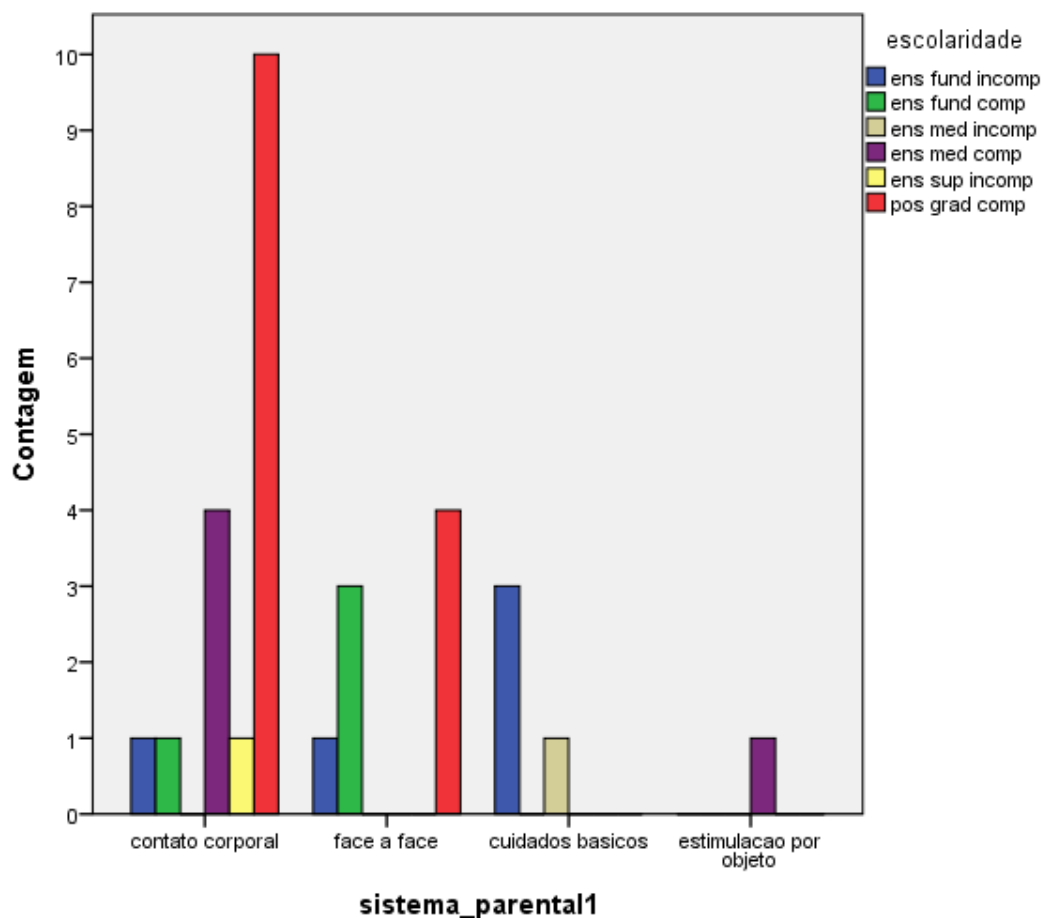


Figura 1 – Nível de escolaridade (mães e babás) e relação com os sistemas parentais.

Identificou-se, através da figura 1, que as primeiras escolhas maternas foram dirigidas a dois sistemas parentais de cuidado, a saber: o Contato Corporal, obtendo onze respostas, seguido pelo sistema Face-a-Face, com quatro respostas. O sistema Contato Corporal também foi à primeira escolha das babás com seis respostas. O segundo e o terceiro mais escolhido foram Face-a-face com quatro respostas e Cuidados básicos também com o mesmo número de respostas. A Estimulação por objeto também surgiu como primeira resposta para uma babá. O sistema referente à Estimulação Corporal não recebeu nenhuma escolha. Outro dado que observado através do gráfico referiu-se a dispersão das respostas emitidas pelas babás. Enquanto as mães se restringiram a dois principais sistemas como primeira escolha de preferência, as repostas das babás foram mais fragmentadas.

Os dados apresentados em porcentagem seguiram a seguinte disposição: Contato corporal, representando 57% das respostas das díades mãe/babá, Face-a-face, com 27%; Cuidados básicos, obtendo 3% e Estimulação por objeto com 13%.

A escolha da díade mãe/babá quanto aos primeiros sistemas de cuidados parentais confirmaram o dado apresentado na pesquisa realizada por Seidl-de-Moura et al. (2014), indicando que contato corporal e o contato face-a-face foram os dois sistemas mais valorizados por essas cuidadoras. Esse dado também foi comprovado na pesquisa apresentada por Pessôa, Seidl-de-Moura, Ramos e Mendes (2016) quando avaliou que o contato corporal obteve índice superior nos sistemas parentais as díades mães/babás.

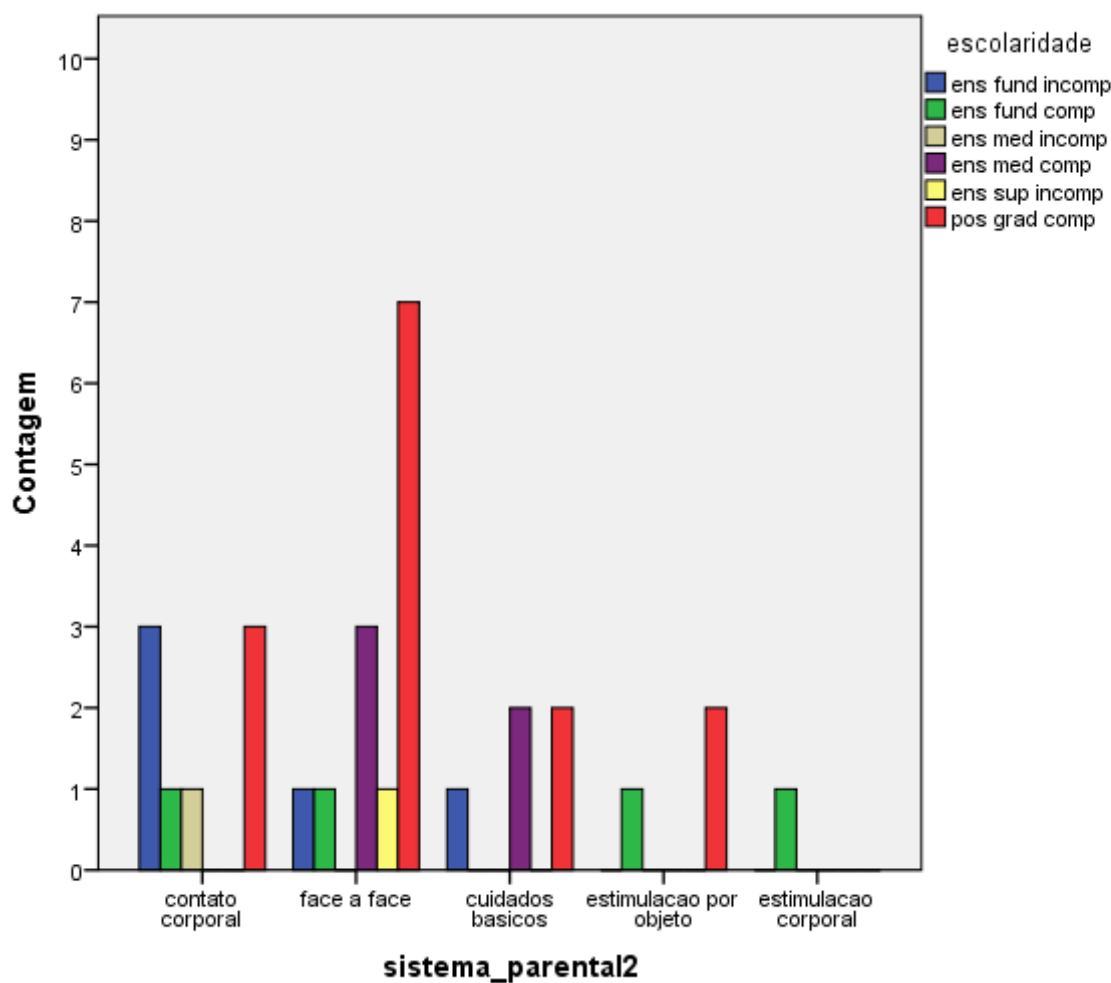


Figura 2 – Relação entre escolaridade (mães/babás) e o segundo sistema mais escolhido

A segunda figura escolhida pelas mães representou o sistema Face-a-face, com oito repostas, seguido pelo sistema Contato Corporal com três escolhas. Cuidados básicos e Estimulação por objetos receberam o mesmo número de escolhas, com duas respostas. Quanto às respostas das babás, as segundas figuras que receberam equivalência foram os sistemas referentes ao Contato Corporal, com cinco repostas e o Face-a-face, com também cinco repostas. O sistema referente aos Cuidados básicos obteve quatro repostas, Estimulação por objeto com três e Estimulação corporal com uma repostas. Em termos de porcentagem,

esses dados representaram: Face-a-face com 43%; Contato corporal 27%, Cuidados básicos com 17%; Estimulação por objetos atingindo 10% e Estimulação corporal com 3% das respostas obtidas.

Os dados apresentados demonstraram que mães e babás têm proximidade de repostas quando se referem à escolha do segundo sistema de cuidado parental. Quanto a esse aspecto, o estudo apresentado por Seidl-de- Moura et al.(2014) apontou que babás recorreram mais ao sistema de cuidados básicos, dado esse que não foi ratificado no presente estudo.

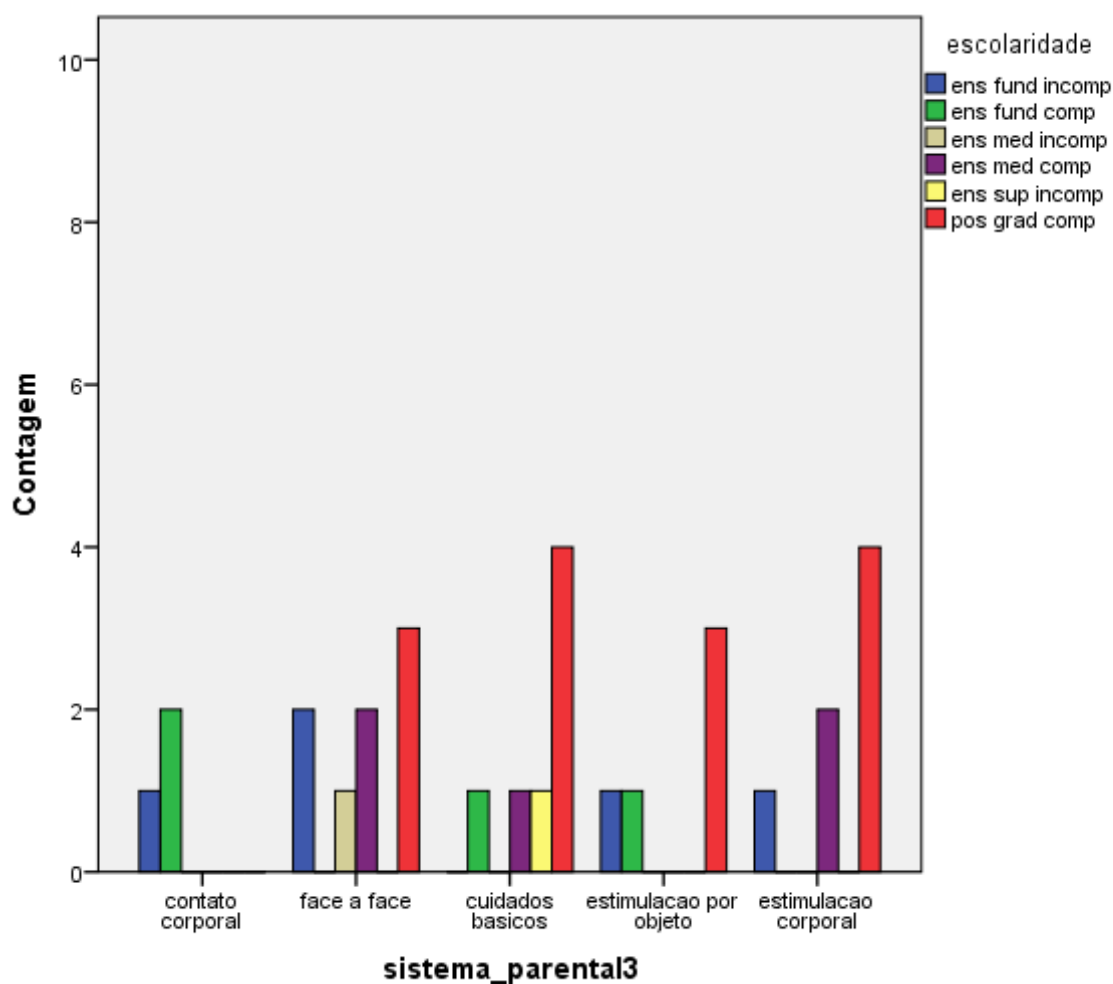


Figura 3 – Escolaridade de mães e babás quanto à escolha do terceiro sistema parental de cuidado

O terceiro sistema que recebeu maior resposta materna referiu-se ao de Cuidados básicos com cinco repostas, seguido por Estimulação corporal com quatro escolhas. Tanto os sistemas de Estimulação por objeto e o Face-a-face foram escolhidos por três mães. As babás, por sua vez, escolheram como terceira figura o sistema Face-a-face, com cinco repostas. Os sistemas que representavam o Contato corporal e a Estimulação corporal obtiveram cada um três respostas, totalizando seis participantes. Cuidados Básicos e Estimulação por objeto foram escolhidos por duas participantes em cada sistema, ou seja, quatro no total.

Quanto à porcentagem, a terceira escolha das participantes representou: Cuidados Básicos – 23%; Estimulação corporal – 23%; Estimulação por objetos – 17%; Face-a-face – 27% e Contato corporal com 10%.

Houve nesse sistema discrepância entre as escolhas feitas por babás e mães. Enquanto as babás ainda confirmaram a escolha do sistema do contato Face-a-face, as mães se referiram aos cuidados básicos. Portanto, enquanto babás ainda focaram na interação com a criança, as mães já trouxeram a expectativa quanto à provisão das necessidades básicas da criança.

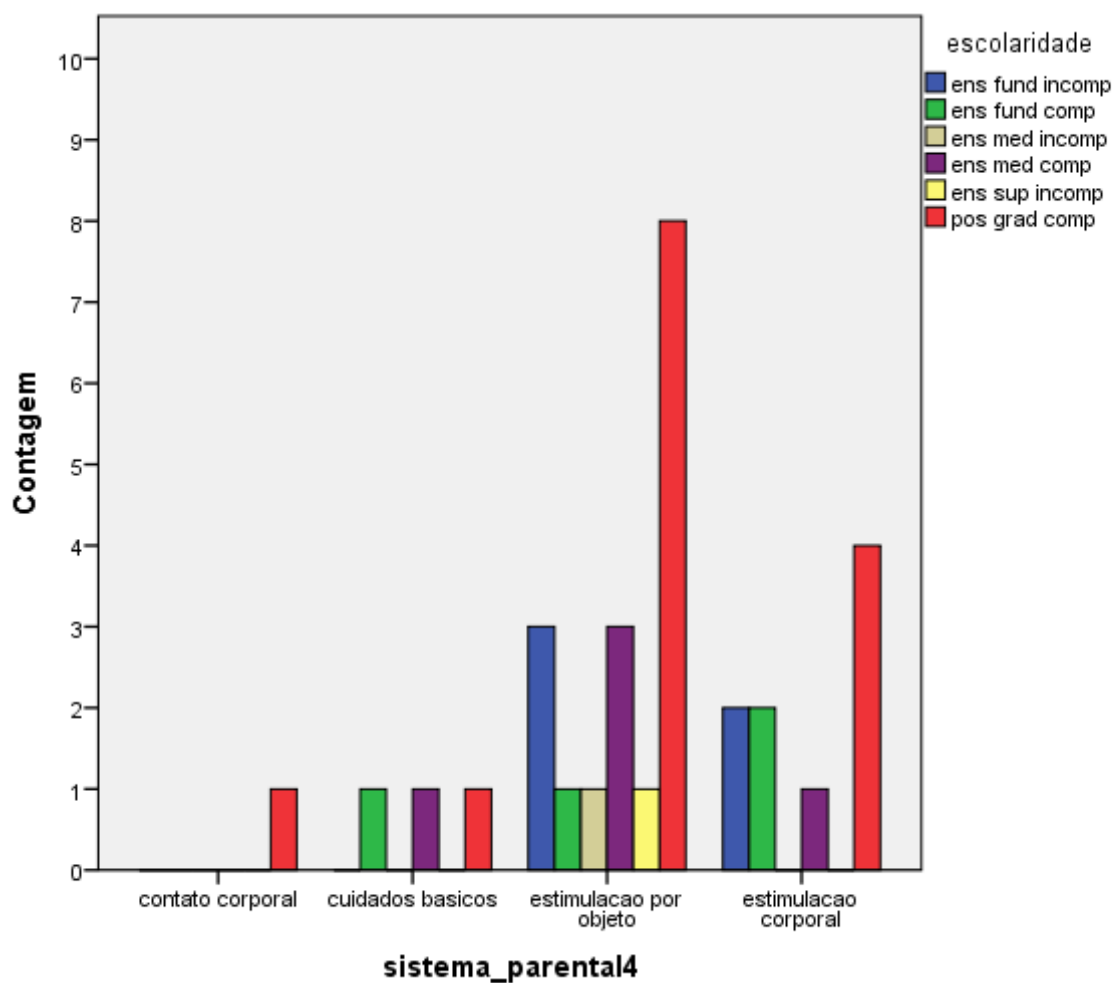


Figura 4 – Relação entre o nível de escolaridade (mãe/babá) e o quarto sistema parental de cuidado

O quarto sistema mais escolhido pelas mães referiu-se ao de Estimulação por objeto com nove repostas, seguido pelo sistema de Estimulação corporal com quatro repostas e por último, o Contato corporal com uma resposta. Tanto o sistema de Cuidados básico e o Contato corporal obtiveram uma resposta em cada sistema referente. As babás também ordenaram a Estimulação por objeto como quarto sistema de importância, com oito repostas, em segundo lugar a Estimulação corporal com quatro repostas e Cuidados básicos com duas repostas.

As porcentagens do quarto sistema ficaram dispostas na ordem: Estimulação por objetos – 57%; Estimulação Corporal – 27%; Contato corporal – 3%; Cuidados básicos – 10% e Face-a-face – 3%.

Tanto mães quanto babás apontaram o mesmo sistema de cuidados parentais como penúltima ordem das figuras, o que demonstra atribuir o mesmo grau de importância para esse sistema, o que demonstrou coesão entre as diferentes cuidadoras.

Gráfico 5

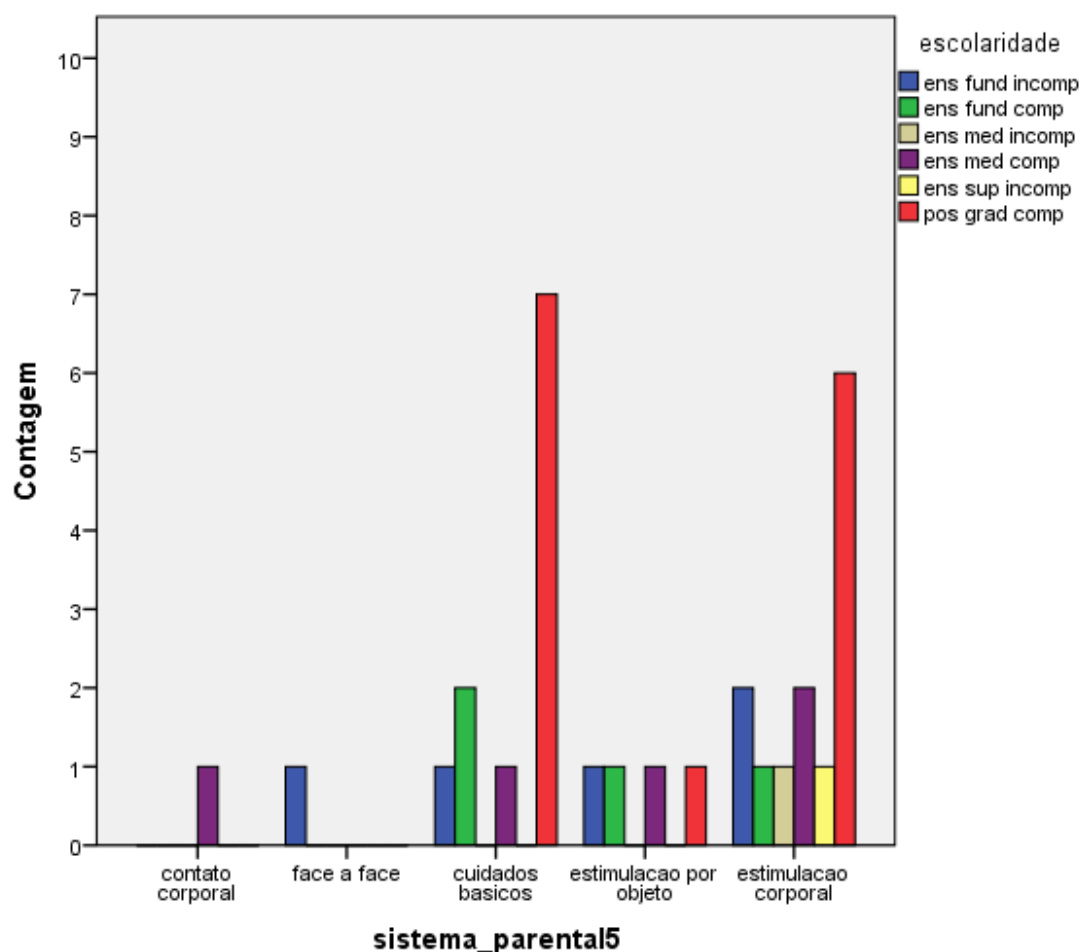


Figura 5 – Relação entre o nível de escolaridade de mães e babás e o quinto sistema de cuidado parental

As últimas figuras escolhidas pelas mães tiveram equivalência nas respostas

obtidas e se referiram aos sistemas de Cuidados básicos, com sete respostas e Estimulação corporal, com sete escolhas. O sistema parental de Estimulação por objeto recebeu apenas uma resposta materna. As babás, como última escolha apresentaram o sistema de Estimulação corporal com seis repostas, seguido pelo sistema de Cuidados básicos, com quatro respostas, Estimulação por objetos com três respostas. Os sistemas de Contato corporal uma resposta e o Face-a-face igualmente.

O último sistema escolhido pelas participantes obteve: Estimulação corporal – 43%; Cuidados básicos – 37%; Estimulação por objeto – 13%; Contato corporal – 3% e, Face-a-face – 3%.

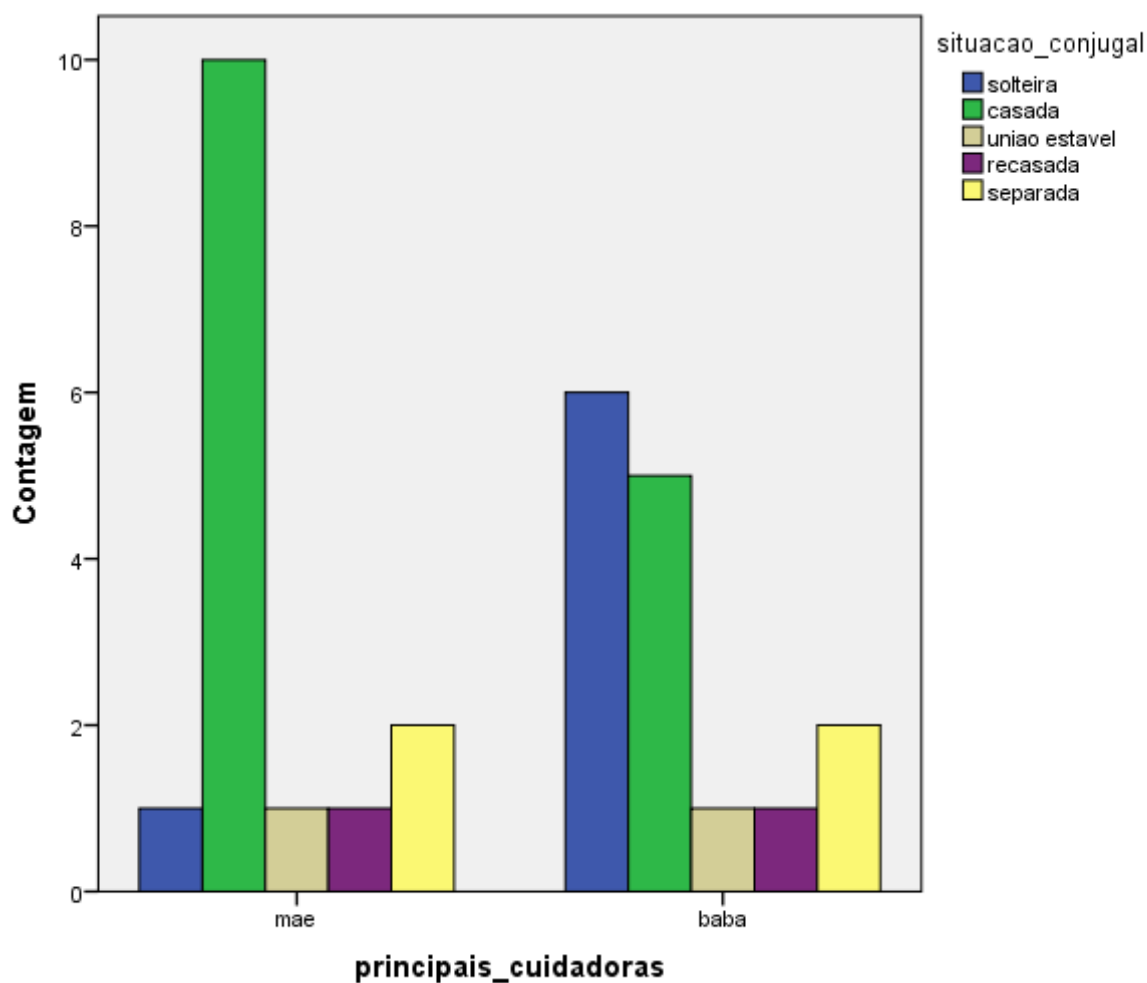


Figura 6 - Situação conjugal das participantes

A análise da situação conjugal das mães participantes ficou distribuída da seguinte forma: solteiras - 6,7%; casadas - 66,7%; união estável - 6,7%; recasadas - 6,7% e separadas - 13,3%. Esse dado confirma que ainda hoje o arranjo composto por pai, mãe e filhos, ou seja, a família tradicional, ainda constitui como modelo predominante, confirmando o dado do IBGE (2015) e conforme Almeida e Vasconcelos (2018) argumentaram. Na análise das babás participantes, a distribuição foi: solteiras - 40%; casadas - 33%; união estável - 6,7%; recasadas - 6,7% e separadas - 13,

Para análise da tarefa referente à ordenação das figuras, que representavam os cinco sistemas parentais de Keller (2005), utilizou-se o software Iramuteq. Assim, foi possível verificar a análise textual do material transcrito. O corpus geral foi constituído por 30 textos separados por 71 segmentos de texto com aproveitamento de 55 St (77,46%). Emergiram 2.374 ocorrências (proposições, palavras, formas ou vocabulários) sendo 493 palavras distintas e 273 palavras com uma única ocorrência.

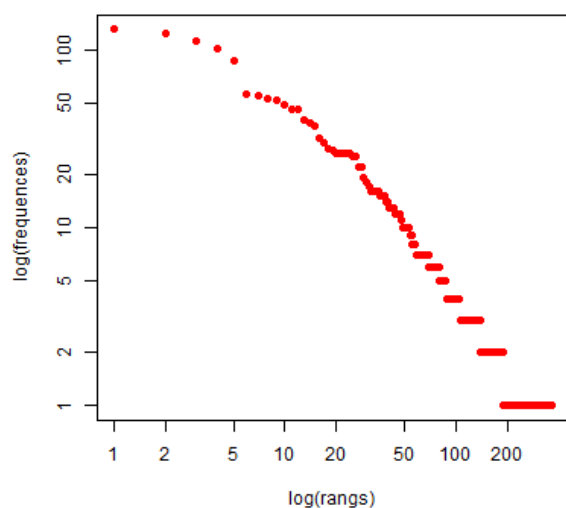


Figura 7 – Frequência de palavras X repetição de palavras

A figura 7 demonstra ao lado esquerdo (Frequência), as palavras que emergiram do corpus e que se repetiram apenas uma vez, enquanto o lado direito (Variância), revelou as palavras que se repetiram muitas vezes dentro do corpus textual.

O conteúdo foi categorizado em seis classes:

- Classe 1 com 10 segmentos de textos (18,2%);
- Classe 2 com 8 segmentos de textos (14,6%);

- Classe 3 com 9 segmentos de textos (16,4%);
- Classe 4 com 11 segmentos de textos (20%);
- Classe 5 com 7 segmentos de textos (12,7%) e, por último,
- Classe 6 com 10 segmentos de textos (18,2%).

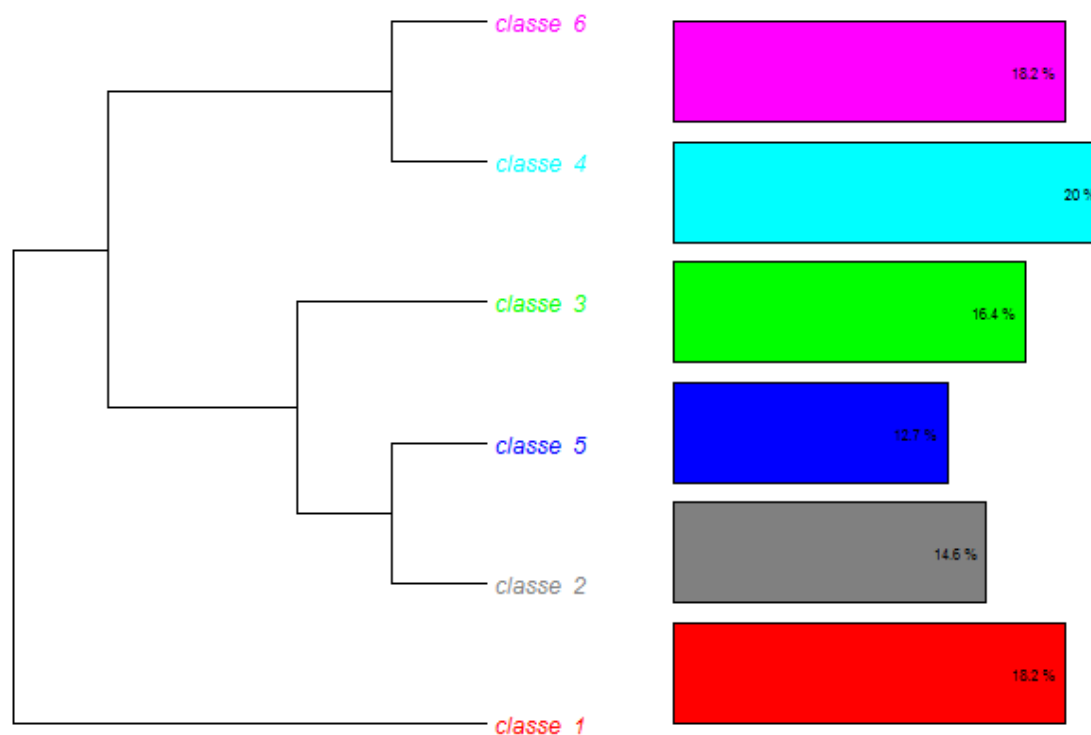


Figura 8 – Classificação das palavras por classes (%)

Outra forma de apresentação dos dados, a partir das cinco figuras dos sistemas parentais de Keller (2005), revelou as palavras agrupadas nas diferentes classes apresentadas pelo gráfico abaixo:

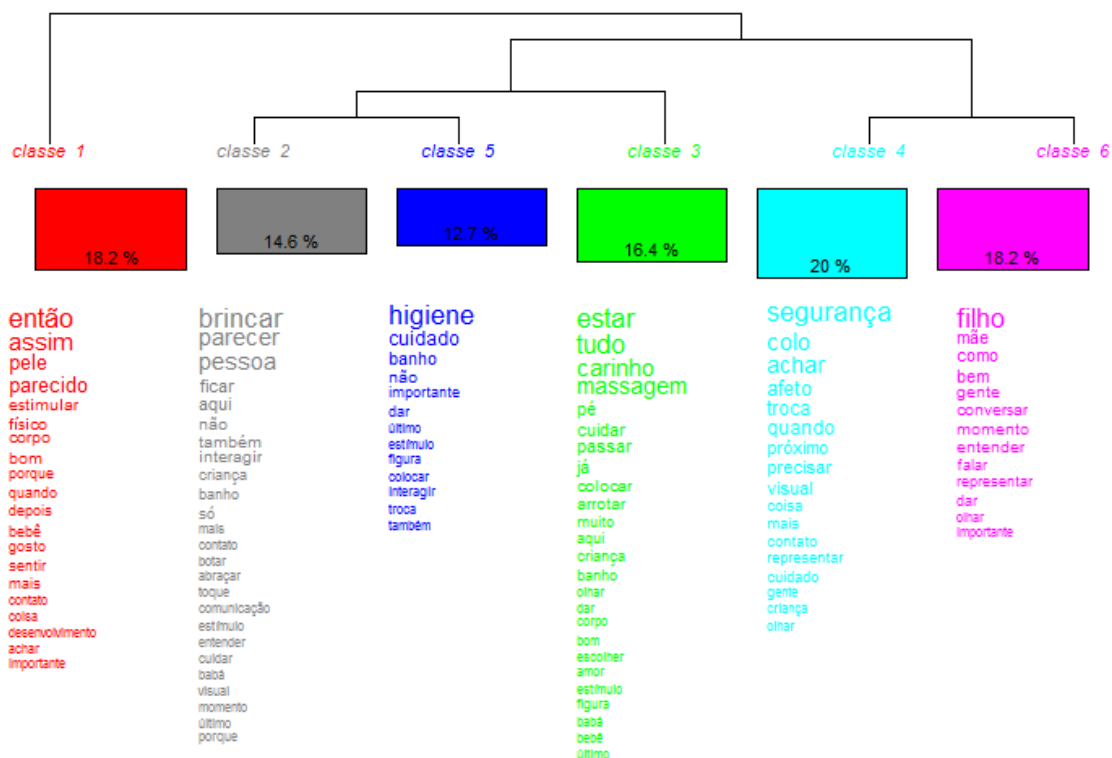


Figura 9 – Palavras agrupadas por classes

A partir da Análise Fatorial por Correspondência foi possível realizar a associação do texto entre as palavras, levando em consideração a frequência de incidência destas e suas classes, que foram representadas em um plano cartesiano. Através da Figura 11, observou-se que as palavras das classes tenderam a uma expansão periférica, contudo houve algumas palavras que se apresentaram em um segmento centralizado. Nesta apresentação foi possível visualizar como as classes se ramificaram e como algumas ficaram em sobreposição.

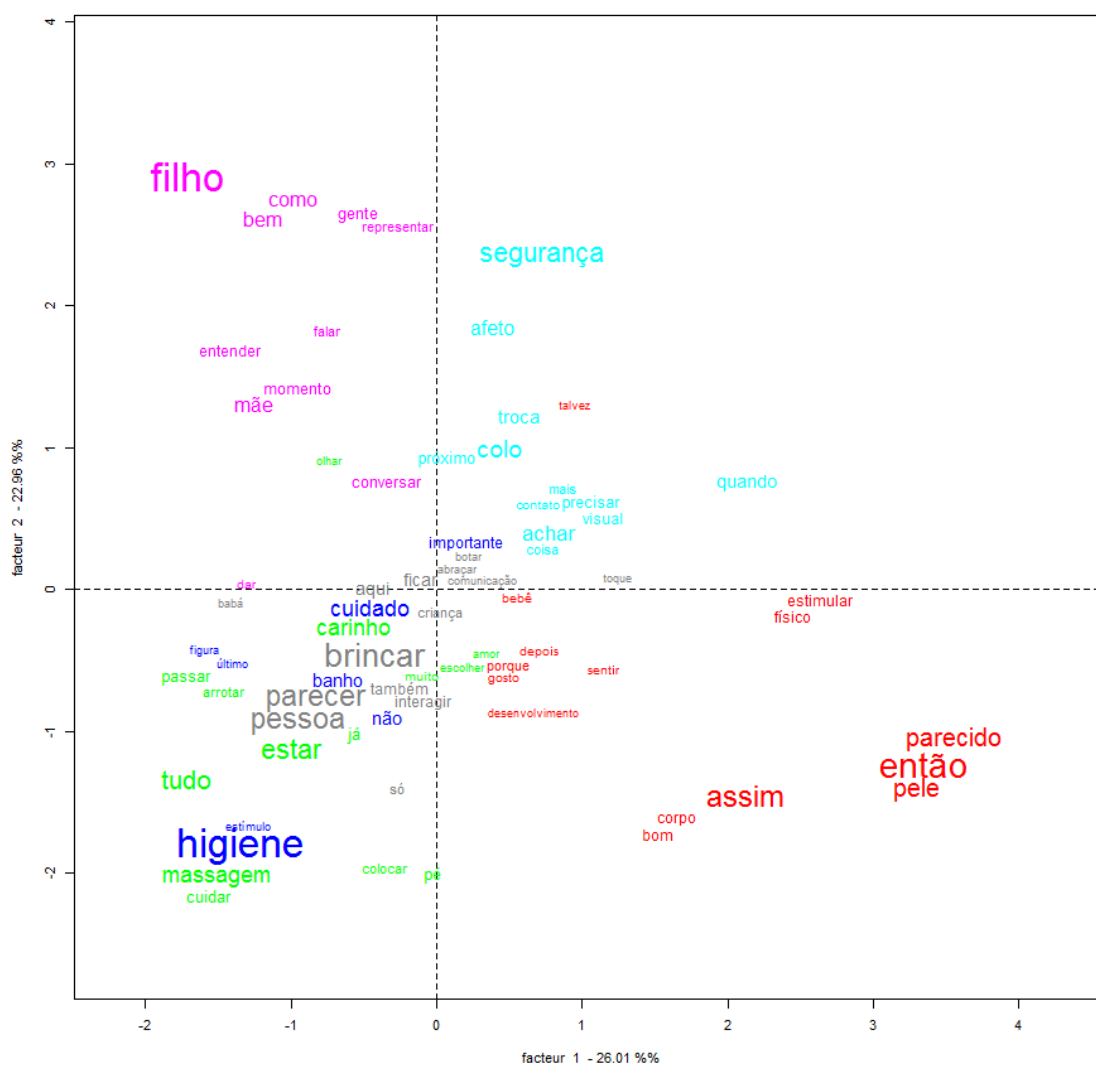


Figura 11 – Análise Fatorial por Correspondência indicando a frequência de palavras e classes

Ainda sobre a Análise Fatorial por Correspondência, a Figura 12 proporcionou a apresentação dos dados sociodemográficos em aproximação ou em oposição. Sendo assim, as classes mais próximas foram: classe 3, com a palavra “Cuidado”, classe 4, com a palavra “Contato” e classe 5, com a palavra “Carinho”. As mais distantes, classe 6, com a palavra “Conversar” e classe 1, com a palavra “Corpo”.

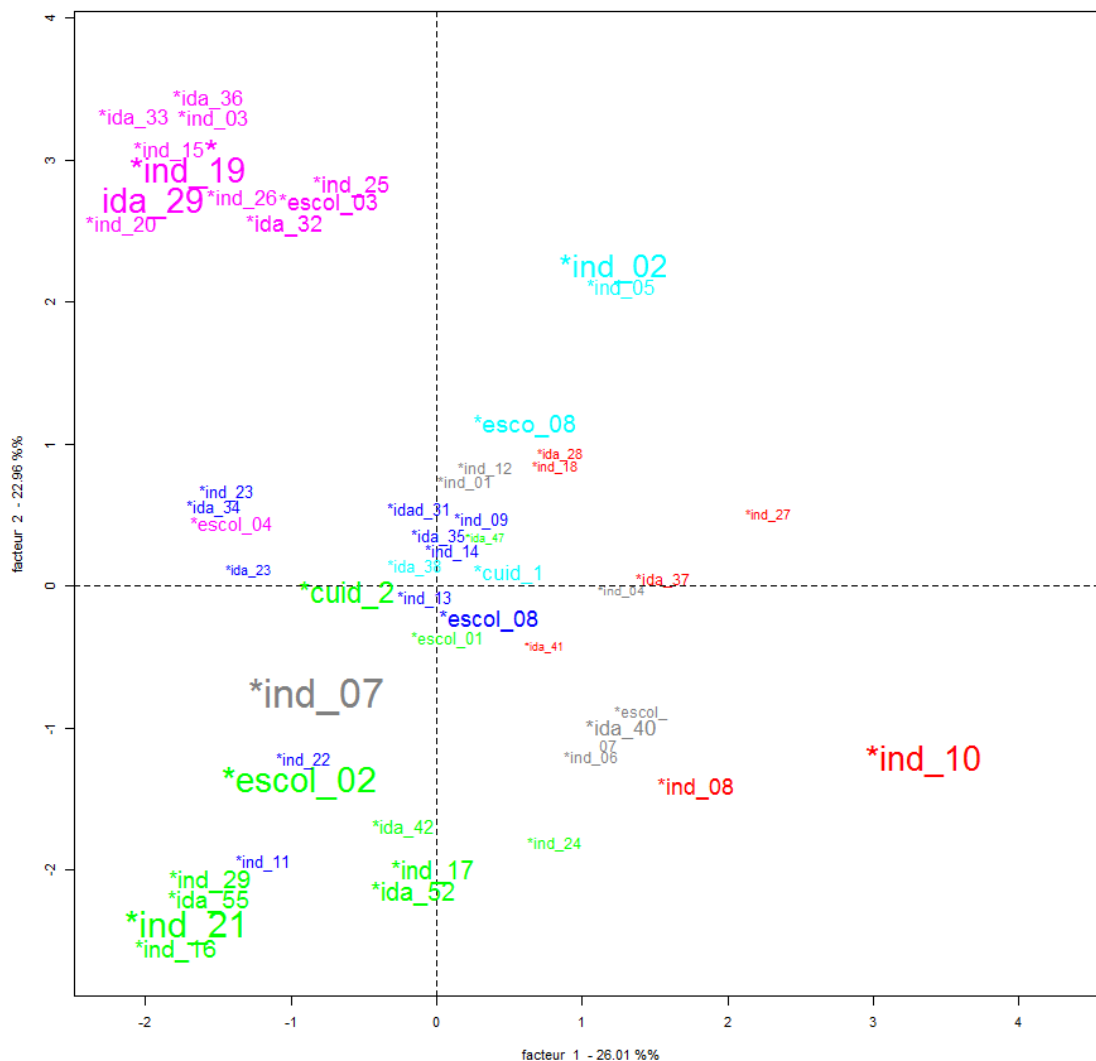
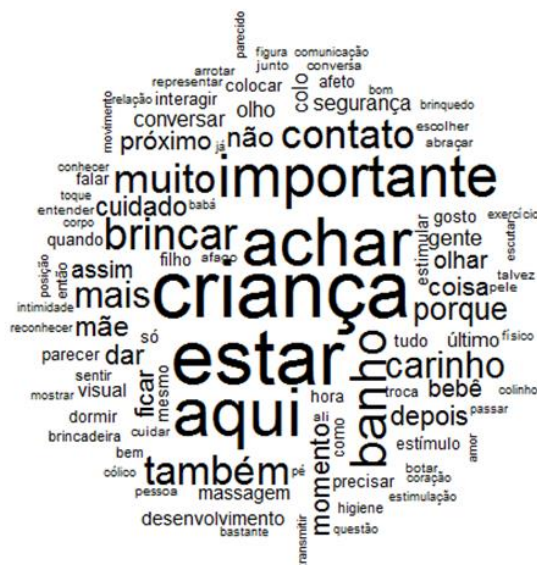


Figura 12 – Análise Fatorial por Correspondência relativa aos dados sociodemográficos

Nuvem de Palavras:

Em seguida, foi criada a nuvem de palavras obtida por meio das entrevistas, utilizando as cinco figuras do sistema parental de Keller. As palavras mais evocadas foram: criança, brincar, importante, contato, banho, carinho, cuidado, segurança, bebê, colo, mãe, massagem, desenvolvimento, entre outras,

demonstrando que para as participantes a ordem de importância ultrapassa diversas experiências da forma de exercer as práticas de cuidado infantil.



9.3 – Análise das Entrevistas

As repostas obtidas por meio da aplicação do questionário permitiu investigar e aprofundar a importância da prática de cuidados infantis desempenhadas por mães e babás, além das crenças que essas cuidadoras possuem. Acredita-se que tais elementos influenciarão o desenvolvimento da criança que recebe e participa dessa interação. A partir da análise de conteúdo realizada, foi possível traçar as categorias que serviram como eixo norteador das nove perguntas do questionário.

Para as três primeiras perguntas pode-se inferir que a temática central relaciona-se a relevância da prática de cuidados diários realizadas pelas mães e babás. A primeira questão trata de um aspecto mais amplo, possibilitando elencar diversas categorias de importância.

Quadro 01: repostas dos participantes em relação à 1ª pergunta do questionário - O que você acredita ser importante na prática de cuidados diários com crianças?

Categorias de Análises – questão 01	Informações obtidas
Atitudes do envolvimento parental (mãe e babá) – Carinho	B1: [...] tem que ter bastante atenção e carinho B2: [...] gosto de tudo, da fazer tudo com ela M3: [...] muito carinho, muita interação, acho isso muito importante B7:[...] primeiro de tudo é gostar do que você está fazendo, gostar de cuidar da criança... porque você está praticamente criando... você acaba sendo uma segunda mãe M9: [...] carinho, amor, conexão M11: [...] carinho, presença, saber lidar com cada situação. M13: [...] carinho, beijinho, essas coisas B13: [...] carinho, amor, o diálogo porque ele já interage com a gente e o contato
Educar	M1: [...] mostrar o que é importante, correto e certo
Atitudes do envolvimento parental (mãe e babá) –Atenção	B1: [...] tem que ter bastante atenção e carinho, tenho medo de fazer uma arte, por exemplo: dele subir em uma cadeira e cair... B2: [...] atenção, ela gosta de que você fique com ela, ela gosta que você desenha com ela, se saio ela reclama B3: [...]ela tá numa fase que você tem que ficar de olho o tempo todo. Ela ainda não anda, mas você nao pode deixar no quarto e sair e ficar passando roupa por meia hora, sabe? B4: [...] medicação, não pode estar exposta, ne? eles mexem, ele pegam, coisas que podem machucar M4: [...] tá sempre atento a necessidade dela, ver o que precisa, sem gritar... M12: [...] atenção... tem que ter muita atenção com as crianças... eu falo isso pra elas(funcionárias)... tem que andar com muita atenção com elas, de mãos dadas, principalmente na rua... isso é o que hoje eu acho super importante. B15:[...] tem que ter muita atenção, muita responsabilidade porque como se diz: criança

	cega a gente.
Cuidar do bem-estar: higiene, alimentação, rotina	<p>M2: [...] eu tenho dois filhos e essas coisas que a gente sabe de higiene, limpeza e de tudo que a gente tenta fazer, eu acho que foi muito diferente... pra trocar fralda, exige muito mais do que a gente...</p> <p>B2: [...] adoro dar o banho...</p> <p>B3: [...] procurar deixar a criança bem cuidada, de banho tomado</p> <p>M5: [...] depois eu vejo a limpeza, principalmente quando ele ainda é bebezinho... lá em casa a gente sempre teve muito cuidado com essa coisa da limpeza, limpar ele</p> <p>M6: [...] olha se ele tá se alimentando bem, ver com a pediatra se tá tudo certinho com a saúde</p> <p>B6: [...] é sempre ficar com as coisas pra fazer com ele nos horários certos. Ter hora pra tomar banho, ter hora pra ir na rua, ele ter hora pra almoçar, jantar, lanche</p> <p>M10: [...] essa parte da alimentação eu levo muito a sério, eu fico vendo o fulaninho que não come verde, não come legume, mas você também não ensinou</p> <p>B11: [...] tem que ter a hora dos afazeres dela</p> <p>B12: [...] a gente tem uma sobrecarga importante na vida da criança... não é só dar o banho e vestir, nosso trabalho ultrapassa isso... a gente se preocupa com o bem-estar dela...</p> <p>B14: [...] eu penso assim: tem que estar sempre alimentadozinho, o almoço, o banho na hora... manter ele nos cuidadosinhos de horário de almoço e de lanche</p> <p>M14: [...] rotina porque na correria do dia-a-dia você consegue, pelo menos, estabelecer o que é indispensável naquele dia, porque ela também passa segurança pra criança do que vai acontecer.</p>
Atitudes do envolvimento parental (mãe e babá) –Amor	<p>M10: [...] amor, disciplina com carinho e preocupação com a saúde</p> <p>B5: [...] amor, ainda mais com ele, ele é tão fofinho, tão meiguinho, tão docinho</p>
Atitudes do envolvimento parental (mãe e babá) –Segurança	<p>M5: [...] a primeira coisa que eu acho é a segurança, pra criança poder tá bem.</p> <p>B9: [...] você tem que passar segurança pra criança, acho que isso pra mim é importante, que a criança consiga entender e eu consigo entender o que a criança quer se expressar</p> <p>M15: [...] segurança pra manter a integridade física da criança. O tempo todo para dar saúde para ter a integridade, carinho e o afeto para dar essa condição emocional pra criança</p>
Atitudes do envolvimento parental (mãe e babá) –Paciência	<p>B10: [...] eu acho que tem que ter muita paciência, a pessoa precisa ter o dom pra cuidar de uma criança</p> <p>B7: [...] cuidar da criança, ter um carinho especial, ter paciência, ter sabedoria, porque você está praticamente criando</p> <p>B8: importante é paciência, tá com equilíbrio emocional porque uma criança requer muito cuidado.</p>

Estimular o desenvolvimento da criança	M8: [...] estimular o desenvolvimento, tanto o motor quanto o de fala... dar o máximo de liberdade pra ele, sem que ele se machuque, então ele faz o que quiser...
Participar da vida do filho/interação	M7: [...] se tô em casa, posso até ter babá, mas eu faço o café-da-manhã, arrumo as camas, eu gosto de trocar a roupinha, gosto de buscar na escola, então eu participo de tudo, eu acho isso importante M3: [...] muita interação, acho isso muito importante M12: [...] demonstrar que eu me interesso pela vida deles... como eu trabalho muito quando estou com eles tento passar isso. Eu tento explicar que tudo que eles tem sou eu quem, de alguma forma, estou fazendo ... não estou cos cuidados do dia-a dia o tempo todo, mas participo de alguma forma.
Atitudes do envolvimento parental (mãe e babá) –Afeto	M2: [...] pra mim é muito importante entender como cada um funciona a fazer isso com afeto M4: [...] tá sempre atento a necessidade dela, ver o que precisa, sem gritar, sempre com muito afeto, isso que eu acho importante
Atitudes do envolvimento parental (mãe e babá) –Respeito	M4: [...] ahhh eu acho importante o respeito pela criança, tratar ela como um ser humano... é um ser humano pequeno mas é um ser humano M11: [...] o respeito, ensinar que eu sou a mãe... B11: [...] o respeito, a criança precisa te respeitar...
Atitudes do envolvimento parental (mãe e babá) –Equilíbrio emocional	B8: da minha parte? tá com equilíbrio emocional porque mesmo que não seja meu filho, é uma ser humano, uma criança requer muito cuidado.

A primeira questão apresentou 12 categorias relacionadas a práticas de cuidados diários com crianças. Nesse sentido, a categoria denominada cuidar do bem-estar, envolvendo elementos de higiene, alimentação e rotina tiveram maior destaque nos relatos das diádes mães/babás, tendo sido verbalizada por cinco mães e seis babás. Keller (2005) tratou desse sistema de cuidado que apresenta a função de reduzir a angústia do bebê a partir da prontidão realizada por um cuidador. Assim, haveria o alívio dessa experiência através de um meio seguro e protegido. Essa seria a necessidade de contingência por parte do adulto na sua relação com o bebê. Foi possível notar a valorização do cuidar do bem-estar através de alguns relatos: “procurar deixar a criança bem cuidada, de banho

tomado...” (B3); “é sempre ficar com as coisas pra fazer com ele nos horários certos. Ter hora pra tomar banho, ter hora pra ir na rua, ele ter hora pra almoçar, jantar, lanche” (B6); “...depois eu vejo a limpeza, principalmente quando ele ainda é bebezinho... lá em casa a gente sempre teve muito cuidado com essa coisa da limpeza, limpar ele” (M5); “olhar se ele tá se alimentando bem, ver com a pediatra se tá tudo certinho com a saúde”(M6). A prática desse sistema foi manifesta não somente com bebês, mas com crianças maiores (até três anos), o que pode demonstrar uma maior amplitude da experiência relacionada à proteção de segurança por parte do cuidador na amostra pesquisada.

A categoria Carinho foi relatada por quatro mães e quatro babás, com repostas que traduziram esse tipo de envolvimento como: “... muito carinho, muita interação, acho isso muito importante” (M3); “carinho, presença, saber lidar com cada situação”(B13); “tem que ter bastante atenção e carinho”(B1). Já a categoria Atenção obteve cinco repostas provenientes das babás e duas decorridas do discurso materno, tais como: “...tem que ter bastante atenção e carinho, tenho medo de fazer uma arte, por exemplo: dele subir em uma cadeira e cair...”(B1); “atenção, ela gosta de que você fique com ela, ela gosta que você desenha com ela, se saio ela reclama” (B2); “ tá sempre atento a necessidade dela, ver o que precisa, sem gritar...”(M4); “ atenção... tem que ter muita atenção com as crianças... eu falo isso pra elas(funcionárias)... tem que andar com muita atenção com elas, de mãos dadas, principalmente na rua... isso é o que hoje eu acho super importante”(M12). Educar recebeu apenas uma resposta materna, assim como Estimular o desenvolvimento da criança e Equilíbrio emocional, sendo essa categoria advinda do discurso de uma babá. A categoria Amor foi relatada por uma mãe e uma babá. A Segurança surgiu como característica do discurso de duas

mães e uma babá: “...segurança pra manter a integridade física da criança. O tempo todo para dar saúde para ter a integridade, carinho e o afeto para dar essa condição emocional pra criança”(M15); “ você tem que passar segurança pra criança, acho que isso pra mim é importante, que a criança consiga entender e eu consigo entender o que a criança quer se expressar”(B9). O respeito surgiu nas falas de duas mães e uma babá. A Paciência foi revelada apenas no discurso da babá, tendo sido verbalizada em três participantes. Houve categorias que surgiram apenas no discurso das mães, como: Participar da vida do filho/Interação com três repostas; Afeto, sendo presente em duas falas maternas.

O exercício das práticas de cuidados para essas cuidadoras pareceu estar ligado a experiências de trocas afetivas, seja para atender a necessidade da criança ou do meio familiar. Tais elementos estão relacionados aos sistemas de parentalidade que representam contextos de investimento parental. Nesses sistemas há além do carinho e da atenção, o respeito, o tempo, a energia e o tom emocional direcionado principalmente ao bebê, conforme afirma Keller (2002).

Os relatos das babás demonstraram não somente a preocupação com o bem-estar da criança, mas aliado à prática desse cuidado, o carinho e a atenção, que foram expressos com falas como “gostar de estar com criança; gostar de cuidar, de fazer tudo com ela”(B2). Tal fato sempre associado com atenção para que a criança não corra riscos de se machucar. De acordo com Mzarek (2003), o gostar expresso pelas babás refere-se aquilo que ele chamou de disponibilidade emocional e psicológica para cuidar de uma criança. Nesse sentido, o bebê teria a oportunidade de se desenvolver em um ambiente seguro, no qual ele se sinta amado e cuidado, reforçando, portanto, que o argumento do autor está em conformidade com o que foi apresentado pelas babás.

As mães entrevistadas revelaram, entretanto, a necessidade de participar da vida do filho, de estimular o seu desenvolvimento, a preocupação com a educação, mas também o respeito, a segurança, o afeto e o amor. A estimulação corporal e o afeto foram dados encontrados na pesquisa realizada por Pessôa et al.(2016), quando as autoras pesquisaram os sistemas de cuidados parentais realizados por mães, babás, avós e educadoras de creches.

Quadro 02: repostas dos participantes em relação à 2ª pergunta do questionário – O que você destacaria como sendo o mais importante?

Categorias de Análises – questão 02	Informações obtidas
Educar	M1: [...] educar, isso é o mais importante
Carinho	B1: [...] acho que é o carinho, tem que ter carinho pra ele confiar em mim. Eu acho que o carinho é muito importante M3: [...] carinho, carinho, é mostrar que ...um carinho em forma de segurança M4: [...] carinho, carinho é o mais importante M5: [...] o carinho e a segurança estão bem juntos... porque carinho pra mim, sabe lá em casa todo mundo tem, então não teria problema, vem automático M6:[...] o mais importante seria... carinho, o carinho que a mãe dá B7: [...] o carinho
Atenção	B1: [...] a atenção que eu dou pra ele, que ele me dá... e ela (mãe) me retribui muito B2: [...] atenção, ela gosta de atenção, é uma coisa muito importante, você dar atenção a criança, escutar o que a criança fala B4: [...] objetos que podem machucar a criança, medicação exposta B5: [...] atenção B15: [...] atenção, certeza que é atenção... nossa M12: [...] atualmente é... porque se tem um erro ali...pode ter um dano...
Paciência	B8: [...] a paciência B10: [...] porque se você tiver paciência você consegue equilibrar as outras coisas, entendeu? Porque se você não tiver paciência nada se encaixa
Segurança/ Proteção/Auxilio	M3: [...] que ela se sinta segura com quem ela está B3:[...] quando eles estão ausentes é que eu preciso fazer esse papel, sabe? De tá auxiliando ela, protgendo ela, não deixando nada com ela M5: [...] o carinho e a segurança estão bem juntos, talvez a segurança. A segurança você é carinhoso também. Acho que é segurança pra

	<p>ele se sentir seguro</p> <p>B12: [...] quando a criança é pequena acho que é o proteger mesmo, ne? De tudo...a gente tenta proteger, de tombo, essas coisas, mas muitas vezes a gente não consegue...Depois, quando a criança tá maior é por limite...</p> <p>M15: [...] proteção, acho que é proteção sim, pra ele se sentir seguro</p>
Amor	<p>M10: [...] amor</p> <p>M9: [...] acho que o amor</p> <p>M6: [...] o mais importante seria o amor...amor e carinho que eu acho que é mais importante</p>
Presença/Contato	<p>M2: [...] talvez o contato e presença, eu acho que isso é uma coisa tão difícil hoje em dia. Celular... porque as vezes tá em casa mas não tá, então contato e presença são as coisas mais importantes nessa coisa diária... porque é ali que você entende a demanda do seu filho pra criação, pra educação</p> <p>M11: [...] o contato, pra dar segurança... presença, conversa e o carinho</p> <p>B13:[...] acho que o mais importante é o contato com a criança</p> <p>B14: [...] estar sempre presente, eu acho</p>
Acompanhar tarefas escolares	<p>M7: [...]O acompanhamento nas tarefas escolares</p>
Rotina	<p>B6:[...] o mais importante de tudo isso é você ter consciência desse horário,é sempre ficar com as coisas pra fazer com ele nos horários certos: ter hora pra banho, ele tem hora pra ir na rua, ele ter horário pra almoçar, ter hora pra jantar e ter hora pra lanchar. Essa é a parte mais importante pra seguir</p> <p>M14: [...] quando eu falo em rotina é ter horário pra alimentação, pra banho, pra estudar, pra brincar.</p>
Saúde do bebê	<p>M6: [...] e a saúde do bebê, você tem que ficar ligada o tempo todo, ainda mais que a gente não conhece, então tem que tá sempre em acompanhamento médico</p>
Diálogo com a criança	<p>B9: [...] falar dá uma segurança muito boa pra criança, isso sempre. Então eu acho o diálogo super importante desde que nasce , pra conhecer minha voz</p>
Respeito	<p>B11: [...] acho o mais importante o respeito</p> <p>M14: [...] respeitar as necessidades da criança, ter um olhar e um cuidado com ela. Se a gente respeita isso acho que tudo flui mais fácil</p>
Participar da vida da criança	<p>M12: [...] eu trabalho muito, não estou presente nas práticas diárias, mas tento participar dos momentos deles. É um desafio deixar o celular pra participar desses momentos...é um exercício diário...</p>
Estimular a criança	<p>M13: [...] acho que na fase que ele está o mais importante é o estímulo mesmo. Brincar, sentar, ensinar, estimular. Hoje ele tá numa fase importante que a gente precisa estimular ele bem</p>

Através das respostas obtidas, as mães, nessa segunda questão, retrataram a importância do carinho, da segurança, da proteção, do amor, da presença e saúde. Sendo assim, as cinco primeiras categorias que apareceram nos discursos tanto de mães quanto de babás foram: Carinho, tendo sido presente em quatro discursos maternos e em dois referentes às babás; Atenção, verbalizado por uma mãe e por cinco babás; a Segurança/Proteção/ Auxílio presentes nas falas de três mães e duas babás; Presença/Contato relatado por duas mães e duas babás e, por último, o Amor, referente apenas por três mães. Houve ainda oito categorias que emergiram dos discursos, a saber: Acompanhar tarefas escolares, Educar, Participar da vida da criança, Saúde do bebê, Estimular a criança e Diálogo com a criança que surgiram uma vez em cada diálogo. A Rotina surgiu no discurso de uma mãe e uma babá assim como o Respeito. Embora as mães tenham feito referência quanto à relevância de cuidados básicos, na primeira questão, elas acreditam que o carinho, a segurança, a proteção, o amor, a presença e a saúde da criança são fundamentais nessa etapa do desenvolvimento infantil. As babás, por sua vez, reafirmaram a importância da atenção, da paciência que precisam ter ao cuidar de uma criança e a necessidade de seguir uma rotina na prática de cuidados infantis, conforme trechos dos relatos: “[...] porque se você tiver paciência você consegue equilibrar as outras coisas, entendeu? Porque se você não tiver paciência nada se encaixa” (B10);” [...] atenção, ela gosta de atenção, é uma coisa muito importante, você dar atenção a criança, escutar o que a criança fala “(B2). Tal dado encontrou consonância com o resultado da pesquisa realizada por Seidl-de-Moura (2014), ao apontar essa expectativa de prontidão frente às necessidades da criança, o que indicou ser característica de um sistema de cuidados voltados para um desenvolvimento autônomo-relacional.

Quadro 3: repostas dos participantes em relação à 3ª pergunta do questionário – Você, de fato, realiza isso que considera importante, no seu dia-a-dia, quando está cuidando de seu filho?

Categorias de Análise – questão 03	Informações obtidas
Presença na vida das crianças	M1: [...] estar presente na vida deles, por maior tempo possível, pra curtir todos os momentos importantes M7: [...] gosto de ler com eles, de sempre tá monitorizando, acompanho a agendinha, gosto de ler o outro trabalhinho, porque a escolinha é uma continuação, então eu faço essa parte e é a mais importante
Sim	B1: [...] eu tirei férias, quando voltei ele me viu e pulou por cima da mãe e veio me abraçar M4: [...] até agora sim B7: [...] faço B8: [...] sim B10: [...] sim M10 [...] com falhas, mas sim B9: [...] sim, faço M9: [...] sim M8: [...] de fato realizo isso quando estou com ele M5: [...] sim, sim M11: [...] sim, depois eu parto para as outras coisas B11: [...] sim... M12: [...] sim... B12: [...] sim, tem hora que a gente não consegue fazer tudo, mas sim, eu tento M15: [...] sim, faço M13: [...] consigo mas eu acho que conseguiria mais, porque eu fico com ele muito no colo. B13: [...] sim, consigo ter o contato com ele, sim B14: [...] sim, faço
Sim, mas desejaria ter mais tempo	M2: [...] eu gostaria de ter mais tempo, de ir na escola
Sim, com atenção	B2: [...] acho que dou bastante atenção pra ela e eu gosto disso B4: [...] porque uma das primeiras coisas que faço quando chego é começar a querer juntar os brinquedos, porque depois vocês pisarem, escorregarem, e também não gosto que eles fiquem na cozinha, cozinha não é lugar pra criança B15: [...] faço sim, porque com criança você não pode piscar que ela já apronta. Tem que ter muita atenção .
Sim, com entrega total a criança	M6: [...] faço o tempo todo, eu faço o tempo todo, as vezes eu fico me perguntando se não sou muito exagerada. Mas acho que é normal da mãe de primeira viagem

	M3: [...] certeza, me bloqueio para o resto do mundo, completamente entregue a ela, fazendo muita dessa interação, desse carinho, dessa segurança
Sim, seguindo uma rotina de cuidados	B3: [...] a criança tem toda uma rotina, a gente não pode esquecer a vitamina dela, a homeopatia dela que ela necessita e que a gente não pode esquecer. Isso eu acho importante, esses cuidados B6: [...] faço sim! Acho muito importante ele seguir toda essa rotina... até peço ela pra no fim de semana manter o que faço pra não ter problema pra ele
Não	M14: [...] não... acho difícil porque a correria do dia-a-dia, então...assim, tem dias que eu preciso sair mais cedo pra trabalhar e ela acorda mais tarde...então aqueles hábitos eu tento delegar...é difícil por isso, mas tenho a preocupação e prezo por isso...

As mães, ao serem questionadas se de fato conseguem realizar o que consideram importante na prática de cuidados diários com crianças, revelaram a necessidade de estarem presentes na vida dos filhos, mesmo que seja acompanhando atividades escolares. Três mães responderam que desejariam ter mais tempo com a criança, além de duas que disseram que, além do tempo, se entregam totalmente a criança, no momento em que podem participar das práticas de cuidados infantis. Além dessas outras nove mães e babás, como resposta afirmativa responderam afirmativamente a essa questão. Apenas uma mãe respondeu negativamente ao questionamento, alegando que a vida profissional muitas vezes atrapalha o desempenho de práticas de cuidados diários com a filha: “não... acho difícil porque a correria do dia-a-dia, então... assim, tem dias que eu preciso sair mais cedo pra trabalhar e ela acorda mais tarde... então aqueles hábitos eu tento delegar... é difícil por isso, mas tenho a preocupação e prezo por isso” (M14). No discurso das mães foi possível notar a tentativa do ajuste entre maternidade e vida profissional. Conforme foi apontado na teoria, segundo Carter e Mc Goldrick (1995), ainda cabe à mulher a função do cuidado, aliado a esse

fator elas precisam lidar com o conflito e a culpa junto à carreira profissional, havendo uma sobrecarga de função e papéis a serem desempenhados. Cardoso (2011) indicou a mesma temática em seus estudos, corroborando para a difícil tarefa de conciliar maternidade e vida profissional. Outro fator que merece relevância nessa questão foi apontado por Pinheiro e Basioli-Alves (2008), e diz respeito à mulher como mantenedora do papel afetivo na família.

No fechamento das três primeiras questões, observou-se que algumas categorias estiveram presentes tanto nos relatos das mães quanto no relato das babás. Portanto elencou-se que as práticas desenvolvidas por ambas relacionaram com as seguintes categorias: Carinho, Atenção, Cuidar do bem-estar da criança, Segurança, Amor. No entanto, algumas categorias foram apontadas apenas pelas babás e envolveram: Paciência, Equilíbrio emocional, Manter uma rotina e Diálogo com a criança. As mães também relataram que acreditavam serem importantes práticas que envolveriam: Estimular o desenvolvimento da criança, Participar da vida do filho (a), Respeito, Estar presente, Acompanhar tarefas escolares, Preocupação com a saúde da criança e o Afeto.

Quadro 04: repostas dos participantes em relação à 4ª pergunta do questionário – Quanto tempo por dia você fica com seu filho(a)/com a criança? Considerar o período em que está acordado.

Categorias de Análise – questão 04	Informações obtidas
5/6 horas	M1: [...] vou botar 5/6 horas por dia... mais ou menos M4: [...] umas cinco horas, umas 5/6 horas... raramente, uma coisa muito excepcional eu fico menos... mas em geral eu fico por ai M5: [...] seis horas por semana e aos finais de semana, o tempo todo M7: [...] cinco horas por dia, no fim de semana integral, quase... M2: [...] são cinco horas durante a semana... ela corda tipo sete, oito horas eu saio 9:30,

	então são essas horinhas de manhã e chego 7:00 da noite e ela vai dormir as 8:30/9:00 B15: [...] fico mais com o mais velho, porque eu levo pras atividades, pra creche... o pequeno fico quando a mãe sai, deve dar cinco horas...
1hora	M8: [...] uma hora por dia, tipo isso
6/7 horas	B5: [...] umas seis, sete horas... eu botei seis porque da hora que que ele acorda, eu chego ele as vezes tá acordado, fica eu e a mãe em casa... depois ela sai e eu fico com ele, depois levo pra escola... B14: [...] praticamente o dia todo. Entrego por volta das 19:00 quando a mãe retorna do trabalho. Mas fico em média 7 horas, posso colocar?
8 horas	B7: [...] no mínimo 8 horas porque não fico direto, eu fico de manhã, aí ele vai pra escola. Aí eu fico a noite, busco na creche e fico a noite... quarta e quinta a mãe chega um pouquinho mais tarde do que ele chegam da escola, então eu acabo ficando de manhã e a noite umas duas, três horas B10: [...] ih, é muito tempo, fico de 2a a 6a das 8:00 as 18:00, mas saio mais tarde um pouco, mas duas vezes por semana eu durmo, ai fico mais tempo M15: [...] agora tenho ficado bastante tempo, umas oito horas, porque sou autônoma, então tenho saído mais tarde.
12 horas	B3: [...] então eu fico com ela de oito até sete e meia da noite, são quase doze horas seguidas
13 horas	B9: [...] 13 horas por dia, porque ela dorme sozinha, ne? eu fico aqui de segunda a sexta B13: [...] não sei o que a d.C. falou, mas eu fico umas 13 horas com ele. Eu durmo aqui durante a semana, então, por dia, dá umas 13 horas mesmo
2 horas	M9: [...] deve dar umas 2 horas, duas horas e meia por dia, que é na parte da manhã... porque quando eu volto ela normalmente tá dormindo
3 horas	M3: [...] três horas durante a semana, sim... final de semana é intenso, é 24 horas comigo, acaba que a folguista me ajuda mais com as assistências dela B11:[...] ela(criança) não era apegada a mim...desde pequenininha ela já ia pra creche. Agora tá um pouco diferente porque ela vem pro meu colo... Fico umas três horas porque quando chego ela já foi, ai fico até umas 20:00.
3 / 4 horas	B4: [...] eu fico com ele de 10 ao meio dia e depois das 17:30 até as 20:00 M14: [...] umas quatro horas, dependendo do horário que preciso trabalhar M12: [...] acho que umas 4 horas no total... B12:[...] como agora eles vão pra escola e pra creche, eu fico umas duas horas de manhã e mais duas no período da tarde até a mãe chegar do trabalho. As vezes dá mais um pouco, e tem dias que também durmo. Não sempre, mas três vezes por semana durmo.

5 horas	M13: [...] agora que não estou trabalhando fico umas cinco horas M11: [...] como saí do emprego e estou no pós-parto tenho ficado umas cinco horas. Ela sai cedo pra escola e fica período integral. Então deve ser mais ou menos cinco horas.
16 horas	M10: [...] 16 horas M6: [...] umas 16 horas, tirando o tempo que está dormindo. Ele quase não está dormindo mais a tarde, eu acho que hoje ele fez isso porque minha irmã veio aqui e foi dar uma voltinha com ele ... deve ter cansado
17 horas	B8: [...] acho que umas 17 horas
9 horas	B6: [...] umas nove horas, entro as onze e saio oito e meia, nove horas. Eu saio e ele já mamou a última mamadeira, aí ela só coloca pra dormir... já deixo de banho tomado e jantado
Dia todo	B1: [...] praticamente o tempo todo, só não fico quando ele tá na escola, de resto o tempo todo. Durmo aqui B2: [...] a manhã inteira...de nove e meia até a hora de alguém chegar. Ela começou a ir pra creche em março, o horário da creche é de uma as cinco e meia, mas como é bebê ela não dorme lá direito. Ai eu coloco ela pra dormir antes e depois eu levo ela

A partir dos dados coletados nas entrevistas e no questionário sócio demográfico fez-se a média que mães e babás ficam com as crianças, levando em consideração o tempo em que a criança estava acordada. Para tal aspecto o resultado obtido na média materna foi 5,83 horas/dia. As babás, por sua vez, permanecem 8,33 horas/dia. Não se tratou da variância das respostas porque nas respostas maternas, a curva revelou uma discrepância entre as horas que cada mãe fica com criança, demonstrando uma curva anormal para tal item. Quando as mães eram questionadas sobre o tempo que ficavam com a criança, as repostas vinham com um discurso de queixa pelo pouco tempo que tinham, pela tentativa de administrar a vida profissional com a maternagem e, em alguns casos, elas respondiam as horas semanais, mas diziam estarem presentes integralmente aos fins de semana. As “folguistas” dedicavam seu tempo mais para suporte do que no exercício do cuidado com a criança. De acordo com Martins Filho (2012), o

afastamento da mãe, por um período maior que doze horas, pode trazer sofrimento a uma criança menor de dois anos. No entanto, se houver um cuidador que esteja presente, inserido ao contexto da criança, a dor da ausência pode não ser intensa, favorecendo um desenvolvimento mais adequado. Houve ainda, em alguns relatos, falas como: “que pergunta difícil” (M1) e também, “nossa, fico tão pouco, gostaria de poder estar mais presente” (M4). Sobre esse aspecto, Pinheiro e Basioli-Alves (2008) afirmaram que, embora haja novos cuidadores no ambiente doméstico, ainda cabe à mulher o “cuidado afetivo da família”. Em concordância com esse assunto, Oliveira (2009) argumentou que os diferentes papéis atribuídos à mulher fez com que houvesse uma sobrecarga destes, o que gerou uma cobrança frente à tentativa de conciliação dos mesmos. Quanto à questão do tempo investido no cuidado infantil, Mrazek (2013) apontou que o cuidador além do compromisso emocional disponível para realização dessa tarefa, deveria gastar tempo adequado com crianças. Para esse autor não bastaria qualidade de tempo, mas sim, quantidade suficiente de tempo para fazê-lo.

Quadro 05: repostas dos participantes em relação à 5ª pergunta do questionário – Você consegue destacar, pensando em suas práticas de cuidados que realiza com seu filho (a criança), algum comportamento ou crença que você tenha aprendido com seus pais/cuidadores?

Categorias de Análise – questão 05	Informações Obtidas
Sim, com brincadeiras/estímulos que lembram o cuidado parental recebido	M1: [...] na hora de brincar, de estimular sigo um monte de brincadeira do meu pai e da minha mãe M8: [...] minha mãe é psicopedagoga então ela tá sempre me dando uns toques em relação a coisas que eu não fazia...eu tô tentando fazer é que ele sempre brincava, jogava bolinha e eu não fazia nada... minha mãe tem me chamado atenção pra tá sempre ensinando alguma coisa... trazer ele pro nosso mundo, forçando a barra...tipo onde tá seu pé?

	<p>M4: [...] tem sim, eu reproduzo a forma de falar com ele, algumas brincadeiras, tatibitati, músicas</p> <p>B11: [...] eu fico pouco tempo com ela, mas eu tenho essa coisa de alimentação que aprendi com minha mãe... de comer de tudo. Ela come e acho que o tanto que ela comeu é suficiente, não fico forçando, porque a gente mesmo não gosta de ser forçado.</p> <p>B12: [...] tem sim, principalmente nessa fase dela(criança), brincadeiras, musiquinhas pra dormir. Tem sim, e eu falo que são coisas da minha época.</p> <p>M13: [...] tem aquela musiquinha horrorosa que cantavam pra mim: 'boi da cara preta' que eu cantava quando colocava ele pra ninar. Agora não sou mais eu que ponho ele pra dormir, mas cantava sim.</p> <p>B13:[...] tem sim... as músicas, e eu aprendi com outras crianças quando levava pras aulinhas de música, ai eu passo pra ele. Eu aprendi convivendo, ai eu passo pra ele.</p>
<p>Sim, com lembranças afetivas dos cuidadores</p>	<p>M7: [...] a minha mãe e meu pai sempre me mostraram a importância de se generoso, de dar mesmo, de ser prestativo, de se colocar em lugar do outro. É uma coisa que tento passar muito pra eles</p> <p>M10: [...] tem coisas que eu carrego comigo, mas não lembro especificamente.... Mas me vejo falando coisas que minha avó falava e minha mãe</p> <p>B10: [...] ah! Com minha mãe... ela tinha os defeitos dela mas ela tinha muito carinho, porque eu cuidei deles como se fosse meus próprios filhos, entendeu?</p> <p>B1: [...] nossa, minha vida foi tão difícil... eu lembro sim, lembrei da minha avó, mãe do meu pai, foi pouco tempo, mas ela tinha muito carinho</p> <p>M11: [...] sim, acho que tudo, não tem como saber certinho, mas você lembra de algumas coisas com primos, em palestras que você ouviu, fiz cursos, vejo artigos.... você vê seus primos, seus irmãos, sua mãe...</p> <p>M12: [...] sim, eu tenho muito essa coisa das crianças estarem limpas, sabe? Isso é coisa que aprendi com minha mãe... não é nada de futilidade. mas é a criança estar asseada, não sair de chinelo, essas coisas. Isso minha mãe fazia comigo e faço com eles também. Outra coisa que faço é ler com eles... minha mãe lia comigo mas livros da escola, eu com eles não, leio por prazer. Eu tenho isso com eles... Tem outra coisa...a madrasta e o pai do meu ex-marido são médicos... eles me ensinaram muito com amamentação, essas coisas...então aprendi muito com eles.</p> <p>B14:[...] tem sim... essas coisas de xingar, de maltratar, porque nunca me ensinaram isso... mas eu fico pensando se fosse filho meu, como</p>

	<p>ele seria cuidado? No meu lar, apesar de simples, não tinha xingar, não tinha ninguém que fumasse ou bebesse...minha mãe ensinou a pensar se eu gostaria que fizessem comigo o que eu fazia com os outros.</p>
Não	<p>M2: [...] nada, eu não tenho essa... lembrança B4: [...] não, acho que não... porque a forma hoje de trocar e banho é muito diferente de antigamente... o que falo é pra ter educação... M6: [...] deixa ver se eu lembro...será? Não sei, não lembro, por enquanto não B6: [...] não B3: [...] não, acho que não... tudo o que eu faço hoje eu já sabia... M14: [...] que me remeta a isso, não, não me vem nada muito claro, só se for alguma coisa mais inconsciente.... talvez aquilo que quando dá banho fechar a janela porque se entrar vento resfria... M15: [...] não, não me lembro... porque eu não tinha experiência nenhuma, então quem me ensinou foi uma enfermeira que era minha paciente. Ela veio e me ensinou tudo dessas coisas de cuidados. Nem minha mãe lembrava como era...</p>
Sim, o respeito	<p>B2: [...] minha mãe e minha avó me ensinou assim: tem que aprender a respeitar desde cedo, porque fui criada pelos meus avós B15: [...] que a criança tem que respeitar a gente, né? E a gente tem que dar carinho pra ele poder respeitar e aprender a conviver com a gente e com o outro</p>
Sim, conversar para trazer segurança	<p>M3: [...] com certeza, a conversa e esse elo de segurança veio da minha mãe, não tenho dúvida. Minha mãe estabeleceu esse elo muito sério comigo: de conversar, de falar, porque assim, dar essa segurança emocional M9: [...] difícil, hein? Acho que a questão da conversa, independentemente da gente achar que teoricamente eles não entendem, no final das contas a criança entende B8: [...] acho que o diálogo... porque as vezes ele tá uma pouco agitado ou tá alguma coisa, o jeito de falar, conversar, eu acho que aprendi no dia-a-dia com outras babás e com outros pais e mães</p>
Não, mas tive um aprendizado com minha mãe depois do nascimento do meu filho	<p>M5: [...] não exatamente, só quando R. era pequenininho eu tava insegura na hora do banho, aí ela (avó) me ajudou e aí melhorou...</p>
Sim, aprender a importância do Não	<p>B5: [...] que não é não...ainda tá em processo... o não pra eles é uma coisa absurda</p>
Sim, atitudes de convivência social	<p>B7: [...] acho que sim, né? de ser educado, de dar sempre bom dia e organização</p>
Sim, como embalar a criança	<p>B9: [...] eu nasci com esse dom, tem uma coisa que aprendi com um antigo patrão: não</p>

chacoalhar a criança, mas fazer movimentos de cima para baixo, porque no útero é assim...

Ao serem questionadas sobre lembranças de alguma crença ou comportamento, relacionado às práticas de cuidados infantis, que os cuidadores poderiam ter recebido ao longo de sua vida, apenas quatro mães e três babás responderam que não lembravam nada que pudessem relatar. Embora uma mãe tenha respondido negativamente essa pergunta ela verbalizou que sempre que a babá ia dar banho na filha falava pra fechar a janela: “... talvez aquilo que quando dá banho fechar a janela porque se entrar vento esfria...”(M14), demonstrando ser um costume aprendido com a mãe, quando ela era criança. Oito mães e seis babás relataram que algumas brincadeiras, lembranças afetivas, respeito, o ato de conversar com a criança, ensinamentos de regras de convivência social, o embalar a criança, tinham sido vivenciadas através da interação com algum cuidador: “[...] sim, eu tenho muito essa coisa das crianças estarem limpas, sabe? Isso é coisa que aprendi com minha mãe... não é nada de futilidade. mas é a criança estar asseada, não sair de chinelo, essas coisas. Isso minha mãe fazia comigo e faço com eles também. Outra coisa que faço é ler com eles... minha mãe lia comigo, mas livros da escola, eu com eles não, leio por prazer. Eu tenho isso com eles”(M12); “[...] minha mãe e minha avó me ensinou assim: tem que aprender a respeitar desde cedo, porque fui criada pelos meus avós”(M2). As repostas dadas por essas mães e babás evocavam lembranças da infância, de experiências vivenciadas em contato com os pais, avós ou outras pessoas que faziam parte do universo dos cuidadores.

Em algumas entrevistas, uma babá relatou: “lembro muito da minha avó, ela tinha muito carinho por mim” (B2); uma mãe afirmou: “meus pais sempre me mostraram a importância de ser generoso... é uma coisa que eu tento passar pra

eles” (M7); outra babá disse: “dar sempre bom dia, boa tarde, cumprimentando sempre as pessoas” (B4); “respeitar os mais velhos” (B2). Além dessas repostas, duas mães que não conseguiram identificar, efetivamente o que tinham aprendido, mas tinham noção de um aprendizado, como: “tudo o que faço com ela (filha), eu já tinha aprendido” (M2), ou ainda: “eu sempre falo que algumas coisas que faço lembram a bisa, não sei bem como ela fazia, mas sei que aprendi com ela” (M10). Tais repostas reafirmam o quanto as crenças estão relacionadas com o desenvolvimento humano sendo construídas no decorrer de cada indivíduo (Seidl-de- Moura, 2009). A autora ainda afirmou que as crenças são transmitidas a partir das primeiras relações estabelecidas com pais ou cuidadores. Em uma entrevista, a mãe relatou um costume que a babá tinha estabelecido com a criança: “desde muito pequenininho, logo que ela entrou lá em casa, ela colocava ele pra dormir com um paninho na mão dele. Eu nunca tinha visto isso... e ele se agarrou com esse paninho até pouco tempo, era o “nunu”(M4). A fala materna revelou os costumes de cuidados desempenhados pela babá. Tal prática demonstrou o direcionamento afetivo e cultural que essa cuidadora desenvolveu com a criança, provavelmente porque alguém a ensinou. Esse aspecto corrobora com o que Pessôa, Seidl-de- Moura, Ramos e Mendes(2016) já tinham apresentado quando trataram acerca do nicho de desenvolvimento que compõe as crenças parentais(ambiente físico e social, costumes de cuidado e etnoteorias parentais).

A necessidade de estabelecer uma rotina na vida da criança foi também um dado que permitiu inferência quanto ao conteúdo relacionado às crenças. Esse aspecto foi apontado por Harkness e Super (2006), quando os autores organizaram as crenças em ordem hierárquica. Logo abaixo das ideias implícitas sobre a natureza da criança, pais e família, os autores estabeleceram as ideias de domínio

específico. Nesse item, os elementos relacionados ao desenvolvimento e a regulação do sono da criança, são apontados como exemplo. Três babás trouxeram em seus relatos a importância de estabelecer esse fator, principalmente com aquelas que eram cuidadas por essas cuidadoras desde bebês. Há relatos como: “tudo foi meu jeito, de alimentar , de brincar, de fazer tudo com ele, seguia um ritmo...”(B4); ou também: “ a gente não pode esquecer que ela (a criança) tem toda uma rotina. Então ela acorda as sete e pouco e tem todo procedimento da manhã. Não posso esquecer a vitamina dela. Ela almoça meio-dia, faço o banho e depois ela dorme...”(B3). Todas essas práticas revelaram os aspectos parentais, do desenvolvimento das práticas relativas aos cuidados infantis, levando em consideração o ambiente físico e social.

Quadro 06: repostas dos participantes em relação à 6ª pergunta do questionário (mães) – Existe alguma coisa que você aprendeu com a babá sobre práticas de cuidados infantis?

Categorias de Análise – questão 06	Informações Obtidas
Sim, organização	M1: [...] acho que o jeito de organizar as coisas do dia-a-dia, ela tem mais manha do que eu, porque ela já é mãe. M8: [...] sim, ela é muito rígida com essa coisa de horário... eu sou muito mais bagunçada. Ela é mais rígida em relação ao cuidado de saúde, mais do que eu.
Não	M4: [...] não... acho que não. M2: [...] não, não, porque ela não é só babá, ela faz outras coisas, ela não tinha essa atribuição até a criança nascer. M12: [...] não, com ela não aprendi. Aprendi muito com a madrasta do meu ex-marido. M11: [...] não... M13:[...] com ela não, não que ela não saiba...mas como eu tive outra filha primeiro não era ela a babá. Acho que eu ensino mais do que ela, principalmente relacionado a esse negócio do sono, porque ele tá dormindo mal pra caramba. M14: [...] hummm, não, não que me tenha marcado...pode até se que no dia a dia tenha alguma coisa, mas agora nada que tenha me marcado

	M15: [...] não me lembro, porque a noite eu tinha outra pessoa que me ajudava e durante o dia minha mãe sempre estava presente...
Sim, antes mesmo da criança nascer	M3: [...] ela é meu anjo... ela me ensinou muito e o mais legal dessa troca, ela aceita a minha posição. Eu contratei antes da criança nascer porque eu ia voltar pro mercado de trabalho, eu precisava ter segurança de deixar minha filha com alguém.
Sim, a autonomia da criança	M5: [...] eu aprendo todo dia, todo dia. Porque ela tem um filho de cinco anos e por ela ser de baixa renda elas criam as crianças de maneira mais independente. Com ela aprendi a deixar o R. (filho) mais independente: toma banho sozinho, se vestir sozinho... ela ensina porque eu não sei
Não, mas gostaria de aprender	M7: [...] que eu aprendi, não... mas queria ser como ela: firme sem gritar. Eu queria ser que nem ela, ter voz doce, eu ainda não aprendi, tô tentando...
Sim, praticamente tudo	M9:[...] quase tudo praticamente, nunca tinha cuidado de criança, nossa e a V.(babá) é a V.!!!(babá) M6:[...] muita coisa, ela me ensinou muito! Eu não sabia nada
Sim, a leveza na rotina com crianças	M10: [...] ela leva as coisas muito leve, isso eu aprendi. Tipo as crianças faziam alguma besteira, ou sujavam tudo, eu já era... tipo eu tenho um toc com limpeza, de organização, de tudo, um stress...eu tento levar mais leve, na brincadeira...

Nessa questão, apenas quatro mães afirmaram não ter aprendido algo relacionado a práticas de cuidados com as babás. As demais relataram que além das práticas (que nomearam como organização, a autonomia da criança e a leveza nas atividades rotineiras), duas mães disseram que aprenderam “praticamente tudo” (M9); (M3), pelo fato das babás serem mães, revelando a importância dessa vivência para estabelecer o cuidado infantil. Tal dado possibilitou inferir a relevância da experiência, dos costumes de cuidados, conforme Harkness e Super (2006) já haviam tratado quando se referiram ao nicho de desenvolvimento. De acordo com esses autores esse sistema seria formado por três subsistemas: ambiente físico e social, práticas de cuidados compartilhadas e Psicologia dos cuidadores (crenças e valores individuais – etnoteorias parentais). Em relação ao

ambiente físico e social, notaram-se as boas condições de infraestruturas das casas, nas quais a criança mantém interação não somente com os demais membros da família, mas também com outras crianças em ambientes como praças, escola de natação, de futebol e de atividades psicomotoras. Percebeu-se que desde cedo, as crianças são colocadas em várias atividades extracurriculares, o que para as mães foi traduzido como oportunidade de desenvolvimento.

Quanto às práticas de cuidado, pareceu que os hábitos que são passados às crianças advêm também das babás. E quanto às etnoteorias parentais, as expectativas maternas foram relatadas como a necessidade de criar bons cidadãos, que se preocupam com o próximo, de respeito para com os demais, pois foram valores aprendidos pelos pais durante a vida. As babás afirmaram que além do respeito com o outro, a educação, elas incentivam a autonomia, o brincar e o diálogo com a criança. Elementos esses que são construídos na individualidade de cada criança e que de certa forma também será reproduzido no ambiente coletivo, fato esse já discorrido por Pessôa, Seidl-de Moura, Ramos e Mendes (2016).

Quadro 06: repostas dos participantes em relação à 6ª pergunta do questionário (babás) – Existe alguma coisa que você aprendeu com a mãe da criança sobre práticas de cuidados infantis?

Categorias de Análise – questão 06	Informações Obtidas
Não	B1: [...] acho que não... ela impõe algumas coisas, mas aprender eu acho que não B6: [...] não B4: [...] que eu me lembre não... ela nunca me passou nada assim, foi tudo do meu jeito, de alimentar, de brincar, de fazer tudo com ele B13: [...] com a minha patroa? risos....não lembro...assim, devo ter aprendido alguma coisa porque a gente ta sempre aprendendo...mas não lembro. B14: [...] não... eu fiz um cursinho de um dia, de horas, de cuidados com crianças, mas bem rápido...fiz em Del Castilho...algumas coisas aprendi com a enfermeira da outra casa que trabalhei

	B15: [...] não porque como já sou mãe, avó e já cuidei de outras crianças, já tinha muita experiência. Ela só me falou como era a organização da casa, essas coisas...
Sim, o carinho	B2: [...] eu acho que a gente tem que cuidar do jeito que os pais cuidam e ela tem um jeito muito carinho de cuidar deles, de tratar eles e a gente tem que aprender com eles. Então eu acho que aprendi isso
Sim, relacionado a práticas de cuidado	B3: [...] a forma de segurar os bracinhos, que eu acho mais seguro por aqui... uma vai aprendendo com a outra
Sim, conversar com a criança	B5: [...] agora você me pegou... abaixar na altura da criança pra conversar com a criança, a gente tem praticado B10: [...] aprendi bastante coisa, às vezes a criança fica agitada aí ela leva pro quarto e conversa, eu faço isso, fui observando B11: [...]sim...ela me ensina muito de conversar, sabe? De ter pulso firme, carinho na hora de carinho e as outras coisas em outra hora. E as vezes a gente é mole, ne? Mas ela é uma mãezona, e a B.(criança) é criada assim.
Sim, a organização	B7: [...] organização... acho que aprendi mais com ela do que com minha mãe, de manter uma rotina e de ser organizado
Sim, propiciar liberdade a criança	B8: [...] eu tenho muito cuidado, mas as vezes eu tenho que deixar um pouco mais solto pro desenvolvimento ser melhor
Sim, manter a rotina da casa	B9: acho que construímos juntas, quando eu cheguei a criança já tava maiorzinha, então procuro seguir o ritmo deles, eles são bem tranquilos
Sim, pela presença da mãe	B12: [...] ah! muito! Aprendi muito porque ela é uma mãe bem presente. Isso não acontecia nos outros empregos. Eu era acostumada a delegar para outras pessoas que trabalhavam nas casas por onde passei. Aqui não, ela é muito presente. A responsabilidade não é só minha. Isso eu tive que me adaptar porque não estava acostumada com isso.

Quanto à possibilidade de aprendizagem relacionada à prática de cuidados infantis entre a díade mães e babás, seis babás responderam negativamente sobre esse aspecto. Torna-se importante ressaltar que dessas participantes, três desempenham dupla função no ambiente em que trabalham: são babás e também funcionárias do lar. As outras participantes trabalham exclusivamente como babás. Três babás responderam que aprenderam a conversar com a criança através dos exemplos maternos observados, como por exemplo: “aprendi bastante coisa,

às vezes a criança fica agitada aí ela leva pro quarto, eu fui observando”; “ela me ensina muito de conversar, sabe?” (B10). Uma babá relatou que aprendeu a importância de se estabelecer uma rotina, uma organização para melhor funcionamento da vida da criança, dentro da dinâmica familiar. Outra apontou que, embora a mãe seja de “primeira viagem”, aprendeu a dar liberdade para a criança se desenvolver. Essa babá respondeu que sentia certo desconforto por medo da criança se machucar. No seu relato ela trouxe: “... mas às vezes eu tenho que deixar um pouco mais solto pro desenvolvimento ser melhor, mas fico com medo dele se machucar. A minha patroa fala pra deixar ele explorar... mas é difícil”(B8).

Houve ainda uma babá que respondeu como a patroa ensinou a segurar os braços da filha: “a forma de segurar os bracinhos, que eu acho mais seguro por aqui... mas ela (a patroa) prefere que eu segure por aqui, uma vai aprendendo com a outra” (B3). Uma babá trouxe que a presença da mãe em casa, mesmo que por pouco tempo, a ajudava na educação da criança: “... ah! muito! Aprendi muito porque ela é uma mãe bem presente... A responsabilidade não é só minha” (B12). Essa babá trabalhou na casa da mãe da criança por quase vinte anos e foi acompanhando várias gerações de crianças que foram nascendo ao longo do tempo. Embora tenha muita experiência na função que desempenha, revelou que precisou se adaptar a esse cuidado compartilhado com a mãe da criança: “eu tive que me adaptar porque não estava acostumada com isso, com a mãe presente em casa” (B12). Por último, uma babá respondeu que através do exemplo de carinho dos pais, aprendeu a tratar as crianças da mesma forma: “eu acho que a gente tem que cuidar do jeito que os pais cuidam e ela tem um jeito muito carinho de cuidar deles” (B2).

As respostas obtidas revelaram que os costumes de cuidados, hábitos e a práticas de cuidados apontam para o direcionamento afetivo e cultural dos pais e cuidadores, conforme apontou Harkness e Super (2007). Nesse sentido, a fala das babás demonstrou que os aprendizados obtidos através da convivência com a mãe e com a família revelaram como os cuidados foram exercidos a fim de promover o desenvolvimento da criança: “[...] sim... ela me ensina muito de conversar, sabe? De ter pulso firme, carinho na hora de carinho e as outras coisas em outra hora. E as vezes a gente é mole, ne? Mas ela é uma mãezona”(B11). Esse aspecto apontou para as etnoteorias parentais, ou seja, apresentou as expectativas de como pais esperam que seus filhos sejam cuidados, levando em consideração a individualidade da criança, o ambiente social e as interações decorrentes desse meio, de acordo com Pessôa, Seidl-de-Moura, Ramos e Mendes, 2016.

Ainda sobre o aprendizado ou a troca de experiências entre mãe e babá, a B13 relatou a dificuldade em segurar a criança, de acordo com a orientação da mãe. Como a criança tinha completado um ano, a babá acreditava que ela não se firmava segurada apenas pelas mãos. Embora a babá tenha demonstrado receio em seguir a orientação materna, ela o fazia na tentativa de promover o desenvolvimento motor. Tal aspecto remeteu ao sistema parental de Keller (2005), a estimulação corporal. Esse sistema teria a função de possibilitar que a criança explore, com seus próprios recursos, o ambiente no qual encontra-se inserida, utilizando os recursos provenientes desse meio. Além disso, estimula e prepara o organismo para, no futuro, realizar a atividade reprodutiva. Em continuidade a esse sistema parental de cuidado infantil, a B8 apresentou o mesmo receio da babá supracitada. A fala materna para essa babá, traduzida por promover liberdade à criança, gerou ansiedade e certo desconforto para a babá que passa a maior parte

do tempo com a criança. Conforme relatou: “... eu tenho muito cuidado, muito cuidado com tudo, e eu aprendi com ela que a gente pode deixar mais livre, entendeu? o excesso de cuidado no qual eu sei que não é meu filho e tal, então eu realmente tenho que ter um excesso de cuidado, mas às vezes eu tenho que dar um pouco mais, deixar um pouco mais solto pro desenvolvimento ser melhor. Aí eu sempre prestando atenção nela eu acabei... eu botava numa bolha e deixava ali pra ninguém mexer. Daí o excesso de cuidado que eu tenho, com medo de tudo, de cair, de se machucar, de tudo, ne? Então eu tenho excesso de cuidado e olhando ela, por se mãe de primeira viagem, ela conseguiu se destacar muito bem nisso”(B8).

Quadro 07: repostas dos participantes em relação à 7ª pergunta do questionário – Existe alguma coisa que você fez, em relação às práticas de cuidados, que você sentiu estar incorreta ou discordava do que estava fazendo?

Categorias de Análise – questão 07	Informações Obtidas
Sim, o uso de equipamentos tecnológicos.	<p>M1: [...] o tempo todo... eu acho errado o uso excessivo de eletrônicos, então eu tento me policiar... ele usa, mas eu tento me policiar muito pra ele não usar essa porcaria de ipad, celular... não leva a criança a nada</p> <p>M6:[...] talvez a coisa da televisão, do ipad, de botar desenho, porque me falaram que não era bom botar o dia inteiro. Eu tento não botar o dia inteiro, mas porque tem horas que é maravilhoso. As vezes ele fica chorando por nada, ligo naquele desenho Super Wings, ele fica parado e vai até dormir</p> <p>M11: [...] deixa ver tv até tarde... ela dorme muito tarde, desde bebezinha. Pra gente também ter nosso tempo, a gente deixava até a hora que ela quisesse, não forçava, que ai a gente também dormia e acordava mais tarde. Aí quando a gente foi tirar era chora, chora 50 minutos sem parar...</p>
Sim	<p>B1: [...] acontece, mas é raro, porque ela me deixa muito a vontade</p> <p>M2: [...] claro, a gente sempre se questiona se está fazendo da melhor forma,ne?</p> <p>M12: [...] sim... o E. (filho) dorme na minha</p>

	<p>cama...é muito errado, me arrependo totalmente...Super me arrependo... mas com H. não me lembro</p> <p>B12: [...] sim, sempre tem...aqui eles tem uma dificuldade com alimentação, então, as vezes tem uma mamadeira fora do horário. Aconteceu nesse sentido da alimentação</p> <p>M14: tem... tem sim... ela tem a rotina de tomar leite antes de dormir e aí ela tava resfriada. Eu pensei em não dar porque piora... mas dei e aí meia hora depois ela vomitou. Toda vez é assim eu me arrependo: não deveria ter dado o leite.</p>
Não	<p>B2: [...] não, não que eu me lembre. Assim, eu não tenho essa lembrança</p> <p>M3: [...] não, isso vai contra a minha premissa</p> <p>B7 [...] acho que não</p> <p>M8: [...] acho que não, sou muito rígida, muito chata com essas coisa</p> <p>B8: [...] não, não porque assim, por mais que eu ache a minha forma melhor, só que tô aqui pra obedecer regras, então tenho que fazer o que ela me impôs. Eu faço como manda o protocolo</p> <p>B9: [...] acho que não... só se eu ver algo muito diferente, bater, por exemplo, aí não concordo. Se for prejudicar a criança aí eu falo</p> <p>M13: [...] acho que não</p> <p>B13: [...] não, não lembro</p> <p>B14: [...] nossa... eu não lembro, não lembro</p> <p>B3: [...] acho que não</p> <p>B15: [...] eu não lembro</p>
Sim, aspectos ligados a saúde da criança	<p>B4: [...] já teve coisas que eu não queria fazer, por exemplo quando o B.(criança) tá resfriado, com febre há três dias, mas a mãe não quis levar ao médico. Eu discordava. Mas fiquei pra mim.</p> <p>B5: [...] você fez essa perguntas para a mãe? No passado, ele não comia comida, porque ele teve uma fase difícil. A gente passou um dobrado, era só não. Agora ele bate um prato, eu passava três horas pra dar comida pra ele</p> <p>M9: [...] acho que talvez forçar a comer, sabe? Insistir na alimentação... pode ser</p> <p>B10: [...] quando eu comecei eu achava que ela deixava ele passar fome, então eu e minha cunhada dava mamadeirinha pra ele. Quando ela voltava ela queria dar o peitinho e ele não aceitava. Mas teve um dia que ela acabou descobrindo, chamou a atenção da gente, conversou comigo e eu disse que não fiz por mal</p> <p>M4: [...] talvez deixar ele dormir sem escovar os dentes, ele tava cansado, adormeceu e não escovou, aí dormiu sem escovar os dentes</p> <p>M15: [...] ahh... talvez insistir nas sonecas independentes durante o dia. Porque a noite eu tive uma pessoa que ensinou isso pra ele, mas durante o dia eu não tive essa paciência, a gente pega pône pra ninar e ai dorme. Como ele já tá grandinho aí deixo assim mesmo</p>
Sim, ligado a aspectos do cotidiano	<p>M5: [...] sim, na hora de uma birra, ou na hora de banho, várias vezes detectei erros de</p>

	<p>cuidado... por exemplo: fui ajudar a subir no sofá e uma amiga disse, não deixa ele se virar sozinho, deixa ele sozinho.</p> <p>B11: [...] sim, na hora do banho...as vezes ela fica falando: não, não, não. Mas aí eu falo: vamo, mais firme... Você vai...ai eu penso: poderia ter falado de outro jeito</p>
Sim, palmada ou uma bronca exagerada	<p>M7: [...] dar palmada, discordo completamente. Esses dias falei pro mais velho: nunca imaginei que ia dar palmada no meu filho. E hoje eu penso que eu dou palmada quase todo dia</p> <p>M10: [...] acho que quando você está muito nervosa que você dá uma bronca que foi exagerada, mas aí eu também aprendi que não dá pra voltar atrás no meio do caminho, falou, tá falado</p>

Doze mães responderam afirmativamente a essa questão. Desse número, duas mães relacionaram ao uso de equipamentos eletrônicos em alguns momentos do dia. Outras duas acreditaram que agiram de maneira incorreta em práticas relacionadas a aspectos de higiene e saúde da criança. Uma mãe fez referência a situações que vivenciou no dia-a-dia com o filho: quando a criança “fez birra”, ou quando tentou ajudar quando a criança era capaz de realizar a atividade sozinha. Duas mães responderam que já brigaram ou fizeram uso da palmada em determinado momento, causando profundo descontentamento com tal atitude. Verbalizaram da seguinte forma: “esses dias falei pro mais velho: nunca imaginei que ia dar palmada no meu filho” (M8); e ainda: você dá uma bronca que foi exagerada, mas aí eu também aprendi que não dá pra voltar atrás no meio do caminho “(M10)”.

As repostas obtidas através das babás refletiram da seguinte forma: três afirmaram que discordaram de suas atitudes diante da necessidade da criança. Uma dessas babás respondeu que em alguns momentos, quando a criança que cuidava apresentava febre, a atitude da mãe a incomodou bastante: “quando o B.(criança) tá resfriado, com febre há três dias, mas a mãe não quis levar ao

médico. Eu discordei. Mas fiquei pra mim” (B4). Outra babá relatou da dificuldade que tinha para fazer a criança comer. Como a criança não gostava de se alimentar, o pai recorria a vitaminas durante a semana e quando começou a trabalhar, demorava mais de uma hora pra dar a refeição à criança. De acordo com o seu relato: “no passado, ele não comia comida, porque ele teve uma fase difícil. A gente passou um dobrado, era só não” (B5).

Oito babás relataram não lembrar se tinham realizado algo que as fizessem sentir incorretas ou em desacordos em relação a práticas de cuidados. Uma babá (B6) não respondeu a essa questão porque quando a entrevista foi realizada, a mãe da criança chegou ao local e a entrevistadora entendeu que seria melhor poupar a resposta da babá diante de sua contratante.

O exercício da parentalidade na contemporaneidade afetou a dinâmica da família e, conseqüentemente, atingiu o desenvolvimento infantil. Conforme Dessen (2010) abordou, a globalização, os novos meio de consumo, a tecnologia foram aspectos que colaboraram para essa transformação. Conforme o relato de duas mães, o uso de equipamentos tecnológicos foi utilizado em alguns momentos, para distrair a criança. Mesmo as mães reconhecendo que esse uso seja negativo, em alguns momentos pareceram alternativas para que a criança ficasse mais calma, dormisse ou se alimentasse. Uma mãe relatou que a babá, às vezes ligava para ela e relatava que a criança não queria comer. A fim de fazer a criança se alimentar, a babá usava o celular como distração. O relato foi: “a I. (criança) tá com mania de comer vendo celular. Ai eu falei: M. (babá) vamo parar com isso. Ai ela pequena, já acostumar com isso, agora, tira. Ai ela me liga... ah, não tá comendo, de jeito nenhum...tá bom...bota o celular, sabe? Sabe assim, entendeu?”(M2); .

Outro dado que pode ter implicação nessa questão retrata acerca do papel materno na sociedade. Conforme apontou Pinheiro e Basioli-Alves (2008), ainda cabe a mulher a responsabilidade não somente acerca do cuidado e da educação dos filhos, mas também o “cuidado afetivo da família”. O relato de ter feito algo que sentiu estar incorreto ou em desacordo pode emergir da sobrecarga de papéis desempenhados, ocasionados pela dupla jornada desempenhada. Mesmo tendo o auxílio de outras pessoas, o exercício da maternagem ainda é atribuído às mulheres (Carter & McGodrick, 1995).

Quadro 08: repostas dos participantes em relação à 8ª pergunta do questionário (mães) – Quando você contratou a babá para cuidar de seu filho, informou como deveria cuidar da criança e o que deveria ser priorizado nas práticas de cuidados?

Categorias de Análise – questão 08	Informações Obtidas
Priorizar o cuidado com a criança	M1: [...] quando ela chegou aqui eu combinei que ela não ia ser uso exclusivo da criança. Combinei que ia me ajudar em tudo da casa. A gente combinou assim: a prioridade a criança, se não der tempo de fazer, não deu. M4: [...] o cuidado com o B. porque eu sabia que voltaria a trabalhar, então ele precisava ser amparado M11: [...] sim, quando ela começou expliquei como seria porque precisava de alguém que dormisse porque meu marido viaja muito e eu trabalhava. Então eu precisava de ajuda pela manhã e quando ela chegava da creche. Ela fazia comida, ajudava no banho, essas coisas... M14: [...] sim, priorizar a hora de dormir, de tomar banho, de comer, nesse sentido, sim
Sim, mas dou flexibilidade	M2: [...] eu falo, mas ela também faz assim, eu deixo também fazer do jeito dela, não fico controlando tudo não. Porque eu acho difícil ficar com a criança, nem sempre vou tá ali na dinâmica. M7: [...] ela (babá) chegou aqui com 20 anos e não tinha experiência. Eu falava qual era a rotina, porque sempre falei que pra criança o importante é a rotina. Ensinei assim: tal hora acorda, dá um lanchinho...
Sim, mas sinto alguma dificuldade quando tenho que chamar a atenção	M3: [...] eu tenho dificuldade com advertência, eu tento de forma mais leve. Mas em algum momento direcionei, muito embora a gente

	tenha aprendido juntas.
Não, mas expliquei a rotina da família	M5: [...] não, basicamente eu ensinei o que a gente gosta e o que a gente não gosta, porque além dela cuidar da criança ela toma conta da casa também. Ela me ajuda com as coisas do dia-a-dia
A dinâmica de cuidados veio da babá	M6: [...] deixei ela...porque ela que sabia, eu não sabia de nada. Quem veio dar umas orientações foi minha irmã porque já tava acostumada a ter babá. E ela(babá) já tava acostumada, já tinha sido babá de muitas crianças M10: [...] na verdade não gosto de ficar dizendo como fazer. Deixei ela fazer do jeito dela e o que eu achava que podia ser diferente ou melhor ia dizendo, aparando, na verdade
Sim, foi uma construção	M8: [...] sim, claro! Foi uma coisa que a gente foi construindo, uma coisa do nosso relacionamento quando ela entrou M9: [...] foi um misto, porque ela é bem experiente, mas acho importante dizer de fato os pilares desse relacionamento, ne?
Sim	M12: [...] minha primeira orientação foi andar na rua com muita atenção, é uma neurose que eu tinha... mas como ela foi muito treinada pela minha mãe e minha irmã, ela veio praticamente pronta... M13: [...] assim, ela começou fazendo só plantão: chegava as sete e ia embora no outro dia as sete. Ela não lavava nem a roupa... depois ela ficou e ai fui explicando como seria o dia-a-dia. Agora ela até faz coisas para minha filha mais velha. M15: [...] sim, como ela já estava aqui quando ele nasceu acabou que foi seguindo a rotina que já existia com o mais velho. Como minha mãe mora aqui no prédio acaba que ela acaba vindo também, ela é muito dominadora... então a M.(babá) acaba ficando com o mais velho

Os dados obtidos das mães permitiram elencar categorias de prioridades nas quais as babás foram orientadas a executar a rotina da prática de cuidados da seguinte forma: quatro mães estabeleceram as prioridades a partir do cuidado com a criança, envolvendo aspectos que perpassaram a necessidade de manter uma rotina para a criança (hora para comer, dormir, tomar banho, que remetem aos cuidados básicos), ou seja, a necessidade da criança ser amparada enquanto a mãe não está presente. Ainda nesse quesito houve o relato da mãe no qual a babá

desempenha outras atribuições na casa, mas precisa conciliar suas atividades com o cuidado infantil.

Duas mães responderam que informaram a dinâmica da casa, mas permitiriam que as babás realizassem as práticas de cuidados com as crianças com mais flexibilidade, ou seja, a babá tinha certa autonomia para agir de acordo com as necessidades diárias da casa. Uma mãe revelou que, embora houvesse estabelecido às prioridades, tinha dificuldade em chamar atenção ou mesmo “dar uma advertência” a babá (M3). Outras duas mães afirmaram que foi um processo construído em conjunto. Três mães relataram que, embora tenham falado sobre as prioridades, cada um teve um foco diferente. A primeira direcionou as prioridades para quando a babá estivesse na rua com a criança, devendo esta permanecer atenta e de mãos dadas com a criança (B12); a segunda começou a trabalhar no período noturno, como “plantonista” e depois passou a ser efetivada (B13) e, a última mãe (M15) afirmou que conta com o suporte da avó materna no dia-a-dia da criança, o que permite que a babá fique mais com o filho mais velho. Apenas uma mãe respondeu que não informou as prioridades da criança porque a funcionária seria responsável pelo serviço da casa, além de cuidar da criança.

A família contemporânea trouxe características que afetaram a dinâmica dos relacionamentos entre cônjuges, filhos e a relação com a família extensa. Nesse sentido, ela passou de uma esfera pública para um núcleo mais privado o qual possibilitou uma maior intimidade entre seus membros, além de uma independência dos parentes, conforme apontou Singly (2010). O afastamento da família extensa ou a própria necessidade pessoal ou familiar, fez com que novos cuidadores fossem inseridos no meio familiar a fim de repartir as demandas

relacionadas à criação de filhos, tal aspecto confirmou o que Cardoso (2011) apresentou anteriormente.

A partir da entrada desses novos cuidadores no eixo familiar, os pais deveriam estabelecer as prioridades quanto aos cuidados infantis, pois, de acordo com Keller e Kartner (2013), eles seriam fundamentais na transmissão de valores e normas culturais. Mesmo que os pais não estejam presentes durante o dia, eles construíram ao longo de sua trajetória, crenças, valores e normas que acreditam ser importantes para o desenvolvimento da criança. Tais fatores precisariam ser ditos àqueles que estariam em contato direto com criança, pois estes influenciam no desenvolvimento da personalidade.

Outro dado relatado pelas mães nessa questão referiu-se a importância do sistema parental denominado cuidados básicos, apresentado por Keller (2005). A autora retratou a relevância desse sistema ao longo dos primeiros anos da vida da criança. O esforço desempenhado pelos cuidadores nesse sistema não foi traduzido apenas pela redução da angústia da criança, mas também pelo acolhimento para que a confiança, a segurança e a proteção fossem elementos para o desenvolvimento do self infantil.

Quadro 08: repostas dos participantes em relação à 8ª pergunta do questionário (babás) – Quando você contratou a babá para cuidar de seu filho, informou como deveria cuidar da criança e o que deveria ser priorizado nas práticas de cuidados?

Categorias de Análise – questão 08	Informações Obtidas
Priorizar o cuidado com as crianças	B1: [...] prioridade com os meninos, quando posso dou uma mãozinha na casa, mas eu sempre procuro fazer alguma coisinha, a comidinha deles... B2: [...] eu comecei antes dela ficar grávida, eu fazia de tudo em casa...depois que ele chegou (criança), ela sempre me falou que a prioridade

	<p>sempre foi ele... o mais importante é cuidar deles</p> <p>B3: [...] ela (mãe da criança) me perguntou se eu sabia dar banho, cuidar do umbigo... ela teve esses cuidados, perguntou quais procedimentos que eu fazia, como era em relação ao banho</p> <p>B9: [...] minha prioridade é ele, as outras coisas são pra depois, mesmo eu sabendo que tenho outras coisas pra fazer...</p> <p>B11: [...] eu durmo aqui então quando a B.(criança) chega da creche eu ajudo om as tarefas, dou banho, janta e ponho pra dormir. Quando ela não está eu ajudo nos afazeres da casa</p> <p>B12: [...] como sou babá das duas crianças, fico por conta deles, então levo pra creche, pra fono, pras atividades... tem a parte da alimentação que ela não é fácil pra comer, então tem a mamadeira... Banho, horário de escola ...faço tudo</p> <p>B13: [...] quando eu vim foi pra ficar com J. (criança), só com ele. Eu comecei no primeiro dia que ele chegou em casa... mas ai eu fui pegando o que ela(patroa) gosta e o que não gosta. Hoje, se for preciso, faço outras coisas também na casa...</p>
Função da babá	B4: [...] ela não estabeleceu rotina, só me perguntou qual era o serviço da babá, eu expliquei e pronto. A rotina que as crianças tem hoje fui eu que estabeleci: hora do almoço, de lanche, do banho...
Rotina da criança	<p>B5: [...] foi uma coisa corrida porque ela tava trabalhando no carnaval... ela me passou o que eu tinha que dar pra ele, as horas do banho, de levar pra escola, hora de fazer tudo, levar pra passear no parquinho... ela também ficava preocupada em relação a comida porque ele era um pouco preguiçoso</p> <p>B15: [...] tem três anos que eu vim e foi pra cuidar do mais velho... levar nas atividades... com o pequeno eu fico quando ela sai pra trabalhar, a tarde...coloco pra dormir, brinco...</p>
Não por saber que a babá tinha experiência	<p>B6: [...] ela não falou nada não, porque eu já tinha uma filha e minha tia trabalha pra irmã dela também. Praticamente ela não disse pra fazer nada, ela deixou no ritmo.</p> <p>B8: [...] não exatamente, ela teve boas referências minhas, então quando cheguei aqui eu tive treinamento de um dia com a enfermeira que tava saindo. Ela me passou algumas coisas, nao mais do que eu sabia, entendeu?</p> <p>B14: [...] não...ela não passou algo determinante assim não...mas não lembro. Foi muito rápido porque minha antiga patroa tava indo embora e já entrei aqui. Foi uma entrevista bem rápida. A outra babá estava gestante e saindo daqui e ai eu entrei Mas não teve nada assim, ou regrinhas ou alguma coisa assim, não ...</p>
Cuidado com a alimentação	B7: [...] ela me informou muito sobre

	alimentação, priorizou muito a alimentação ... eu acho que foi isso mesmo, de cuidados mais sobre alimentação
A dinâmica veio da babá e com conversa	B10: [...] ela deixou eu cuidar do meu jeito, eu fui sabendo entender ela e ela me entender. As vezes eu achava ela brava, cada dia de uma jeito. Ai falei que ela parecia bipolar, aí ela me explicou, me orientou e graças a Deus outra paz

As categorias estabelecidas a partir das respostas das babás não diferiram em muito ao que as mães relataram. Do total de participantes, nove babás afirmaram que a prioridade estava relacionada ao cuidado primário/rotina da criança (banho, alimentação, proteção) e levar às atividades extracurriculares (natação, aula de psicomotricidade, aula de musicalização, consultas ao fonoaudiólogo) e a creche. Três babás responderam que não houve estabelecimento das prioridades, pois elas já tinham experiência e, por isso, as mães das crianças acreditaram que isso seria suficiente para exercerem tal função. Outra babá disse que teve uma rápida entrevista e em seguida começou a trabalhar, fazendo o que já era sua rotina. Uma babá afirmou que a prioridade relacionava-se a alimentação da criança, outra afirmou que a contratante deu liberdade para desempenhar seu papel, de acordo com sua experiência. Uma última babá trouxe em seu relato que as prioridades foram estabelecidas pela sua experiência, não tendo participação da mãe.

Notou-se no discurso das babás que existe a necessidade de manter os elementos básicos de sobrevivência para crianças de zero a três anos de idade, sendo esse fator algo que foi estabelecido pela mãe ou pelas próprias babás. Esse aspecto corroborou, ainda mais uma vez, para a importância do sistema parental de Keller (2005), o de cuidados básicos.

O cuidar de um bebê na sociedade, de certa forma sempre empreendeu um esforço por parte do cuidador. Muitas vezes sugeriu-se que os interesses pessoais

fossem postos de lado, visando o bem-estar da criança. Se isso não foi realizado pelos pais, um cuidador “especializado” poderia fazê-lo de forma a garantir o desenvolvimento mais adequado possível. Uma vez que o cuidar infantil passou a ser compartilhado por outros cuidadores, novas formas de cuidado foram estabelecidas, principalmente nos grandes centros. Nesses locais, a proximidade com a família extensa nem sempre foi possível, dificultando a rede de apoio e o suporte emocional por parte desses integrantes, conforme tratou Oliva, Pugliese e Cindra (2018).

Quadro 09: repostas dos participantes em relação à 9ª pergunta do questionário (mães) - Você considera o afeto importante na relação com seu filho? Por quê?

Categorias de Análise – questão 09	Informações Obtidas
Apego, confiança, carinho, amor	<p>M1: [...] porque o afeto é... a criança tem que ter um apego a você, confiar em você, ter carinho... isso é fundamental</p> <p>M4: [...] fundamental, ne? carinho, nossa... Deus me livre se a criança não receber o afeto da mãe, da família. Vai ser uma criança com problema, com carências, com traumas, com complexos</p> <p>M5: [...] afeto é importante em qualquer fase da vida... o afeto é importante na educação, serve pra mostrar, pra direcionar o caráter da criança pro bem, o afeto é muito importante nessa fase de crescimento</p> <p>M6: [...] o amor e o afeto é uma coisa mais importante, porque é muito bom você trocar carinho com seu filho, uma coisa que tava dentro de você, entendeu?</p> <p>M12: [...] acho que os laços se estabelecem na primeira infância, então o amor, saber que a mãe a ama, da segurança pra criança, dar colo...[e muito básico</p>
Segurança, empatia em relação ao outro	<p>M2: [...] ele é tudo, ne? criar crianças que se colocam no lugar do outro, que tenham segurança de que foram amados. Você receber afeto e depois transforma numa pessoa mais segura, mais tranquila, menos ansiosa, que pensa de forma mais coletiva</p> <p>M7: [...] afeto é toda a segurança da pessoa, as vezes tô brigando com eles mas não deixo de demonstrar um tipo assim, que aquilo é um processo de educação. Eu acho que o afeto dá</p>

	<p>essa segurança</p> <p>M13: nossa, mas eu considero muito importante porque a pessoa que ele mais confia sou eu, ne? e acho que a gente tem que passar segurança pros nossos filhos, ne? Pra ser mais seguro de si, né?</p> <p>M15: [...] acho importante porque cria esse ambiente seguro, de positividade, de carinho você leva isso pra frente....</p>
Conexão emocional	<p>M3: [...] é uma conexão se segurança emocional, criando que confia no próximo, que confia nas relações, que confia em si mesmo</p> <p>M9: [...] o afeto vai criar as conexões principalmente na primeira infância... acho que é o momento mais importante da gente ter o afeto, isso vai dar segurança para que ela continue se desenvolvendo</p>
Base do relacionamento	<p>M8: [...] o afeto constrói a base de um relacionamento duradouro... o que vai estabelecer as bases da nossa relação quando ele for adulto será nossa relação de afeto</p> <p>M10: [...] essencial porque sem o afeto eu acho que ninguém dá conta dos cuidados com a criança. Porque é muito exaustivo, consome demais, é um trabalho intenso, porque se você não gostar de criança você não faz</p> <p>M14:[...] acho indispensável, o número um, porque efetivamente é através dele que você cria uma ligação, ne?</p>
Formação da personalidade	<p>M11: [...] eu acho que é 100% da formação de...um exemplo que você tem de casa, a presença e o afeto formam a personalidade de um ser humano...</p>

A última questão tratou acerca do afeto, pois a realização de práticas de cuidados infantis pressupôs o envolvimento do cuidador no ato de cuidar, e conseqüentemente a disponibilidade de envolvimento emocional, físico e psicológico. Uma vez presente, o afeto contribuiu para a transmissão de valores, crenças. A valorização do afeto nas relações familiares foi apontada por Àries (1978) quando a criança foi trazida novamente para o seio familiar. A família moderna se abriu para mudanças sociais e voltou para o aspecto mais afetivo, valorizando seu núcleo interno e distanciando do contato com a comunidade e a família extensa, conforme Jablonsky (1994) argumentou. Na contemporaneidade, a família passou a ser mais relacional, individualista e privada. Nesse sentido, houve uma maior ênfase no compartilhamento da intimidade e preocupação com a

qualidade das relações estabelecidas entre seus membros. Essas modificações fizeram a família mais consumidora e produtora de bens materiais e culturais. Novos padrões de relacionamentos ganharam espaço na sociedade e consequentemente alteraram a afetividade nas relações conjugais e parentais (Oliveira, 2009).

A relevância do afeto nas respostas maternas permitiu a criação de oito categorias que entram em consonância com aspectos psicológicos relacionados aos sistemas parentais de Keller (2005). Assim, elementos como segurança, proteção, vínculo emocional, sentimento de pertencimento familiar foram alguns fragmentos apontados nas repostas e que poderiam ter ligação direta a conteúdos psicológicos apresentados nesses sistemas. As categorias elencadas partir do discurso materno correlacionou o afeto com apego, confiança, carinho, amor, segurança, empatia em relação ao outro, conexão emocional, base do relacionamento e formação da personalidade.

Duas mães quando questionadas sobre a importância do afeto relataram que sentiam dificuldade em saber conceitua-lo, tendo dificuldade em responder a questão (M1 e M4).

Quadro 09: repostas dos participantes em relação à 9ª pergunta do questionário (babás) - Você considera o afeto importante na relação com seu filho? Por quê?

Categorias de Análise – questão 09	Informações Obtidas
Carinho	B1: [...] é muito importante pra conviver com ele tem que ter o afeto, tem que ter um carinho, nossa...como se fosse meu B2: [...] acho que é o carinho que a gente tem, que eles tem comigo, porque se não tiver carinho, você não tem cuidado B7:[...] porque pela ausência da mãe eu fico muito com eles, se tem um carinho, uma afeto faz muita diferença, porque criança precisa disso

	<p>B8: [...] eu acho muito importante porque comigo que ele vai tá a maior parte do tempo. Então quando não está a mãe e o pai ele tem que ter uma pessoa que ele tenha segurança, dar carinho, atenção</p> <p>B14: [...] acho que é o carinho, se eu for carinhosa ela vai aprender a ser assim, não só comigo...</p> <p>B15:[...] ele é uma criança e precisa de carinho, de afeto. A gente tem que respeitar, amar, porque é uma criança, são indefesos...</p>
Cuidado como se fosse filho	<p>B3: [...] assim, eu tenho uma relação com ela muito.... Cuido como se fosse minha filha. Não tem como não se apegar a uma criança, eu cuido dela como se fosse minha filha. Então todo amor que eu dei pros meus filhos eu procuro dar pra ela</p>
Sim, demonstra o cuidado	<p>B4: [...] quando a gente cuida a gente faz o que gosta, então ter que ter o afeto com eles e eles pela gente</p> <p>B5: [...] se você não tiver afeto como é que vai cuidar da criança? Você não cuida, não tem como, se a criança não gostar de você como é que fica? Parece que você tá torturando</p> <p>B12: [...] Ah, é super importante porque você cuida, vai demonstrando o carinho, afeto, porque eles ficam a maior parte do tempo comigo...</p>
Amor	<p>B6: [...] ter afeto é importante porque a criança tá observando, ela tá vendo que você tem aquele amor por ela... e conforme você cuidar e quanto mais eu der amor pra ele, mais ele vai gostar... mais ele vai se relacionar comigo</p> <p>B11: [...] é o amor, né? A criança tem que sentir essa proteção minha, tanto da mãe quanto do pai...porque quando eles saem ela fica comigo, então tem que ter esse afeto. É como se fosse meu filho...o que eu passo pros meus filhos de amor e carinho eu tenho que ter por ela</p> <p>B13: não tem como não ter amor, porque é minha vida. Eu fico 24 horas com ele, por conta dele, desde o dia que ele nasceu. Então é uma relação muito forte, é como se fosse um filho, como se fosse meu filho...</p>
Reconhecimento do trabalho	<p>B9: [...] afeto é tudo, já cuidei de tantas crianças, mas me emociono quando lembro que fiz parte da vida delas, pra mim é reconhecimento do trabalho que fiz a vida toda</p>
Segurança	<p>B10: [...] se a criança não tiver segurança em você acho que não tem como cuidar por cuidar. A criança quer carinho, quer brincar... e tem que ter amor, a compreensão, acho que é isso</p>

As categorias elencadas nessa questão a partir das repostas das babás se assemelharam aquelas que foram descritas pelas mães, a saber: carinho, cuidado, amor e segurança. Outra, no entanto, foi relatada por uma babá que tratou do

reconhecimento do seu trabalho. Também houve nos discursos dessas cuidadoras uma fala que revelou a profunda interação entre babá e criança, verbalizada por pelo menos seis babás ao longo dos discursos: “a gente cuida como filho, não é filho de sangue, mas é filho de coração” (B1). Outra babá afirmou: “cuido como se fosse meu, sem dúvida, acho que até melhor” (B2). Houve ainda a seguinte descrição: “cuido dela como se fosse minha filha, porque eu não quero mais ter filho... todo amor que eu de pros meus filhos eu procuro dar pra ela...” (B3). Uma babá relatou: “Eu fico 24 horas com ele, por conta dele, desde o dia que ele nasceu. Então é uma relação muito forte, é como se fosse um filho, como se fosse meu filho...” (B1). Esse item demonstrou que não somente as crenças, mas a forma de cuidar pareceu influenciada por contextos sociodemográficos, o que acordou com o que Greenfield, Flores, Davis e Salinkhan (2008) apontaram no estudo realizado com mães e babás imigrantes.

9 Considerações finais

As inúmeras transformações que a sociedade vivenciou ao longo da história, podem ter modificado a dinâmica e constituição do que chamamos de família, contudo ela continua sendo a instituição primária de vida do indivíduo, seja pelo estabelecimento de laços sanguíneos ou afetivos.

Na Idade Média, a família era vista como uma extensão da sociedade, não havia valorização das relações intrafamiliares. Cabia ao pai à função de manutenção de sua prole, e a mãe, cuidar da casa, das necessidades que geravam em torno da demanda dos demais membros pertencentes a esse núcleo. Quando a criança passa a ser inserida nesse contexto, o sentimento de família começou a ser valorizado, promovendo um distanciamento entre o público (sociedade) e o privado (família).

Na contemporaneidade, a família pode assumir uma posição mais fluida, apresentando aspectos de liberdade, de escolha, respeito, individualidade e afetividade. Ela está mais aberta às mudanças sociais e convive com diferentes arranjos conjugais e familiares. Essas características foram provenientes das diversas transformações demográficas que a população vivenciou, das relações que se estabeleceram entre vida familiar e profissional e dos papéis que homens e mulheres têm desempenhado socialmente.

Quando se trata de práticas de cuidados infantis, estudos apontaram sobre um maior envolvimento paterno na criação, formação e no desenvolvimento da criança. Contudo, ainda cabe a figura materna grande parte dos afazeres relacionados a manutenção e cuidado da família. Nesse cenário, as babás se tornaram importantes, pois auxiliam nas diversas demandas necessárias ao cuidado infantil.

O estudo realizado apresentou doze categorias que foram elencadas a partir do discurso de mães e babás, quanto a práticas de cuidados infantis. Tais categorias puderam revelar que o investimento parental ofertado por um cuidador relaciona-se a aspectos afetivos, seja para atender a necessidade da criança, seja para atender o meio familiar. Nesse sentido, faz-se de suma importância a disponibilidade emocional e psicológica por parte de cuidador, a fim de propiciar um ambiente seguro para o desenvolvimento da criança.

A pesquisa realizada permitiu comparar as práticas entre mães e babás e constatou que as categorias que encontraram consonância, nas repostas obtidas pelas participantes, trataram acerca de aspectos como: amor, segurança, carinho, atenção, respeito, contato, presença, cuidar do bem-estar.

Em relação ao estudo de crenças, sabe-se que estas serão determinantes na propagação de conteúdos socioculturais para as crianças e, influenciam a formação cognitiva da criança, necessárias para a constituição do *self*. As crenças envolvem elementos relacionados às rotinas que são estabelecidas na família, decisões a serem tomadas por parte dos cuidadores e que serão transmitidos como um costume a criança.

As crenças são efetivadas a partir de um sistema de parentalidade, que se diferem quanto às demandas ambientais e culturais nas quais os cuidadores estão inseridos. O estudo dos cinco sistemas de cuidado parental demonstrou que mães e babás valorizam o contato corporal. A experiência de transmitir calor emocional pode promover um vínculo emocional mais forte, fazendo com a criança vivencie sentimentos de pertença e de parentesco. Esses sentimentos parecem estar diretamente relacionados com o que foi transmitido anteriormente aos cuidadores, e têm a função de preparar a criança para viver no seu primeiro grupo social, a

família. O estudo também apontou a importância do sistema face-a-face por ambas as cuidadoras. Esse sistema pode favorecer a compreensão do bebê quanto a si mesmo, através das respostas imediatas e dos sinais provenientes do seu cuidador.

Ainda sobre crenças, mães e babás trouxeram lembranças do que foi aprendido com os pais ou outros cuidadores. As músicas e algumas regras de convívio social foram às recordações mais evocadas. Algumas babás relataram que, embora tenham crescido em locais inseguros, os pais ou outros cuidadores ensinaram regras de convívio social e moral. Essas regras eram transmitidas às crianças que cuidavam porque acreditavam nesses princípios e valores para uma sociedade melhor.

Quanto à nuvem de palavras, os destaques relacionaram ao cuidado que permeia o desenvolvimento infantil como: criança, brincar, carinho, segurança, mãe, cuidado, colo, olhar, revelando a importância das práticas de cuidado e das relações que são estabelecidas a partir das primeiras interações.

As limitações do estudo apontam para uma análise com famílias de configurações, majoritariamente, nucleares. Outro fator se deve a coleta de dados, obtida através de entrevista semiestruturada. O número de participantes e o local de moradia também podem ser considerados um elemento que limitou a investigação de práticas e crenças de cuidado parental.

Acredita-se que o trabalho possa contribuir para demonstrar o quanto as práticas de cuidado infantil, realizadas por diferentes cuidadores, podem impactar direta e indiretamente o desenvolvimento infantil. Portanto, sugere-se que novos estudos sejam realizados a fim de ampliar as investigações referentes à temática de crenças e práticas de cuidados. Para tal, recomendam-se medidas de

intervenção com grupos de atendimentos aos envolvidos nos cuidados, através da publicação de artigos científicos, entrevistas e palestras para o público em geral.

10 Referências bibliográficas

- Ackerman, N. (1971). *Diagnóstico y tratamiento de las relaciones familiares*. Buenos Aires: Hormé.
- Almeida, L. S. (2018). Famílias Cariocas e os Cuidados Infantis. In: L. F.-d.-M. Pessôa, *Parentalidade: diferentes perspectivas, evidências e experiências* (pp. 131-150). Curitiba: Appis.
- Àries, P.-1. (2016[1978]). *História social da criança e da família*. Tradução de Dora Flakman. Rio de Janeiro: LTC.
- Bandeira, T., Seidl-de-Moura, M., & Vieira, M. (2009). Metas de socialização de pais e mães para seus filhos. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 19(3), 445-456.
- Campos, A. L. (2003). *Casamento e Família em São Paulo Colonial*. Paz e Terra.
- Cano, D., Gabarra, L., Moré, C., & Crepaldi, M. (2009). As transições familiares do divórcio ao recasamento no contexto brasileiro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(2), 214-222
<https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722009000200007>.
- Cardoso, A. R. (2011). *Avós no século XXI*. Curitiba: Juruá.
- Carter, B., & MC Goldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cervený, M. D. (2000). *A família como modelo - Desconstruindo a Patologia*. Campinas: Livro Plenos.
- Costa, F. A., & Marra, M. M. (2013). Famílias brasileiras chefiadas por mulheres pobres e monoparentalidade feminina: risco e proteção. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 21(1), 141-153.
- Costa, J. M., & Dias, C. M. (2012). Famílias recasadas: mudanças, desafios e potencialidades. *Psicologia: teoria e prática*, 14(3), 72-87.
- Da Matta, R. (1987). *A família como valor: considerações não-familiares sobre a família brasileira*. Rio de Janeiro: UFRJ.

- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2000). *Handbook of Qualitative Research*. Sage Publications, Inc.
- Estatística, I. B. (2015). *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Féres-Carneiro, T. (2000). *Casal e Família, permanência e rupturas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ferreira, A. B. (2010). *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Positivo.
- Freyre, G.-1. (2006). *Casa Grande Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global.
- Garra, C., Lavelli, M., & Keller, H. (2014). Differences in practices of body stimulation during the first 3 months: Ethnotheories and behaviors of Italian mothers and West African immigrant mothers. *Infant Behavior and Development*, 37, 5-15, Elsevier.
- Goetz, E. R., & Vieira, M. L. (2013). *Pai real, pai ideal*. Curitiba: Juruá, 3a impressão.
- Goodnow, J. (1988). Parent's ideas, action and feelings: models and methods from developmental and social psychology. *Child Development*, 286-320.
- Goodnow, J. (1996). From household practices to parents' ideas about work and interpersonal relationships. In: S. Harkness, & C. M. Super, *Parents' cultural, belief*. New York (NY): Guildfor Press.
- Green, J. Y. (2017). *Socialization Goals and Parenting Beliefs: a Study of Rwandan Infant Caregivers* (Doctoral dissertation, The Chicago School of Professional Psychology. Ann Arbor: Retrieved form ProQuest Dissertations. Order No. 10635665.
- Greenfield, P. M. (2008). What happens when parents and nannies come from different cultures? Comparing the caregiving belief systems of nannies employers. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 29, pp. 326-336.
- Guiddens, A. (1993). *A transformação da intimidade sexual: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Universiade Estadual Paulista.
- Harkness, S. S. (2006). Themes and Variations: Parental Ethotheories in Western Cultures. In: K. H. Chung(Eds), *Parenting beliefs*,

behaviors, and parent-child relations: A cross-cultural perspective (pp. 61-79). New York (NY): Psychology Press.

Harkness, S. S. (2007). *Cultural models and developmental agendas: Implications for arousal and self-regulation in early infancy*. *Journal of Developmental Process*, 1 (2).

Harkness, S. S. (s.d.). Cultural models and developmental agendas: Implications for arousal and self-regulation in early infancy. *Journal of Developmental*, 1(2), pp. 5-39.

Harkness, S., & Super, C. M. (1995). *Parent's cultural beliefs systems: their origins, expressions and consequences*. New York: The Guilford Press.

IBGE. (2010). *Censo demográfico*. Disponível em: www.censo2010.ibge.gov.br: Recuperado em dezembro de 2018 .

Jablonski, B. (1994). Até que a vida nos separe: o enfoque psicossocial. *Temas em Psicologia*, vol 2 n.2, pp. 65-73.

Jablonski, B. (1999). Identidade Masculina e o exercício da paternidade: de onde viemos e para onde vamos. In: T. Féres- Carneiro, *Casal e Família: entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro: NAU.

Kagitçibasi, Ç. (1996). The autonomous-relational self: A new synthesis. *Europeana Psychologist* 1(3), 180-186.

Keller, H. (2002). Development as the interface between biology and culture: A conceptualization of early ontogenetic development. In: Y. P. H. Keller, *Cambriges studies in cognitive perceptual development. Between culture and biology: Perspectives on ontogenetic development* (pp. 215-240). New York (NY): Cambridge University Press.

Keller, H. (2012). Autonomy and Relatedness Revisited: Cultural Manifestations of Universal Human Needs. *Child Developmental Perspective*, volume 6.

Keller, H. K. (2005). *Parenting, culture and developmental: a comparative study*. San José: Instituto de Investigaciones Psicológicas.

Keller, H. K. (2013). Development: The cultural solution of universal developmental tasks. In: M. C. Gelfand, *Advances in culture and psychology* . New York: Oxford University Press.

Kobarg, A. S. (2006). Valores e crenças parentais: reflexões teóricas. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, 16

- (2),
http://pepisc.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822006000200010.
- Lordelo, E. R. (2000). Responsividade do ambiente de desenvolvimento: crenças e práticas como sistema cultural de criação de filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13 (1), 73-80
<https://dx.doi.org/10.1590/S0> .
- Martins Filho, J. (2012). *A criança terceirizada: os descaminhos das relações familiares no mundo contemporâneo*. Campinas, SP: Papyrus.
- Menegatti, C. L. (2016). Interações iniciais entre pais, mães e bebês de 0 a 3 anos: Revisão de literatura. *Estudos de Psicologia, Natal*, 21 (4), 381- 391 <https://dx.doi.org/10.5935/1678-4669.20160037>.
- Miller, S. A. (1988). *Parent's beliefs about children's cognitive development*. Child Developmentt.
- Moreira, L. V. (2011). *Família e Parentalidade: olhares da Psicologia e da História*. Curitiba: Juruá.
- Mrazek, D. (2013). Caregiving in Early Childhood. In: R. M. Talley, *Perspectives on caregiving across life span: Currents status and future directions* (pp. 11-20, https://doi.org/10.1007/978-1-4614-5553-0_2). New York, NY: Springer.
- Oliva, A. D. (2019). Reflexões sobre algumas crenças parentais e práticas de cuidado. In: L. F.-d.-M. Pessoa, *Parentalidade: Diferentes perspectivas, evidências e experiências* (pp. 151-167). Curitiba: Appris.
- Oliveira, D. B. (2011). *Famílias contemporaneas: as voltas que o mundo dá e o reconhecimento jurídico da homoparentalidade*. Curitiba: Juruá.
- Oliveira, N. H. (2009). *Recomeçar: famílias, filhos e desafios(online)*. São Paulo: UNESP, <https://doi.org/10.7476/9788579830365>.
- Pessoa, L. F.-d.-M. (Mar de 2016). Sistemas de cuidados e o discurso de diferentes cuidadores do Rio de Janeiro: evidências de trajetória de desenvolvimento. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33 (1), pp. 71-82 <https://dx.doi.org/10.1590/1982-02752016000100008>.
- Pinheiro, M. H.-A. (2008). A família como base. In: L. N. Weber, *Família e Desenvolvimento: Visões Interdisciplinares*. Curitiba: Juruá.

- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Rubin, K. H. (2006). *Parenting Beliefs, Behaviors, and Parent-Child relations: a cross- cultural perspective*. New York, NY: Psychology Press.
- Samara, E. M. (1993). *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense.
- Seidl-de-Moura, M. L. (2009). *Interação Social e Desenvolvimento*. Curitiba: CRV.
- Seidl-de-Moura, M. L.-B. (2014). Beliefs of Mothers, Nannies, Grandmothers and Daycare Providers Concerning Childcare. *Paidéia (Riberão Preto)*, 24 (59), 341-349
<https://dx.doi.org/10.1590/1982-43272459201408>.
- Sigel, I. E. (1992). The Belief- Behavior Connection: A Resolvable Dilemma? In: I. E.-d. Sigel, *Parental beliefs systems: The psychological consequences for children* (pp. 433-456). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Singly, F. (2010). *Sociologia da Família Contemporânea*. Lisboa: Texto Grafia, 4 ed.
- Suizzo, M. A. (2002). French parent's cultural models and childrearing beliefs. *The International Society for the Study of Behavioural Development*, 26 (4), pp. 297-307.
- Vieira, M. L.-d.-M. (s.d.). Autonomy and Interdependence: Belief Brazilian Mothers from States of Capital and Smalls Towns. *The Spanish Journal of Psychology*, vol 13, no 2, pp. 818-826.
- Vinuto, J. (2014). A Amostragem em Bola de Neve na Pesquisa Qualitativa: Um Debate Em Aberto. *Temática, Campinas*, 22 (44), 203-220.
- Zdravomyslova, E. (2010). Working Mothers and Nannies: Commercialization of Childcare and Modifications in the Gender Contrat (A Sociological Essay). *Antropology of East Review*, 28 (2), pp. 200-225.



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “Sistemas de cuidado de mães e babás na família contemporânea”, realizada pela mestrandia Isabela Cristina Martins Gonçalves Sena e orientada pela professora Dra. Luciana Fontes Pessôa, da PUC/RJ.

Objetivos - Nesta pesquisa pretendemos investigar e comparar as crenças e práticas de cuidados compartilhados por mães e babás de crianças pré-escolares de diferentes arranjos familiares na cidade do Rio de Janeiro. O motivo que nos leva a estudar sobre essa prática de cuidado compartilhado decorre, principalmente, das mudanças sociais que afetam a família contemporânea. No contexto atual, o pai deixou de ser o único provedor do lar. As mulheres, por desejo pessoal e profissional estão inseridas no mercado e pra conciliar com a maternidade, precisam de apoio para o cuidado com os filhos. Nesse sentido, a figuras da babá se torna fundamental para a realização desses cuidados.

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes **procedimentos**:

A pesquisa será realizada através de entrevista, com duração aproximada de 20 minutos, e para tal utilizaremos um gravador, mediante a autorização do participante. Após a coleta e transcrição dos áudios, a gravação será apagada e, de forma alguma o participante terá seu nome e dados pessoais divulgados, como garantido pelo sigilo e confidencialidade garantidos pela legislação brasileira.

Risco - Existe a possibilidade mínima de risco na pesquisa, conforme aponta a resolução 466/12, artigo V. Caso se sinta desconfortável poderá solicitar ajuda ao pesquisador entrevistador que acolherá o que for apresentado e, se necessário for encaminhará a atendimento especializado.

Benefícios - A pesquisa contribuirá para que estudos científicos relacionados à articulação de crenças e práticas de cuidado parental se tornem mais difundidos no Brasil, além de apresentar como essas práticas influenciam na vida da criança.

Alternativa de Participação - Para participar do estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você tem garantia plena liberdade de recusar-se a participar da pesquisa, em qualquer fase, sem

necessidade de comunicado prévio. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma como você é atendido pelo pesquisador. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar o estudo. Seu nome ou o material que indique sua participação não serão liberados sem a sua permissão.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido encontra-se impresso em duas vias, ficando uma com você e a outra será arquivada na Puc/RJ. Os dados e instrumentos utilizados ficarão arquivados por um período de cinco anos e depois serão destruídos.

Confidencialidade - Os pesquisadores tratarão sua identidade de acordo com os padrões de sigilo e confidencialidade profissionais garantidos na legislação brasileira. As informações serão para fins acadêmicos e científicos.

Dúvidas e Reclamações – Este estudo está vinculado a PUC/R.J., através do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e tem como pesquisadora a mestrandia Isabela Cristina Martins Gonçalves Sena e orientadora a professora Dra. Luciana Fontes Pessôa. Caso seja necessário contactar a pesquisadora poderá fazê-lo através do e-mail: isabelasenaspsi@gmail.com ou ainda pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ), pelo telefone (21) 3227-1134.

Eu, _____, concordo em participar da pesquisa e fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “Sistemas de cuidado de mães e babás na família contemporânea” de maneira clara e detalhada. Recebi uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Rio de Janeiro, _____ de _____.

Nome:

Endereço:

Nome do Pesquisador Responsável: Luciana Fontes Pessôa

Endereço: Rua Marquês de São Vicente, 225

Telefone: (21) 3527-1183

Departamento de Psicologia

Rua Marquês de São Vicente, 225, Sala 201L - Gávea – CEP: 22543-900

Rio de Janeiro - RJ - Tel. (021) / 3527.1001 / 3527.2286

E-mail: psipos@puc-rio.brQUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Nome da criança: _____

Sexo: ()F ()M

Idade da criança: _____ anos Bairro de residência da
criança: _____

Configuração familiar:

A criança tem irmãos(ãs)? ()Sim ()Não

Quantos? _____ irmãos(ãs)

A criança já fez ou faz acompanhamento psicológico ou psiquiátrico? ()Sim ()Não

Quem são as pessoas que habitam com a criança?

Grau de Parentesco com a criança	Idade

Nome da

mãe: _____

Média diária de tempo da mãe com a criança: _____ horas

Situação conjugal da mãe: ()Solteira ()Casada ()União estável
()Viúva

Idade da mãe: _____ anos

Escolaridade da mãe: ()Ens. fundamental incompleto ()Ens.
fundamental completo

()Ens. médio incompleto ()Ens. médio
completo

()Ens. superior incompleto ()Ens. superior
completo

()Pós-graduação incompleta ()Pós-graduação
completa

Nome da

babá: _____

Média diária de tempo da babá com a criança: _____ horas

Situação conjugal da babá: ()Solteira ()Casada ()União estável
()Viúva

Idade da babá: _____ anos

Escolaridade da babá: ()Ens. fundamental incompleto ()Ens.
fundamental completo

()Ens. médio incompleto ()Ens. médio
completo

()Ens. superior incompleto ()Ens. superior
completo

()Pós-graduação incompleta ()Pós-graduação
completa

Telefones: () _____ / () _____ / () _____

Telefones alternativos: () _____ Falar com:

() _____ Falar com:

E-mail: _____

Data da aplicação: ____ / ____ / ____

Duração:

Entrevista

1 – O que você acredita ser importante na prática de cuidados diários com criança?

2 – O que você destacaria como sendo o mais importante?

3 – Você, de fato, realiza isso que considera mais importante, no seu dia-a-dia, quando está cuidando do seu filho(a)/ criança?

4 – Quanto tempo você fica com seu (sua) filho(a)/ criança(babá), levando o período em que ele(a) está acordado(a)?

5 – Você consegue destacar, pensando em suas práticas de cuidado com a criança, algum comportamento ou crença que você tenha aprendido com seus pais/cuidadores?

6 – Existe alguma coisa que você aprendeu com a babá, sobre práticas de cuidado diários com crianças?(Para mãe)

6 - Existe alguma coisa que você aprendeu com sua contratante, sobre práticas de cuidado diários com crianças?(Para babá)

7 – Existe alguma coisa que você já fez, em relação a práticas de cuidados, que sentiu estar incorreta ou discordava do que estava fazendo?

8 – Quando você contratou a babá, informou como deveria cuidar da criança e o que deveria ser priorizado nas práticas de cuidado? (Mãe)

8 – Quando você foi contratada, a sua contratante informou como deveria cuidar da criança e o que deveria ser priorizado nas práticas de cuidado? (babá)

9 – Você considera o afeto importante na relação com seu filho(a)/criança? Por que?